

MARIO LUIZ COUTO BARROSO

**VALIDAÇÃO DO *PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE*
ADAPTADO PARA DETERMINAR
MOTIVOS DE PRÁTICA ESPORTIVA
DE ADULTOS JOVENS BRASILEIROS**

Dissertação de Mestrado

FLORIANÓPOLIS

2007

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO ESPORTE - CEFID
COORDENADORIA DE PÓS GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU*
MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**VALIDAÇÃO DO *PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE*
ADAPTADO PARA DETERMINAR
MOTIVOS DE PRÁTICA ESPORTIVA
DE ADULTOS JOVENS BRASILEIROS**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação /
Mestrado em Ciências do Movimento Humano do Centro
Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade
do Estado de Santa Catarina (UDESC) como requisito
parcial para obtenção do grau de mestre em Ciências do
Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Ruy Jornada Krebs

FLORIANÓPOLIS

2007

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DESPORTOS – CEFID
COORDENADORIA DE PÓS GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU*
MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação:

**VALIDAÇÃO DO *PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE*
ADAPTADO PARA DETERMINAR
MOTIVOS DE PRÁTICA ESPORTIVA
DE ADULTOS JOVENS BRASILEIROS**

**ELABORADA POR
Mario Luiz Couto Barroso**

Como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ciências do Movimento Humano.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ruy Jornada Krebs

Orientador / Presidente

Prof. Dr. Sebastião Iberes Lopes Melo

Membro / UDESC

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento

Membro / UFSC

Prof. Dra. Maria Regina Ferreira Brandão

Membro / Univ. S. Judas Tadeu

Prof. Dra. Susana Domeneck

Suplente /UDESC

FLORIANÓPOLIS, 13 DE DEZEMBRO DE 2007.

À minha mãe, Norma, que sempre soube me motivar em todos os sentidos. À Carol e Ana Júlia, que me ensinaram uma das melhores traduções da palavra “família”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, amigos, professores, colegas e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

À minha mãe, que sempre me incentivou a seguir em frente e a nunca desistir.

À Carol, que, desde que me conheceu, me ajuda e me apóia em todos os sentidos, e, nesta reta final, abriu mão de seu tempo pessoal, lendo e comentando este trabalho... certos trechos, mais de uma vez... sempre com um sorriso no rosto.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ruy Jornada Krebs, que me ensinou a pesquisar “de verdade”, acreditou em meu potencial desde o início e concordou em enfrentar os desafios da Estatística e Psicometria ao meu lado para a realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento, que me apóia desde a graduação, e contribuiu para este trabalho cedendo livros e fazendo comentários que deram novos rumos ao processo.

A todos os membros de minha banca de defesa, que, de uma forma ou de outra, colaboraram muito para este trabalho antes de receberem a versão final.

A todos os membros da comissão de especialistas que participaram da validação de conteúdo do Questionário de Motivos para a Prática Esportiva, que conseguiram espaço na sua agenda para avaliar e tecer preciosos comentários no sentido de elevar a qualidade final do instrumento.

Aos meus “irmãos” e “primos” de LADAP, que ajudaram mais do que imaginam: Alison, Carol Sommerfeld, Cesare, Crisinha, Fernando, Guilherme, Gustavo, Juliana, Paulo Vítor, Rafael, Salviano, Samantha.

À Caro, por todos os ensinamentos e apoio estatísticos.

Ao Leandro e Daniel, que insistiram para eu tentar o mestrado na UDESC. Sem vocês, eu não estaria aqui, amigos!

À Tati, que, com pequenos atos, sempre me trouxe grandes contribuições.

À Solange, Jane e professora Thaís, que me ajudaram com os prazos e burocracia.

A todos os 164 participantes desta pesquisa, que pacientemente preencheram o questionários (muitos, mais de uma vez) e fizeram comentários no sentido de melhorá-lo.

Aos professores Paulão e Miltinho (UDESC), professora Regina Baptista (Anhembimorumbi), e aos amigos Bruno, Camila, Felipinho, Luana e Senninha, que ajudaram – e muito – na coleta de dados durante a XX Copa Unisinos.

A todos os técnicos e atletas que ajudaram a garantir a coleta de dados junto às equipes: Edson “Etoo” (atletismo), prof. Paulo (basquete), Paulo “PC” César (futsal), Guto e Marcelo (handebol); Daniel Tatara e Joiana (hóquei na grama); professora Saray (judô), Vinícius (natação), Martinho (pólo aquático), Dedé (tênis) e Filipe (voleibol).

Ao professor Ricardo Pacheco, que aposta em mim desde 2003 e, a cada ano, comete a “temeridade” de deixar o time de voleibol feminino da UFSC na minha mão.

Às “minhas” meninas do vôlei, que me mostram na quadra o que é motivação para a prática esportiva.

A todos vocês, o meu MUITO OBRIGADO!!!

RESUMO

BARROSO, Mario Luiz C. **Validação do *Participation Motivation Questionnaire* Adaptado para Determinar Motivos de Prática Esportiva de Adultos Jovens Brasileiros.** Florianópolis: UDESC, 2007, 130p.

O presente estudo visou investigar a validade e fidedignidade do *Participation Motivation Questionnaire* – o PMQ (Gill et al., 1983) – adaptado para determinar os motivos para a prática esportiva de atletas adultos jovens brasileiros. Realizou-se tradução e adaptação transcultural do instrumento original conforme o protocolo de Beaton et al.(2002), e validação de conteúdo junto a uma comissão de especialistas. Foram acrescentadas 3 questões relacionadas à dimensão “saúde” aos 30 itens do PMQ, cuja escala Likert original, de 3 pontos, foi substituída por uma escala intervalar de 11 pontos (com valores de 0 a 10). Após coleta de dados junto a 132 atletas universitários (64 homens e 68 mulheres), entre 18 e 25 anos (média $21,86 \pm 2,13$), distribuídos equilibradamente entre 6 modalidades coletivas e 5 individuais, realizou-se análise fatorial com rotação varimax, encontrando-se sete categorias motivacionais, e calculando-se seus respectivos índices de consistência interna (α de Cronbach): status (0,88), condicionamento físico (0,78), liberação de energia (0,76), contexto (0,74), aperfeiçoamento técnico (0,78), afiliação (0,86) e saúde (0,86). Com exceção do índice da categoria condicionamento físico, todos foram superiores aos encontrados por Gill et al.(1983) durante as pesquisas originais do PMQ. A correlação intraclasses média de seus itens foi de 0,81, atestando a estabilidade do instrumento brasileiro. Acredita-se que, com os presentes resultados, a validade e fidedignidade do instrumento, denominado Escala de Motivos para a Prática Esportiva (EMPE), estejam comprovadas e o mesmo esteja pronto para utilização nos meios acadêmicos e esportivos.

Palavras-chave: adaptação transcultural, validade, fidedignidade, motivação, esporte.

ABSTRACT

BARROSO, Mario Luiz C. **Adapted *Participation Motivation Questionnaire* Validation to Assess Sports Participation Motivation among Brazilian Young Adults**. Florianópolis: UDESC, 2007, 130p.

The present study aimed to investigate the *Participation Motivation Questionnaire* – PMQ (Gill et al., 1983) – validity and reliability after its adaptation to verify Brazilian young adult athletes participation motivation in sports. It followed Beaton et al.'s (2002) recommendations for cross-cultural instruments' adaptations. An experts' commission was responsible for the content validity. It was added 3 health-related questions to the original 30 PMQ items, and the original 3 points Likert scale was replaced by an 11 points interval scale (from 0 to 10). After collecting data among 132 intercollegiate athletes (64 men and 68 women) between 18 and 25 years old (mean $21,86 \pm 2,13$), distributed among 6 collective sports and 5 individual sports, the researchers employed factor analysis with Varimax rotation, finding seven motivational dimensions. Their internal consistency coefficients (Cronbach's α) were also calculated: status (0,88), fitness (0,78), energy release (0,76), context (0,74), skills development (0,78), affiliation (0,86) and health (0,86). With the exception of the fitness dimension internal consistency coefficient, all were superior to Gill et al.'s (1983) original PMQ research results. The mean intraclass correlation coefficient was 0,81, testifying the Brazilian questionnaire stability. It is possible to believe that, after the present results, the instrument's validity and reliability were testified and the Escala de Motivos para a Prática Esportiva (EMPE) is ready for utilization in academic and sportive contexts.

Keywords: cross-cultural adaptation, validity, reliability, motivation, sports.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE TABELAS	11
LISTA DE QUADROS	12
LISTA DE ANEXOS.....	13
LISTA DE SIGLAS E SÍMBOLOS.....	14
1. INTRODUÇÃO	15
1.1. O PROBLEMA.....	15
1.2. OBJETIVOS	18
1.2.1. Objetivo Geral	18
1.2.2. Objetivos Específicos.....	18
1.3. JUSTIFICATIVA.....	19
1.4. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	19
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	21
2.1. MOTIVAÇÃO.....	21
2.1.1. Definições e Conceitos.....	21
2.1.2. A Motivação no Esporte e Exercício Físico.....	25
2.1.3. Teorias da Motivação Aplicadas ao Esporte e Exercício Físico.....	27
2.1.3.1. Teoria da Necessidade de Realização.....	28
2.1.3.2. Teoria da Atribuição.....	29
2.1.3.3. Teoria das Metas de Realização.....	31
2.1.3.4. Teoria da Motivação para a Competência.....	32
2.1.3.5. Teoria da Motivação para o Rendimento.....	33
2.1.3.6. Teoria da Avaliação Cognitiva.....	34
2.2. MOTIVOS	35
2.2.1. Conceitos e Definições	35

2.2.2. Os Motivos no Esporte e Exercício Físico.....	37
2.3. O <i>PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE</i> (PMQ).....	41
2.3.1. Aplicações do PMQ no Mundo.....	46
2.4. TRÊS CASOS DE ADAPTAÇÃO DO PMQ: PORTUGAL, ITÁLIA E BRASIL.....	54
2.4.1. O Questionário de Motivação de Actividades Desportivas (QMAD).....	54
2.4.1.1. Aplicações do QMAD em Portugal e no Brasil.....	58
2.4.2. A Versão Italiana do PMQ.....	62
2.4.3. O Inventário de Motivação para a Prática Desportiva (IMPD).....	63
2.4.3.1. Aplicações do IMPD no Brasil.....	66
2.5. AS DIMENSÕES MOTIVACIONAIS NO PMQ E SUAS VERSÕES.....	69
2.6. A PSICOMETRIA E A VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS	72
2.6.1. Tradução e Adaptação Transcultural	73
2.6.2. Validade.....	75
2.6.3. Fidedignidade.....	76
3. MÉTODO.....	77
3.1. CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO.....	77
3.2. OBJETO DE VALIDAÇÃO	78
3.3. TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DO PMQ.....	78
3.3.1. Elaboração de Versão Brasileira do PMQ.....	79
3.3.2. Tratamento Estatístico.....	82
3.3.3. Fluxograma do Processo de Adaptação e Validação.....	84
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	85
4.1. TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL E CLAREZA.....	85
4.2. PERFIL DO GRUPO-ALVO.....	87
4.3. VALIDADE DE CONTEÚDO.....	89
4.4. PERFIL DO GRUPO DE VALIDAÇÃO.....	92
4.5. VALIDADE DE CONSTRUTO.....	94
4.6. CONFIABILIDADE DO INSTRUMENTO.....	100
4.7. ESTABILIDADE DO INSTRUMENTO.....	101
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	116

LISTA DE TABELAS

Tabelas	Pág.
Tabela 1 – Comparação entre consistências internas da EMPE-5 e EMPE-11.....	88
Tabela 2 – Médias e desvios-padrão das pontuações dos itens da EMPE	93
Tabela 3 – Extração de fatores mediante análise dos componentes principais.....	94
Tabela 4 – Agrupamento de itens por categoria após análise fatorial.....	95
Tabela 5 – Índices de consistência interna da EMPE reespecificada e do PMQ original...	100
Tabela 6 - Índices de correlação intraclasse dos 33 itens da EMPE.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fluxograma do Processo de Adaptação e Validação.....	84
Quadro 2 – Validação de Clareza da EMPE por Grupo-Alvo.....	86
Quadro 3 – Notas da comissão examinadora para a validação de conteúdo dos 33 itens da EMPE.....	90

LISTA DE ANEXOS

Anexos	Pág.
Anexo 1: Autorização da Autora do Questionário PMQ.....	117
Anexo 2: Questionário Original de Gill et al. (1983).....	118
Anexo 3: QMAD Original Enviado por Serpa.....	119
Anexo 4: Comentários de Gill sobre diferentes versões do PMQ e escala Likert.....	120
Anexo 5: E-mail do prof. Sidónio Serpa sugerindo a análise fatorial (e, conseqüentemente, recategorização de itens) caso o QMAD seja aplicado no Brasil.....	121
Anexo 6: Tabelas com dados estatísticos sobre PMQ e QMAD.....	122
Anexo 7: Tradução reversa da EMPE para a autora Diane L. Gill.....	123
Anexo 8: Comentários de Diane L. Gill sobre a tradução reversa.....	124
Anexo 9: Aprovação de Diane L. Gill da versão brasileira oficial do PMQ.....	126
Anexo 10: Carta de Aceitação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....	127
Anexo 11: Protocolo de Utilização da EMPE.....	128
Anexo 12: Escala de Motivos para Prática Esportiva (EMPE).....	130

LISTA DE SIGLAS E SÍMBOLOS

ADUFMSM = Associação Desportiva da Universidade Federal de Santa Maria

EMPE = Escala de Motivos para Prática Esportiva

IMPD = Inventário de Motivação para a Prática Desportiva

PMQ = *Participation Motivation Questionnaire*

QMAD = Questionário de Motivação para Actividades Desportivas

TEOSQ = *Task and Ego Orientation Questionnaire*

UDESC = Universidade do Estado de Santa Catarina

UFSC = Universidade Federal do Estado de Santa Catarina

α = Alfa de Cronbach

1. INTRODUÇÃO

1.1.O PROBLEMA

Ao longo dos Jogos Pan-Americanos e de sua versão paradesportiva, realizados no Rio de Janeiro em 2007, uma das perguntas que imprensa e público mais dirigiram aos atletas referia-se aos motivos de praticarem esporte. Entre as respostas, encontradas em entrevistas atuais e passadas, descobrem-se várias razões que levaram os atletas a praticar esportes, entre elas a recomendação médica, como no caso dos nadadores Kaio Márcio, Ivi Monteiro e Thiago Pereira, ou por influência de familiares, como o judoca Flávio Canto, o ala do Basquete Marcus Vinícius e a voleibolista Paula Pequeno (CRESPO, 2005; UNIVERSIA, 2005; CBB, 2007; GLOBO ESPORTE, 2007; MARTINS; LEAL, 2007).

Já entre atletas como os que participaram do Para-Pan, a exemplo do mexicano Cristopher Tronco, do brasileiro Clodoaldo Silva e da canadense Stephanie Dixon, encontrou-se motivação por inclusão social, superação de limites, diversão e apoio familiar, além de “conquistar medalhas” e “ser campeão” (SAMULSKI, 2004, p.42-43; AGORA, 2007; CO-RIO, 2007; FAMA, 2007; GLOBO, 2007). Conforme estudos sobre aderência indicam, todas as pessoas, atletas ou não, possuem várias razões para praticar esportes e fazer exercícios, e nem sempre os motivos que levam alguém a se envolver com determinada modalidade são os mesmos que garantem sua permanência nela (WEINBERG; GOULD, 2001; SAMULSKI, 2002).

O fato é que descobrir quais são os motivos que levam à adesão, permanência e abandono dos esportes preocupa técnicos e gestores esportivos, bem como desperta o interesse científico de pesquisadores (PAIM, 2003; FONSECA, 2004; SILVEIRA; DUARTE, 2004; GILES et al., 2005; MOROUÇO, 2007). Com o passar dos anos, a necessidade de medir e avaliar desenvolveu-se no mesmo ritmo que as ciências do esporte e exercício – o que inclui a Psicologia e seus conteúdos, uma vez que a mesma é componente diferencial na preparação de atletas, desenvolvendo recursos e instrumentos para medir fatores não mensuráveis diretamente, tal como a motivação (DANTAS, 2003; CILLO, 2003; WINSTON; McGEE, 2003).

A ampliação das pesquisas nas diversas áreas da saúde tem feito com que a necessidade de traduzir e adaptar instrumentos de utilização internacional também aumente. A adaptação cultural de questionários em novo país, cultura e/ou língua requer metodologia única para se obter equivalência entre a fonte original e o novo idioma da população-alvo. O texto não deve ser apenas bem traduzido lingüisticamente, mas também adaptado culturalmente para manter a validade de conteúdo do instrumento original no país da nova pesquisa (BEATON et al., 2002).

Um dos instrumentos mais utilizados para determinar motivos de prática esportiva é o *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ), desenvolvido por Diane J. Gill, John B. Gross e Sharon Huddleston em 1983. Composto por 30 questões que, devidamente agrupadas, formam 8 categorias, esse questionário já foi traduzido e adaptado para várias línguas e países, entre elas o chinês, coreano, grego, hindi, sueco e turco (SHANG, 1997; FONSECA; MAIA, 2001; PARK, 2003; CHADHA; KOLT, 2004; DOULIAS et al, 2005; HU; WEI, 2005; THIBORG, 2005; GÜBURZ et al., 2007).

Uma versão portuguesa foi validada por Serpa (1992) ao investigar motivos de prática esportiva entre jovens, mantendo as 30 questões originais e reagrupando-as em 7 categorias.

Contudo, como o próprio autor afirma, essa versão, denominada Questionário de Motivação de Actividades Desportivas (QMAD), apresenta algumas limitações, o que o levou a considerá-la com algumas reservas – como, por exemplo, o baixo valor de consistência interna de duas das sete categorias ou dimensões propostas no instrumento: aperfeiçoamento técnico e influência de familiares e amigos. Além disso, Fonseca (2001), em estudo posterior, constatou indícios de inadequação no modelo de medida proposto por Serpa (1992). Apesar das limitações, esse instrumento é amplamente utilizado não apenas em Portugal, mas também no Brasil, averiguando práticas que vão da capoeira ao handebol, passando por atividade física para idosos, futebol, voleibol, entre outros (ESTRIGA; CUNHA, 2004; PAIM, 2004; FREITAS et al., 2007).

No Brasil, Gaya e Cardoso (1998) também fizeram uma adaptação do PMQ, o Inventário de Motivação para a Prática Desportiva (IMPD). Os autores reduziram o número de questões de 30 para 19, excluindo algumas originais e inserindo novas conforme respostas dadas por crianças e adolescentes, de 7 a 14 anos, em um estudo-piloto. O IMPD vem sendo usado em menor proporção que o QMAD, talvez porque os novos itens, distintos do PMQ original, são voltados para um público mais jovem, limitando a faixa etária de aplicação: “para ser um atleta”, “para ser jogador quando crescer”, entre outros.

Note-se, então, que tanto o instrumento original quanto as duas versões em português apresentadas até o momento se baseiam em pesquisas cujos participantes, considerados os três estudos, estão na faixa entre 7 e 18 anos. Enquanto parte das aplicações posteriores desses questionários ocorreu entre populações da mesma idade que as pesquisas originais, como Paim (2001; 2003) e Moruisi (2001), uma parcela considerável do que se publicou até o momento avalia maiores de 18 anos, aparentemente sem adaptações e/ou investigações de validade dos instrumentos para determinar os motivos de prática esportiva nessa população, como nos casos de Castro (1999) e Magno et al. (2003).

Após a aplicação do QMAD junto a atletas universitários brasileiros, notou-se uma série de dificuldades que incluem diferenças culturais, lingüísticas e de faixa etária, sugerindo um estudo mais aprofundado do instrumento, bem como a necessidade de desenvolver uma versão brasileira na expectativa de atender com mais precisão os investigadores da Psicologia do Esporte em geral e dos motivos de prática em específico. Desta forma, chegou-se à questão: “Qual seria a validade de uma versão adaptada do PMQ com o objetivo de determinar os motivos de prática esportiva de atletas adultos jovens brasileiros?”

1.2.OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo Geral

Investigar a validade do *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ) adaptado para determinar os motivos de prática esportiva de atletas adultos jovens brasileiros.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Adaptar o *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ) para a língua portuguesa corrente no Brasil.
- Verificar as validades de conteúdo e de construto do instrumento adaptado.
- Verificar a fidedignidade do questionário adaptado considerando seus índices de consistência interna e estabilidade.

1.3. JUSTIFICATIVA

É importante que haja instrumentos capazes de determinar, com certa margem de segurança, os motivos que levam as pessoas a praticarem esportes e exercícios físicos, possibilitando que professores, técnicos e gestores esportivos aumentem o índice de adesão e permanência em atividades físicas relacionadas à saúde, educação e treinamento esportivo – ao mesmo tempo em que buscam reduzir a evasão das mesmas.

O *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ) existe desde 1983 e ainda é utilizado com grande frequência em todo o mundo, o que denota seu reconhecimento científico. A versão mais utilizada no Brasil é o Questionário de Motivação de Atividades Desportivas (QMAD), adaptada por Serpa (1992) em Portugal. Considerando as limitações estatísticas atestadas pelo próprio autor e outros estudiosos (baixa confiabilidade das categorias motivacionais reclassificadas e primazia da estatística sobre o conteúdo conceitual na formação dessas novas categorias, por exemplo), é importante desenvolver uma adaptação atual, respeitando tanto estatística quanto referencial teórico. É igualmente importante que essa versão respeite as características lingüísticas e culturais do povo brasileiro, bem como o contexto da faixa etária superior a 18 anos de idade, tornando mais precisos os estudos sobre motivos de prática esportiva entre essa população.

1.4. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo se delimitou a: a) traduzir e adaptar o questionário PMQ para a determinação dos motivos de prática esportiva em atletas adultos, universitários, entre 18 e 25 anos de idade; b) alterar a Escala Likert original para que o instrumento fique estatisticamente

mais sensível; c) verificar as validades de conteúdo e construto do questionário adaptado; d) testar o instrumento junto à população-alvo; e) verificar consistência interna e estabilidade para determinar sua fidedignidade.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, revisou-se a literatura científica acerca das definições, conceitos e teorias sobre motivação e motivos, bem como as características do *Participation Motivation Questionnaire* (GILL et al., 1983), instrumento que se pretendeu adaptar para o Brasil, e algumas de suas versões no mundo. Complementarmente, revisou-se o conteúdo da Psicometria pertinente ao processo empregado no presente estudo.

2.1. MOTIVAÇÃO

A motivação é o construto do instrumento em validação. Neste item, além de suas definições e conceitos, verifica-se sua relação com os esportes e atividade física.

2.1.1. Definições e Conceitos

Existem várias definições para motivação, um dos temas mais estudados na Psicologia. O senso comum gera explicações como “característica interna de personalidade”, “influência externa” ou “conseqüência para um comportamento”, que ficam abertas a interpretações que variam conforme o contexto, personalidade e experiência dos interessados

no assunto. Entre as abordagens gerais no estudo da motivação, a mais tradicional pressupõe que os indivíduos têm disposição para realização, e isso os motiva a se envolver em atividades. Uma segunda abordagem se concentra mais no como e por que os indivíduos são motivados (ROBERTS et al., 1986; PISANI et al., 1990; WEINBERG; GOULD, 2001).

Nas pesquisas mais recentes sobre motivação, abandonou-se, em vários ramos da Psicologia, a busca por uma teoria com pretensões à validade universal sobre o assunto, concebendo-o como um curso que se pode dar sob a combinação de uma série de processos que levem à persistência de comportamento com duração considerável (DORSCH et al., 2001), ou, mais objetivamente, como a direção e intensidade de um esforço. Pisani et al. (1990) afirmam que não se trata de um fenômeno observável ou mensurável, e Samulski (2002) entende que a motivação é um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, dependente da interação de fatores pessoais e ambientais.

A motivação é um fator muito importante na busca de qualquer objetivo do ser humano e, ao lado da ansiedade e agressividade, é uma das manifestações da ativação – a energia psicofísica de cada indivíduo. Como resultante dessa energia, a motivação oscila entre os extremos da letargia (ativação baixa) e euforia (ativação alta) – o que determina sua intensidade. Complementarmente, a motivação tem nas intenções, interesses, motivos e metas seus determinantes de direção de comportamento. Note-se que, apesar de alguns autores como Davidoff (1983) compreenderem os termos “motivação” e “motivo” como sinônimos, aqui já se estabelece uma diferença entre ambos: o motivo seria um determinante direcional do comportamento, um aspecto da motivação (BECKER JR., 2000; FIGUEIREDO, 2000; SAMULSKI, 2002).

Pode-se dizer que existem, basicamente, três visões teóricas sobre a motivação: centrada no traço, centrada na situação e a interacional. A visão centrada no traço sustenta que o comportamento motivado ocorre em função das características de personalidade do

indivíduo, bem como de suas necessidades e objetivos. A visão centrada na situação acredita que a motivação depende do momento, do contexto, independente das características individuais. A visão interacional, com maior aceitação na atualidade, estabelece que a motivação não se origina exclusivamente no traço ou na situação, mas na conjunção dos dois fatores. Assim, faz-se necessário analisar as diferenças individuais em situações variadas, ou seja, não se deve compreender o comportamento do aluno ou atleta sob conceitos rígidos, pois este varia conforme a história de vida e as contingências do ambiente (FIGUEIREDO, 2000; WEINBERG; GOULD, 2001; WINTERSTEIN, 2002).

A motivação também pode ser classificada em intrínseca e extrínseca. As motivações intrínsecas são aquelas que satisfazem o sujeito pela própria participação na atividade dividindo-se em motivação pelo ego (superação pessoal) e pelo prazer da tarefa. As pessoas motivadas intrinsecamente visam a competência, domínio da tarefa, competição, ação, diversão e aquisição de habilidades, e seu nível de expectativa costuma se elevar regularmente. As motivações extrínsecas são recompensas ou punições advindas de outras pessoas. Como exemplos de recompensas, podemos citar elogios, aplausos, prêmios, troféus, medalhas, dinheiro, viagens, notas e bolsas escolares. Como punições, é possível citar a privação de privilégios, críticas, ridicularizações, vaias, exercícios e trabalhos extras, descontos salariais. Em termos de classificação, a motivação extrínseca se divide em recompensas e avaliação social. Segundo estudos, os motivos intrínsecos predominam sobre os extrínsecos entre crianças e jovens no que se refere à prática esportiva. (SKINNER, 1968; ROBERTS et al., 1986; FELIU, 1997; FRANCO, 2000).

A motivação está intimamente ligada ao tipo de reforço que o indivíduo recebeu. Basicamente, se for recompensado (reforço positivo), ele tende a se motivar para repetir o comportamento. Caso seja punido (reforço negativo), tende a se motivar a evitar aquele comportamento. Skinner (1968) afirma que o aluno esforçado, por exemplo, nada mais é do

que alguém exposto a contingências eficientes de reforço. Com a devida compreensão dessas contingências, é possível despertar disposição e interesse, por exemplo, em alunos e atletas, garantindo que continuem a desfrutar de seu aprendizado pelo resto da vida. (ROBERTS et al., 1986; WEINBERG; GOULD, 2001).

Atualmente, existem diferentes modelos teóricos para interpretar o processo motivacional. Entre os principais, Pisani et al. (1990) destacam:

a) Teoria Comportamentalista: elaborada por John B. Watson e tendo como um de seus maiores expoentes Burrhus F. Skinner, propõe um estudo completamente objetivo do homem, entendendo o comportamento como a única fonte de dados psicológicos. Segundo essa linha teórica, a motivação tem como ponto central o conceito de impulso. Os comportamentos, então, seriam respostas a dois estímulos, impulso e hábito, estabelecendo assim o processo estímulo-resposta. Essa abordagem costuma ser criticada por ignorar o fato de que, muitas vezes, nosso comportamento é consciente, originado em uma reação ao mundo externo conforme nossa interpretação dos estímulos.

b) Segundo a Teoria Cognitiva, originalmente elaborada por Jean Piaget, não há conexão automática estímulo-resposta, pois o indivíduo, recorrendo a experiências passadas, consegue prever quais seriam as conseqüências de seus atos. Nessa linha teórica, o comportamento depende tanto das escolhas conscientes do indivíduo quanto dos acontecimentos do meio, ou seja, a visão é interacional. A motivação depende de como o indivíduo percebe a situação, o que nem sempre corresponde à realidade.

c) Teoria Psicanalítica: elaborada por Sigmund Freud, pressupõe que, basicamente, o comportamento humano é determinado pela motivação inconsciente e impulsos instintivos. Como conseqüência, nem sempre a decisão consciente do indivíduo leva à resposta efetiva. Segundo essa teoria, a motivação se originaria da interação entre os três aspectos estruturais da personalidade: o id, sempre em busca de satisfação e completamente inconsciente;

superego, espécie de “censura interna”; e o ego, que, em contato com o mundo exterior, tenta satisfazer os instintos do id mediante a aprovação (ou não) do superego.

d) Teoria Humanista: abordagem que busca apresentar alternativa às visões do homem como criatura que reage mecânica ou cognitivamente a estímulos, ou mesmo vítima de seus instintos e impulsos. Para os psicólogos dessa linha, o importante é, além de sermos pessoas, sentirmos que somos pessoas. Entre os principais pensadores do Humanismo, temos Carl Rogers e Abraham Maslow, cuja hierarquia de motivos será apresentada adiante no item 2.2.1.

2.1.2. A Motivação no Esporte e Exercício Físico

A motivação é um dos grandes conteúdos da Psicologia do Esporte, originando uma das maiores produções em termos de investigação, discussão em congressos e literatura científica no que se refere tanto a jovens quanto adultos. Sua compreensão é essencial para a orientação, acompanhamento e gestão de atletas e praticantes de atividade física, envolvendo mais do que encorajar com prêmios e palavras, ou punir com exercícios físicos extras e descontos salariais (ROBERTS et al., 1986; SERPA, 1990; TREASURE; ROBERTS, 1998; WINTERSTEIN, 2002).

Segundo o modelo interacional de motivação, o profissional da Educação Física deve levar uma série de fatores em consideração para a sua prática: as pessoas possuem vários motivos para se envolver em determinada atividade; é importante mudar o ambiente para aumentar a motivação; os líderes influenciam a motivação. Ao desenvolver uma visão realista da motivação, percebe-se que é mais fácil manipular alguns fatores motivacionais do que outros, dependendo das capacidades pessoais, tempo e recursos dos técnicos e professores; contudo, uma pessoa dificilmente converte seu aprendizado em desempenho mediante

sanções negativas ou condições desfavoráveis (BANDURA, 1971; FELIU, 1997; WEINBERG; GOULD, 2001).

Os indivíduos não participam de atividades físicas e esportivas somente por seus motivos, mas também influenciados por métodos e situações. Isso explica porque algumas pessoas são mais motivadas do que outras, bem como suas escolhas e nível de desempenho. Dois fatores importantes que afetam o desempenho e a participação no esporte são a motivação para a realização e a competitividade. No primeiro caso, trata-se dos esforços de alguém para realizar uma tarefa, superar limites, atingir excelência e orgulhar-se de suas realizações. No segundo, a disposição para superar limites ao se comparar com outros ou consigo mesmo, geralmente na presença de avaliadores. (SINGER, 1984; WEINBERG; GOULD, 2001; WINTERSTEIN, 2002).

Outro importante aspecto a ser levantado é a orientação motivacional do indivíduo envolvido no esporte. Existem duas perspectivas básicas com as quais esse indivíduo julga sua competência e, subjetivamente, define seus sucessos e fracassos: a orientação para o ego e a orientação para a tarefa. Pessoas voltadas para a tarefa visam auto-superação: domínio e refinamento de habilidades, esforço contínuo, busca por competência e sucesso individual. Já os indivíduos orientados para o ego se preocupam em comparações com terceiros, sempre com o intuito de superá-los. Existe até mesmo um questionário que visa medir essa orientação no esporte, o *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ), bastante utilizado internacionalmente (DUDA; NEWTON, 1993; SAMULSKI, 2002).

Também na motivação é possível diferenciar atletas de alta performance dos de baixa performance. O atleta de alta performance costuma apresentar alto nível de motivação para obter o sucesso (expectativa de êxito) e atribuí-lo a fatores internos (pessoais) e estáveis, procurando tarefas desafiadoras. Trabalha mais e aprende mais depressa, além de ser independente, persistente e mais competitivo. Já o de baixa performance costuma ser

extremamente ansioso, apresenta alto nível de motivação para evitar o fracasso, atribuindo seu sucesso a fatores externos e instáveis (como a sorte, por exemplo), procurando evitar desafios. Há uma tendência de aproximação entre a expectativa de êxito e a orientação para tarefa, bem como do medo de fracasso com a orientação para o ego (SAMULSKI, 2002; WINTERSTEIN, 2002).

Tanto para o treinamento quanto para o ensino, existem técnicas especificamente voltadas para a motivação de alunos e atletas, bem como para a mudança de comportamento através de diferentes reforços. As medidas voltadas à pessoa (traço) têm o objetivo de melhorar ou estabilizar as capacidades pessoais no ensino, exercício ou treinamento; as medidas voltadas à situação valem-se da alteração da estrutura da atividade ou do contexto. Cabe ao profissional ter sensibilidade para entender os problemas de motivação e, mediante observação, antecipá-los de modo a evitá-los com medidas preventivas, pois a motivação não é apenas responsável pelo início de uma atividade, mas igualmente pela permanência nela. Também é importante criar um clima positivo durante aulas ou treinos, apresentando metas realistas e ajudando os comandados a desenvolverem a orientação para a tarefa, não o resultado (SKINNER, 1968; SAMULSKI, 2002; MURCIA; GONZÁLEZ-CUTRE, 2006).

2.1.3. Teorias da Motivação Aplicadas ao Esporte e Exercício Físico

Existem várias teorias sobre motivação, sendo que algumas delas costumam ser mais aplicadas no contexto do esporte e exercício. Dentre elas, podemos destacar a Teoria da Necessidade de Realização, de Atkinson; a Teoria da Atribuição, de Heider e Weiner; a Teoria das Metas de Realização, de Nicholls e Duda; a Teoria da Motivação para a Competência, de Weiss e Chaumeton; Teoria de Motivação para o Rendimento, de

Heckhausen; e Teoria da Avaliação Cognitiva, de Deci e Ryan (NICHOLLS, 1984; DUDA, 1993; WEINBERG; GOULD, 2001; SAMULSKI, 2002; WINTERSTEIN, 2002).

2.1.3.1. Teoria da Necessidade de Realização

As primeiras tentativas de se definir e identificar a necessidade de realização foram de Henry A. Murray em 1938, desenvolvendo-se mais acentuadamente no início dos anos 50 com McClelland, Clark, Lowell e Atkinson. No princípio dos anos 70, John W. Atkinson e Joel O. Raynor conceberam a forma atual da Teoria da Necessidade de Realização, vista como importante ponto de partida para determinar comportamentos conforme a abordagem interacional entre fatores pessoais e situacionais (REVELLE, 1975; ORY; POGGIO, 1976; SHORT; SORRENTINO, 1986).

Segundo a teoria, a conjunção desses dois fatores resulta em uma tendência que aborda o sucesso ou evita o fracasso. Os aspectos situacionais basicamente envolvem a probabilidade de sucesso diante do nível de dificuldade da tarefa e o valor de incentivo de sucesso, ou seja, o quanto a vitória e a superação serão valorizadas nesse nível de dificuldade. Das tendências de abordagem, resultam as reações emocionais: enquanto o atleta de alto nível se concentra no orgulho do sucesso, procurando situações de realização, desafios e melhora de desempenho, o atleta com baixo nível de realização teme a vergonha do fracasso, evitando situações de realização, riscos e desafios, geralmente com fraco desempenho (REVELLE, 1975; ORY; POGGIO, 1976; SHORT; SORRENTINO, 1986; WINTERSTEIN, 2002).

As contribuições mais importantes da Teoria de Necessidade de Realização são a compreensão da preferência entre tarefas e as previsões de desempenho mediante análise de personalidade, contexto, entre outros. Porém, é importante observar que estudos recentes sugerem que o excesso de motivação pode comprometer essas previsões – como no caso de

atletas de alto nível com elevada motivação por afiliação, que, excessivamente motivados, obtêm fraco desempenho (REVELLE, 1975; ORY; POGGIO, 1976; SHORT; SORRENTINO, 1986).

2.1.3.2. Teoria da Atribuição

As atribuições que as pessoas elaboram para tentar explicar os fatos, desejos e sentimentos do seu dia-a-dia estão entre os temas mais investigados e debatidos nas Psicologias Social e do Esporte, principalmente diante de sua fácil aplicabilidade. A Teoria da Atribuição versa sobre o processo cognitivo com o qual as pessoas analisam causas e conseqüências dos eventos nas quais se envolvem, interpretando benefícios e prejuízos, sucessos e insucessos com o intuito de estruturar e controlar suas ações. No esporte, isso envolve explicar e prever comportamentos de atletas (DORSCH et al., 2001; FONSECA; BRITO, 2002; WINTERSTEIN, 2002).

O psicólogo alemão Fritz Heider foi o primeiro a elaborar o conceito de Teoria da Atribuição em 1958, afirmando que todo comportamento humano é determinado por fatores independentes internos e externos. Em 1967, o americano Harold H. Kelley ampliou a teoria ao acrescentar os fatores que afetam a formação das atribuições: a) coerência, indicando o grau com que o indivíduo realiza o mesmo comportamento diante do mesmo desafio em situações diferentes; b) particularidade, indicando o grau com que o indivíduo altera seu comportamento diante de desafios diferentes; c) consenso, grau em que diferentes indivíduos reagem da mesma forma diante do mesmo desafio (ROESCH; AMIRKHAM, 1997).

Nos anos 70 e 80, Bernard Weiner criou o quadro referencial teórico utilizado atualmente, popularizando a Teoria da Atribuição Causal. Segundo ele, a maioria das causas de atribuição de sucesso ou fracasso pode ser classificada em três dimensões: a) estabilidade:

define se as características da situação ou pessoa são permanentes ou instáveis; b) causalidade: define se a causa do comportamento é interna ou externa à pessoa; c) controle: define se o fator está ou não sob controle do indivíduo (ROESCH; AMIRKHAM, 1997; COMER, 2004).

As quatro atribuições mais típicas são capacidade/habilidade (causas internas estáveis), esforço (causa interna instável), nível de dificuldade da tarefa (externa estável) e sorte ou azar (externa instável). O indivíduo tenta organizar seu mundo por meio de relações causais entre os fatores de estabilidade, causalidade e controle. Assim, o modo como a pessoa explica seu desempenho afeta suas expectativas e reações emocionais, influenciando a futura motivação para realização (SULLIVAN, 1975; DORSCH et al., 2001; WINTERSTEIN, 2002).

A Teoria da Atribuição representou uma alternativa à Psicologia Comportamentalista, com o argumento de que os fatores cognitivos mediam a tradicional relação estímulo-resposta, em um processo que pode ser dividido em três etapas: a) percepção: mediante observação, o indivíduo constata o comportamento; b) juízo: a pessoa define se o comportamento ocorreu intencionalmente; c) atribuição: o sujeito determina se foi forçado a agir daquela forma (atribuindo a causa à situação) ou não, atribuindo a causa a si mesmo. Esse mesmo processo pode ser utilizado para analisar o comportamento de outras pessoas, prevendo seus possíveis desempenhos futuros (MAYER, 2003; COMER, 2004).

A abordagem das atribuições causais com relação a fenômenos cognitivos e interpessoais embasou os conceitos interacionistas da motivação com mais detalhes e precisão no que se refere à consciência dos processos causais, disposição e características de personalidade dos indivíduos. Os esquemas causais elaborados pelas pessoas são importantes por ajudá-las a conceber atribuições quando a informação disponível é incompleta, formam concepções gerais sobre causa e efeito que podem ser empregadas em contextos diferenciados

e permitem inferências complexas de forma rápida e fácil. Conhecer melhor as atribuições causais proporciona vantagens no que se refere à elevação da qualidade do treinamento esportivo (SULLIVAN, 1975; FISK; TAYLOR, 1991; FONSECA; BRITO, 2002; RUBIO, 2004).

2.1.3.3. Teoria das Metas de Realização

A teoria de metas de realização surgiu no final da década de 1970 e tem contribuído para o entendimento dos fatores motivacionais que influenciam comportamentos. O conceito de meta refere-se aos por quês do envolvimento de alguém em determinada tarefa, ou seja, suas metas são seus motivos de realização (BUENO et al., 2007).

O termo "metas de realização" é definido por Ames (1992) como um conjunto de pensamentos, crenças, propósitos e emoções que traduzem as expectativas ao realizar determinadas tarefas, o que significa que as metas são representadas por modos diferentes de enfrentar atividades e desafios. Na Teoria de Metas de Realização, os psicólogos têm estudado a conquista de objetivos para compreender o processo de motivação para o rendimento e as diferenças de desempenho, bem como o significado de sucesso e fracasso para cada um (WEINBERG; GOULD, 2001; SAMULSKI, 2002; BUENO et al., 2007).

Segundo essa teoria, três fatores interagem para determinar a motivação de uma pessoa: a) metas de realização, ou seja, que objetivos foram escolhidos entre resultado de desempenho e resultado da tarefa. Tarefa e resultado definem a orientação motivacional de uma pessoa. b) Percepção de capacidade – alta ou baixa percepção de competência; c) comportamento frente à realização – desempenho, esforço, persistência, escolha da tarefa ou adversários (WINTERSTEIN, 2002; BUENO et al., 2007).

Diferenças entre sexo, idade e orientação motivacional interferem nos três fatores anteriormente citados. Homens apresentam maior percepção de competência que mulheres, que, por sua vez, possuem baixa expectativa de êxito. Crianças entre 5 e 7 anos não são capazes de diferenciar esforço, capacidade e resultado, acreditando que todo esforço leva ao sucesso; já as de 8 a 10 anos começam a diferenciar esforço e capacidade como causas do resultado. Conforme os psicólogos, a orientação à tarefa pode levar à valorização da ética, persistência diante do fracasso e desempenhos em alto nível com elevada autopercepção, enquanto sujeitos orientados ao resultado fazem comparações permanentes com os outros e apresentam maior dificuldade para ter alta percepção de competência (WINTERSTEIN, 2002; BUENO et al., 2007).

2.1.3.4. Teoria de Motivação para a Competência

Elaborada por Weiss e Chaumeton em 1992, essa teoria afirma que as pessoas são motivadas a se sentirem dignas ou competentes, determinando, assim, a motivação como um todo. Para os autores, consideradas as orientações motivacionais dos atletas, suas percepções de controle (identificação do quanto se é responsável pelo que acontece) e de competência influenciam os estados afetivos e emocionais, por sua vez influenciando a motivação. A teoria também sustenta que fatores de diferenças individuais, como sexo e maturidade cognitiva, e contextuais, como tipo de esporte e estrutura de recompensas, influem decisivamente sobre a motivação (CHAMBERS, 1991; WEISS; CHAUMETON, 1992; WONG; BRIDGES, 1995).

O indivíduo que acredita controlar a situação e se julga competente por dominar determinada tarefa apresenta maior probabilidade não apenas de se motivar a repeti-la, mas nela persistir. Os estudos da motivação relacionada à prática esportiva, principalmente quando crianças e jovens são investigados, parecem confirmar essa teoria, mencionando inclusive que

os praticantes de atividade física costumam possuir maior percepção de competência que os sedentários e mesmo os ex-praticantes. Já a percepção de controle contribui não apenas para a maior motivação de prática, mas também para maior precisão na auto-avaliação de competência (WONG; BRIDGES, 1995).

Estudos recentes sugerem que os traços de ansiedade, o comportamento do técnico e o clima da aula ou treino são determinantes para o desenvolvimento das percepções de controle e competência, possibilitando a esse profissional do esporte maior responsabilidade sobre a motivação de seus orientados. Atletas com alto nível de percepção para a competência são motivados a participar das atividades, e o *feedback* do técnico possibilita o desenvolvimento da autonomia de seus comandados. Estudos comprovam que essa postura do técnico influencia o desenvolvimento da moral dos atletas e até mesmo incrementa o desempenho acadêmico de escolares (CHAMBERS, 1991; WEINBERG; GOULD, 2001).

2.1.3.5. Teoria da Motivação para o Rendimento

A motivação para o rendimento, ou seja, o desejo de melhorar, aperfeiçoar ou manter o rendimento em alto nível, caracteriza-se essencialmente por duas tendências: procurar o êxito (perfil de atleta vencedor) e evitar o fracasso (perfil de atleta perdedor). Elaborada por Heckhausen entre 1963 e 1980, essa teoria representa o esforço de superação do indivíduo, seja por normas de referência individuais (auto-superação), seja por normas sociais – competitividade (SAMULSKI, 2002; WINTERSTEIN, 2002).

A motivação para o rendimento apresenta determinantes internos, como nível de expectativa, hierarquia de motivos, orientação motivacional para sucesso ou fracasso e atribuição causal, e determinantes externos, que englobam incentivos, dificuldades e problemas. Essa linha teórica estabelece relações fundamentais entre motivação e rendimento:

nível de motivação e atratividade da tarefa apresentam relação linear, ou seja, são diretamente proporcionais; já as relações entre nível de motivação x rendimento, intensidade de motivação x dificuldade da tarefa e dificuldade da tarefa x rendimento são curvilíneas, ou seja, se desenvolvem conforme o gráfico do U invertido: o rendimento aumenta conforme aumenta a dificuldade da tarefa até se atingir o limite do praticante. A partir desse ponto, conforme a dificuldade aumenta, o rendimento diminui (SAMULSKI, 2002; WINTERSTEIN, 2002).

2.1.3.6. Teoria da Avaliação Cognitiva

Ao pensar em uma tarefa, o indivíduo a avalia em termos do quanto ela satisfaz suas necessidades de se sentir competente, autônomo e no controle da situação. Ao se julgar capaz de desempenhar a tarefa, o indivíduo se motiva intrinsecamente, dispensando reforços externos. Desenvolvida por Deci e Ryan em 1985, a Teoria da Avaliação Cognitiva (ou Teoria da Autodeterminação) sustenta que qualquer evento que afete a percepção de competência da pessoa também afeta sua motivação intrínseca. Esse evento, como, por exemplo, distribuição de recompensas, tipo de reforço, quantidade e qualidade de *feedback*, possui dois aspectos: o controlador e o informativo (RUMMEL; FEINBERG, 1988; HOLT; MANDIGO, 2000; RECASCINO; SMITH, 2003).

O aspecto controlador refere-se ao tipo de atribuição causal do indivíduo, interna ou externa. Segundo a Teoria da Avaliação Cognitiva, como as pessoas são motivadas intrinsecamente a fazer o que querem, tendem a se desmotivar quando percebem que são levadas à prática por motivos externos, tais como dinheiro, bolsas de estudo etc. Contudo, se o indivíduo entende essas recompensas como um reconhecimento ao seu esforço e desempenho (reforço positivo) a tendência da motivação é aumentar (HOLT; MANDIGO, 2000; RECASCINO; SMITH, 2003).

O aspecto informativo está diretamente relacionado à percepção de competência do sujeito. Se o reforço é realmente adequado ao tipo de comportamento e nível de desempenho do atleta, sua motivação tende a se elevar. Caso se julgue imerecedor da recompensa, essa motivação muito possivelmente declinará. Além disso, reforços negativos como críticas e punições reduzem a percepção de competência do indivíduo e, conseqüentemente, seu nível de motivação (HOLT; MANDIGO, 2000; RECASCINO; SMITH, 2003).

2.2. MOTIVOS

Conforme visto anteriormente, há diferença entre motivação e motivos, sendo que estes variam com o tempo, ganhando ou perdendo importância, e também aumentando em número e complexidade. Ao lado de outros fatores, os motivos amplificam ou mesmo atenuam a motivação.

2.2.1. Conceitos e Definições

No início do século XX, os motivos tornaram-se um conteúdo importante na Psicologia, em grande parte devido aos esforços do cientista britânico William McDougall, especializado no estudo do comportamento. Ele chamava os motivos de instintos, definindo-os como forças irracionais, compulsórias e herdadas, que determinam tudo o que as pessoas fazem, percebem e pensam. Em 1908, McDougall publicou uma lista de motivos que incluía agressão, aquisição, auto-afirmação, curiosidade, fome, fuga, reprodução e sociabilidade, o que levou à insatisfação de seus colegas pesquisadores, que ampliaram essa lista de uma

forma que os motivos explicariam tudo o que o indivíduo faz e não faz. Hoje, os psicólogos investem menos tempo em identificar as especificidades dos motivos e voltam sua atenção para descrever e determinar as influências sobre o comportamento motivado (DAVIDOFF, 1983).

É importante diferenciar os motivos de impulsos, incentivos e instintos. Davidoff (1983) iguala motivo a motivação, e afirma que este geralmente se estabelece mediante experiências de vida. Já os motivos que visam satisfazer necessidades fisiológicas básicas (sede, fome etc.) são chamados impulsos e, segundo Allport (1974), estes são substituídos por fatores mais complexos, característicos da maturidade, assumindo a forma de interesses, sentimentos, valores, traços, ambições, atitudes, gostos e inclinações. Enquanto os impulsos são considerados “naturais da espécie”, os incentivos são aprendidos. Como exemplos, temos os objetos e/ou condições externos para os quais os comportamentos se dirigem ou afastam, o que Skinner (1968) define como reforços positivos (dinheiro, sucesso etc.) e negativos (ferimentos, isolamento social) respectivamente. O termo instinto ocasionalmente é usado para definir as demais necessidades fisiológicas e padrões complexos de comportamento que, aparentemente, possuem origem inata. Muitas vezes, o termo “instinto” é substituído por “padrão de ação fixa”, principalmente quando o foco em questão se encontra desvinculado da hereditariedade. Já para Skinner (1968), os motivos e objetivos são simplesmente aspectos do campo de condicionamento. Para Cratty (1984), o estudo dos motivos implica investigar as razões pelas quais alguém decide fazer algo ou se dedica com mais intensidade e/ou persistência a determinada tarefa (DAVIDOFF, 1983; PISANI et al., 1990).

Existem algumas formas de se classificar motivos, sendo que, basicamente, eles se apresentam em três categorias que, por sua vez, se subdividem. São elas: a) impulsos básicos ou motivos de sobrevivência, que compreendem as necessidades fisiológicas. Essa categoria, por sua vez, se divide em motivos cíclicos (fome, sede, sono etc...), episódicos (dor, medo,

fadiga etc.) e necessidade de recepção e interpretação de informação. b) Motivos sociais, que se dividem em reprodutivos (sexo e comportamentos maternos), afiliação, prestígio etc. c) Motivos relacionados com a competência, que englobam as necessidades de realização e de informação consonante, ou seja, confirmação de informações (PISANI et al., 1990; WINTERSTEIN, 2002).

O psicólogo humanista Abraham Maslow (1908-1970) foi um dos maiores estudiosos sobre motivos, e concluiu que todo ser humano nasce com cinco sistemas de necessidades, organizados hierarquicamente sob a forma de pirâmide, na qual podemos constatar que, por mais que as pessoas estejam socializadas, continuam sendo "animais carentes" durante toda a vida. Segundo essa hierarquia, somente quando um motivo é satisfeito é que o indivíduo volta sua atenção e preocupação para o próximo nível da pirâmide. Os motivos se apresentam na seguinte ordem: fisiológicos, de segurança, sociais (amor e afiliação), de auto-estima e de auto-realização (BOURNE; EKSTRAND, 1982; DAVIDOFF, 1983; PAIM, 2001).

2.2.2. Os Motivos no Esporte e Exercício Físico

O estudo dos fatores motivacionais relacionados a atividades físicas em geral e esportivas em particular constitui-se num dos conteúdos mais abordados pela Psicologia do Esporte, principalmente porque, na compreensão dos motivos que levam à adesão, permanência e abandono da atividade, professores, técnicos e gestores podem melhor traçar suas metas a curto e longo prazo. Os motivos são investigados na abordagem da Psicologia que estuda os como e por quês os indivíduos se dispõem a praticar determinada atividade física ou esportiva (GILL et al., 1983; ROBERTS et. al, 1986; SERPA, 1990; GAYA; CARDOSO, 1998).

O estudo sobre motivos de participação esportiva tem entre seus pioneiros Skubic, que investigou jogadores infantis e juvenis de beisebol nos EUA em 1956, evoluindo com o trabalho de Alderman e Wood em 1976 e, dois anos depois, com a pesquisa de Sapp e Haubenstricker. Considerados os três estudos, a faixa etária oscila entre 11 e 18 anos, e a diversão, possibilidade de fazer novas amizades e aprendizagem de novas técnicas se destacam como principais motivos. Outros fatores importantes encontrados por psicólogos do esporte são afiliação, condicionamento físico, competitividade, estética, liberação de energia, melhorar saúde e qualidade de vida, reduzir estresse, superação de desafios e status. Para se motivar alguém, é necessário saber quais desses fatores são os mais importantes conforme sua personalidade, necessidades e momento, lembrando que, além de uma única pessoa apresentar vários motivos para fazer algo, muitas vezes eles são conflitantes, gerando insegurança e indecisão. Ao se trabalhar com um grupo, é essencial saber que seus membros apresentarão tanto motivos individuais quanto compartilhados, o que afeta diretamente a coesão da equipe e o tipo de liderança necessária para coordenar esforços (GILL, 1983; SINGER, 1984; FELIU, 1997; GAYA; CARDOSO, 1998; FRANCO, 2000).

Enquanto a diversão, afiliação e aquisição de novas habilidades se caracterizam como os motivos de prática mais citados entre crianças e adolescentes, estes perdem em importância para outros quando se trata da população adulta ou, dependendo do caso, passam a ser compartilhados com um número maior de motivos concorrentes (DWYER, 1992; SIQUEIRA et al., 2000; RUBIO, 2002). O aumento de responsabilidade faz com que motivos como status, prestígio e recompensas passem a ser mais atraentes para o adulto, principalmente se ele estiver envolvido com esporte de alto rendimento, indicando que os motivos extrínsecos começam a ganhar terreno sobre os intrínsecos. Um bom exemplo são as disputas acirradas pelas bolsas de estudo para atletas, visadas principalmente pelos indivíduos que optam por cursar faculdade e treinar sem ter de trabalhar, fato regular no Brasil e no exterior. Outro

exemplo são os próprios atletas oriundos da comunidade de baixa renda, que vêm no esporte uma possibilidade de ascensão social. Uma pesquisa realizada por Hernandez et al. (2004) parece vir comprovar esse último exemplo: entre jogadores de futebol e futsal de 9 a 34 anos, os mais motivados por sucesso e status estão na faixa de 17 a 19 anos, justamente o momento decisivo da vida em que se decide a profissionalização. Por outro lado, é importante ressaltar que, com o envelhecimento da população mundial e o crescente valor da atividade física para a terceira idade, já existem pesquisas apontando, por exemplo, para o fato de que idosos praticam esportes competitivos pelo motivo intrínseco de melhor administrar as realidades físicas e psicológicas de sua faixa etária (RUBIO, 2002; JAMES, 2003; DIONIGI, 2006).

Homens e mulheres praticam esporte por motivos diferentes. Enquanto o sexo masculino se envolve basicamente motivado pela competição e reconhecimento social, o feminino apresenta maior gama de motivos: saúde, bem-estar, estética e condicionamento, domínio de técnicas, prazer nas atividades, contato social, identificação com o professor ou treinador. Resumidamente, pode-se dizer que os homens são orientados para a competição, e as mulheres, para a tarefa (WEINBERG; GOULD, 2001).

Tão importante quanto descobrir por que as pessoas iniciam e permanecem em determinada atividade física é saber quais são os motivos que as levam a abandoná-la. Prochaska, DiClemente e Norcross (1992) desenvolveram um modelo transteórico, cíclico, que explicaria os estágios pelos quais os indivíduos passam com relação à prática de esportes e exercícios. No estágio de pré-contemplação, seja por ansiedade física social (vergonha), seja por desinformação, o sedentário não pretende começar tão cedo nenhuma atividade física. No estágio contemplativo, a pessoa pensa seriamente em se exercitar de alguma forma, mas não passa disso. No estágio de preparação, ocorre a prática irregular, mas insuficiente para obtenção de benefícios importantes. No estágio de ação, o indivíduo se envolve regularmente, mas pode voltar ao sedentarismo com facilidade. No estágio de manutenção, a prática regular

ocorre há mais de seis meses e existe a tendência a permanecer. Contudo, é importante lembrar que esse modelo é cíclico, e uma série de barreiras e contratempos, como lesões, por exemplo, podem fazer com que a pessoa retorne ao primeiro estágio (SINGER, 1984; WEINBERG; GOULD, 2001).

Em pesquisa recente, Alvarez et al. (2006) investigaram os motivos de abandono esportivo entre 561 ex-atletas de diversas modalidades individuais e coletivas, sendo 269 meninos e 292 meninas com idade média $15,2 \pm 1,6$ anos originários de diferentes regiões da Espanha. Os autores aplicaram o Questionário de Motivos para Abandono Esportivo (o *Questionnaire of Reasons for Attrition*), de Gould et al. (1982) e levantaram uma série de dados que, em sua maioria, apresentam relação de oposição direta aos motivos de prática e permanência encontrados em instrumentos como o PMQ. Pela ordem, os mais citados foram: “tinha outras coisas para fazer”, “não gostava do técnico”, “eu não tinha espírito de equipe suficiente”, “não havia trabalho em equipe” e “eu não sou tão bom quanto gostaria de ser”. O motivo mais importante para a população pesquisada aponta para características encontradas com mais frequência na idade adulta: falta de tempo e concorrência de outros motivos. Esses resultados corroboram os dados levantados por Buonamano et al. (1995) na Itália, embora não apresentem a mesma ordem de importância: segundo os autores, os principais motivos para abandonar a prática esportiva ou trocar de modalidade foram a pouca diversão (45%), dificuldades técnicas (29,2%), distância do local de prática (23,3%), outras coisas para fazer (20,6%) e não gostar do técnico ou colegas (5,2%).

Entre as demais barreiras para abandono da prática encontradas na literatura, temos: ausência de desafios, frustrações, decepções, medo do fracasso ou sucesso, ausência de reconhecimento, metas irrealistas, falta de tempo, falta de energia e falta de motivação. Para combater o abandono do esporte e exercício, os pesquisadores têm estudado os fatores que influenciam a permanência em determinada atividade, dividindo-os em pessoais e ambientais.

Entre os fatores pessoais, temos as variáveis demográficas (nível de educação, renda, sexo), variáveis cognitivas e de personalidade (principalmente a auto-eficácia e a automotivação) e participações passadas na atividade. Entre os fatores ambientais, destacam-se o ambiente social (família e amigos), o ambiente físico (proximidade e estrutura física do local de prática) e as características da atividade física: muitas vezes, a intensidade e duração elevadas levam ao afastamento (WEINBERG; GOULD, 2001; FONSECA, 2004).

Com essa diversidade de aspectos e a quantidade de estudos que atestam a relevância dos motivos e da motivação no esporte, desenvolveu-se uma quantidade razoável de instrumentos, em sua maioria questionários, que visam determiná-los, a exemplo do já mencionado TEOSQ, de Duda (1993); o *Intrinsic Motivation Inventory* (IMI), de McAuley et al. (1989); Inquérito de Motivação para Ausência de Actividade Desportiva (IMAAD), de Fernandes et al. (2004), e o *Sport Motivation Questionnaire for Persons with Mental Retardation*, de Shapiro e Yun (2003). Os próximos itens discorrerão sobre o instrumento que deu origem ao presente estudo, PMQ, bem como sua versão portuguesa, QMAD, e uma adaptação brasileira, o Inventário de Motivação para a Prática Desportiva (IMPD).

2.3. O *PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE* (PMQ)

O *Participation Motivation Questionnaire* foi desenvolvido por Gill, Gross e Huddleston (1983) no Departamento de Educação Física da Universidade de Iowa. Segundo os autores, na época, estimava-se que de 17 a 20 milhões de crianças e jovens se envolviam em atividades esportivas e, com certeza, eles teriam motivos diversos para se envolver. Contudo, até então, havia pouca informação empírica sobre esses motivos – ou mesmo qualquer outro aspecto do esporte nessas faixas etárias.

A partir de 1979, Gill e colaboradores iniciaram um estudo com dois objetivos básicos: a) Determinar os motivos de participação em esportes em nível descritivo; b) desenvolver um instrumento que medisse a motivação de participação da juventude no esporte, possibilitando seu emprego em diversos projetos de pesquisa e planejamentos de programação.

Os autores revisaram a literatura disponível na época, levantando todos os motivos de prática esportiva. Em um primeiro momento, praticar exercícios e diversão obtiveram o maior destaque. Em seguida, elaborou-se um projeto-piloto, perguntando a 750 crianças e jovens, e a 750 adultos, os motivos e objetivos de praticar esportes. Com base nas respostas às questões abertas, os pesquisadores elaboraram um questionário com 37 itens, similar ao PMQ atual, administrando-o a 27 rapazes e 24 moças que participavam de um programa de futebol comunitário em Waterloo, Ontário (Canadá). Feitas algumas modificações, chegou-se ao instrumento definitivo, com 30 itens avaliados em uma escala Likert decrescente de pontos, variando de 1=Muito Importante a 3=Nada Importante (GILL et al., 1983). Note-se que, nesse caso, quanto **menor** o valor atribuído ao motivo de prática, **maior** sua importância para o participante.

A versão definitiva do PMQ foi aplicada a 720 meninos e 418 meninas de 8 a 18 anos em uma colônia de férias esportiva com as seguintes modalidades: basquetebol, luta-livre, futebol, futebol americano, golfe, tênis, atletismo, ginástica e voleibol. No tratamento estatístico, calculou-se a média de cada motivo, em que os itens “desenvolver habilidades” e “diversão” mais se destacaram. Realizou-se também análise fatorial com rotação varimax para agrupar os itens em categorias ou dimensões motivacionais.

Segundo os autores, embora a testagem psicométrica não fosse a maior preocupação do estudo, o que se reflete na adoção de α de Cronbach inferior a 0,60, nível de confiabilidade considerado ideal por autores como Dancey e Reidy (2006), eles examinaram a consistência

interna dos 8 fatores motivacionais encontrados: 1) status ou *achievement/status* (com variância explicada de 19,4% e α de Cronbach de 0,76); 2) atividade em grupo ou *team* (representando 16,4% da variância explicada e $\alpha=0,78$); 3) condicionamento físico ou *fitness* (12,7% da variância explicada e $\alpha=0,75$); 4) liberação de energia ou *energy release* (11,7% da variância explicada e $\alpha=0,65$); 5) contextual/outros ou *contextual/others* (10,3% da variância explicada e $\alpha=0,49$); 6) aperfeiçoamento técnico ou *skill* (10,2% da variância explicada e $\alpha=0,44$); 7) afiliação ou *friends* (10,0% da variância explicada e $\alpha=0,30$); e 8) diversão ou *fun* (9,2% da variância explicada e $\alpha=0,55$). Estes dados podem ser melhor visualizados na tabela 1 do Anexo 6.

A primeira categoria, status, abriga seis itens, que aqui recebem a mesma numeração que os identifica no questionário: 3) “Eu gosto de vencer” (*I like to win*), 12) “Eu gosto de fazer algo em que sou bom” (*I like to do something I’m good at*), 14) “Eu gosto de ganhar prêmios” (*I like the rewards*), 21) “Eu gosto de me sentir importante” (*I like to feel important*), 25) “Eu quero ser conhecido” (*I want to be popular*) e 28) Eu quero ganhar status ou reconhecimento (*I want to gain status or recognition*).

A segunda dimensão é composta por três questões relacionadas à atividade em grupo: 8) “Eu gosto de trabalhar em equipe” (*I like the teamwork*), 18) “Eu gosto do espírito de equipe” (*I like the team spirit*) e 22) “Eu gosto de fazer parte de uma equipe” (*I like being on a team*). O terceiro fator, condicionamento físico, também engloba três itens: 6) “Eu quero ficar em forma” (*I want to stay in shape*), 15) “Eu gosto de fazer exercícios” (*I like to get exercise*) e 24) “Eu quero ter um bom condicionamento físico” (*I want to be physically fit*).

Liberação de energia, a quarta categoria motivacional, abriga cinco questões: 4) “Eu quero liberar energia” (*I want to get rid of energy*), 5) “Eu gosto de viajar” (*I like to travel*), 13) “Eu quero liberar tensão” (*I want to release tension*), 16) “Eu gosto de ter algo para fazer” (*I like to have something to do*) e 19) “Eu gosto de sair de casa” (*I like to get out of the house*).

A quinta dimensão foi classificada como miscelânea pelos autores, sendo composta pelo que consideraram fatores situacionais ou contextuais: 9) “Meus pais e amigos querem que eu jogue” (*My parents and close friends want me to play*), 27) “Eu gosto dos técnicos ou instrutores” (*I like the coaches or instructors*) e 30) “Eu gosto de usar os equipamentos e instalações” (*I like to use the equipment or facilities*).

O aperfeiçoamento técnico foi o sexto fator identificado, também composto por três itens: 1) “Eu quero melhorar minhas habilidades” (*I want to improve my skills*), 10) “Eu quero aprender novas habilidades” (*I want to learn new abilities*) e 23) “Eu quero superar limites” (*I want to go on to a higher level*). A sétima categoria, afiliação, obteve altas cargas fatoriais positivas nos aspectos relacionados à amizade [2) “Eu quero estar com meus amigos” (*I want to be with my friends*) e 11) “Eu quero fazer novas amizades” (*I want to meet new friends*)] e altas cargas negativas em termos competitivos [20) “Eu gosto de competir” (*I like to compete*) e 26) “Eu gosto de desafios” (*I like the challenge*)]. Justamente devido a essa carga fatorial negativa, os autores determinam que os itens 20 e 26 sejam somados na categoria afiliação, mas com os resultados assinalados invertidos, ou seja: o que é marcado como 1 é convertido em 3 e vice-versa, sendo que o valor 2 se mantém. A última categoria motivacional, diversão, abriga três questões: 7) “Eu gosto de ter emoções fortes” (*I like the excitement*), 17) “Eu gosto de ação” (*I like the action*) e 29) “Eu gosto de me divertir” (*I like to have fun*).

É possível notar que, com exceção dos primeiro, quarto e sétimo fatores, que abrigam respectivamente 6, 5 e 4 itens do questionário, ocorre uma distribuição igualitária de três itens pelas demais categorias. Em suas conclusões, Gill et al. (1983) afirmam que, na faixa etária do estudo, a diversão e o desenvolvimento de habilidades realmente aparentam ser os maiores motivos de qualquer prática esportiva; as similaridades entre meninos e meninas são mais acentuadas do que suas diferenças; o uso do instrumento na sua atual forma não apresentou problemas de aplicação e os participantes não tiveram dificuldade em compreender os 30

itens. Por fim, os autores declararam que um possível passo na modificação do questionário seria a busca de um equilíbrio maior no que se refere ao número de itens por dimensão motivacional, bem como maior garantia de que todos os itens dentro de uma categoria apresentem relação lógica – mudanças que não ocorreram até o presente momento, conforme se atesta na versão recebida diretamente de Diane L. Gill por correio eletrônico (ANEXO 2).

Apesar de ter enviado uma cópia de seu questionário original para a realização do presente estudo, Gill sugeriu que se levasse em conta a análise de estrutura interna do PMQ, realizada por Dwyer (1992), que administrou o instrumento a 185 universitários (112 homens, 73 mulheres) fisicamente ativos com o intuito de examinar a estrutura interna do questionário no contexto da participação adulta em atividades físicas. Encontrou seis fatores motivacionais (e não oito conforme a pesquisa original) com índices de confiabilidade entre 0,67 e 0,91: atividade em grupo, status, condicionamento físico, afiliação, aperfeiçoamento técnico e diversão/emoção. Para chegar a esses resultados, obedeceu ao seguinte processo: a) valeu-se de uma escala Likert crescente com cinco pontos, objetivando maior variabilidade de respostas; b) após análise fatorial, eliminou os itens que destoavam teoricamente dos demais na mesma categoria motivacional, ficando com 20 itens dos 30 originais. Entre suas sugestões, recomendou que futuros pesquisadores examinassem a estabilidade do instrumento ao longo do tempo.

O PMQ provavelmente é o instrumento mais utilizado por investigadores sobre motivos de prática esportiva, com versões e adaptações em países como Austrália, China, Coréia, Espanha, Estados Unidos, Grécia, Hungria, Itália, Suécia, Taiwan e Turquia. O problema é que essas versões não coincidem nem na quantidade de fatores motivacionais (variando de 4 a 8), nem na qualidade (por exemplo, na designação das categorias, conteúdo dos itens que as integram e percentagem de variância que as explicam). No item 2.3.1, será possível ver o quanto algumas dessas versões diferem ao redor do mundo. No 2.4.1, será

analisada a versão portuguesa do instrumento, traduzida por Serpa e Frias e utilizada tanto em Portugal quanto no Brasil, e, no 2.4.2, apresenta-se a adaptação italiana do questionário para efeitos comparativos (SERPA, 1990; 1992; BUONAMANO et al., 1995; SHANG, 1997; FONSECA; MAIA, 2000; PARK, 2003; CHADHA; KOLT, 2004; DOULIAS et al, 2005; HU; WEI, 2005; THIBORG, 2005; GÜBURZ et al., 2007).

2.3.1. Aplicações do PMQ no Mundo

Conforme Fonseca (2001) afirma, o *Participation Motivation Questionnaire* é um dos questionários sobre motivação e motivos de prática esportiva mais utilizados no mundo. A seguir, apresentam-se alguns estudos que se valeram desse instrumento.

Klint e Weiss (1987) adaptaram o PMQ para testar a noção de que as percepções de competência estão relacionadas a motivos específicos de crianças e adolescentes para a prática esportiva, com base na teoria de motivação para a competência de Harter. Sua versão do instrumento passou a contar com 32 itens, contendo, além de itens novos, leves alterações em alguns originalmente propostos por Gill et al.(1983). Valeram-se de uma escala Likert crescente de 5 pontos, e aplicaram a 67 participantes (27 meninos e 40 meninas) entre 8 e 16 anos, todos ginastas, mas, ao contrário do instrumento original e de várias versões que se realizariam depois, não utilizaram análise fatorial para determinar as categorias motivacionais, e sim adotaram as propostas por Passer (1981): aperfeiçoamento técnico, afiliação, status, liberação de energia, condicionamento físico e emoções/desafios. Como 6 dos 32 itens não se encaixavam nessas categorias, não foram inclusos em análises subsequentes. A consistência interna (α de Cronbach) das categorias variou de 0,53 a 0,86. Após coleta de dados paralelos e análise de função discriminante, os autores chegaram à conclusão de que há relação entre percepção de competência e motivação para prática

esportiva, sendo que as crianças com mais alta percepção apresentaram-se como as mais motivadas.

Shang (1997) explorou os motivos de prática de atletismo entre escolares do ensino médio em Taiwan. Em face às diferenças culturais entre oriente e ocidente, incluiu mais 5 itens no PMQ e o aplicou a 168 estudantes, chegando às seguintes conclusões: não há diferença significativa entre os motivos de prática de alunos mais jovens e mais velhos; não há diferença entre sexos no que se refere a motivos de prática; os alunos de primeiro ano do segundo grau são mais motivados que os do segundo ano; a análise fatorial exploratória identificou nove categorias: competitividade, status social, aperfeiçoamento de técnicas, relacionamento pessoal, afiliação, estresse escolar, atividade em grupo, condicionamento físico e expectativas de terceiros. Aqui, nota-se mais uma alteração entre os itens do PMQ, que passam a ser 35 nesta versão, e na reclassificação de categorias motivacionais conforme os dados encontrados na cultura local.

Koivula (1999) empregou o *Participation Motivation Questionnaire* associado a dois outros questionários sobre motivos para prática de atividade física (*Reasons for Exercise Inventory* e *Motivation for Physical Activities Measure*) e um instrumento sobre papéis sexuais (*Bern Sex Role Inventory*, o BSRI) com o intuito de investigar os possíveis efeitos das características de gênero do praticante nos motivos apresentados para a prática esportiva, bem como estabelecer relação entre esses motivos e o tempo investido na atividade física. Dos 272 participantes, 124 eram mulheres e 148 homens, com idade média $24,9 \pm 4,5$ anos, todos universitários do Instituto Real de Tecnologia de Estocolmo, Suécia, e envolvidos regularmente com modalidades esportivas. A pesquisadora aplicou a versão do PMQ proposta por Dwyer (1992), com escala Likert de 5 pontos e 30 itens distribuídos em 6 categorias motivacionais: atividade em grupo, status, condicionamento físico, afiliação, aperfeiçoamento técnico, e diversão/emoção. Encontrou várias diferenças entre os grupos investigados no que

se refere aos motivos de prática, atribuindo muitas delas à diferença entre os sexos, principalmente no que se refere à maior competitividade masculina.

Zahariadis e Biddle (2000) estudaram a inter-relação entre motivos de prática esportiva e orientações para metas de realização entre 412 alunos do sexo masculino matriculados no ensino médio da Inglaterra. Empregaram o PMQ em conjunto ao TEOSQ (questionário que visa medir se a orientação do participante se volta para a tarefa ou para o ego), aplicando a versão original do questionário de Gill et al. (1983). Realizaram análise fatorial com rotação varimax e redistribuíram os 30 itens em seis categorias que explicaram 63,3% da variância dos resultados e obtiveram elevados índices de consistência interna (α de Cronbach): “aperfeiçoamento técnico e competitividade” ($\alpha=0,89$), “status” (0,85), “liberação de energia” (0,77), “atividade em grupo” (0,82), “afiliação” (0,63) e “condicionamento físico” (0,83). Essa categorização é similar à de Gill et al. (1983), mas os índices de consistência interna são mais elevados, todos ficando acima de 0,60 conforme recomendam Dancey & Reidy (2006). Dois dos 30 itens ficaram de fora da reclassificação final por se carregarem estatisticamente em mais de um dos seis fatores motivacionais encontrados: “eu gosto de emoções fortes” (número 11) e “eu gosto de ter algo para fazer” (17), deixando essa versão inglesa com 28 questões para análise final. Zahariadis e Biddle (2000) encontraram alta correlação entre “aperfeiçoamento técnico” e “atividade em grupo” com a orientação para a tarefa, e clara associação entre “status” e orientação para o ego. Nas considerações finais, sugerem que professores e técnicos promovam a motivação intrínseca através da orientação para a tarefa, indo ao encontro da literatura (DUDA; NEWTON, 1993). Vale a pena ressaltar que, mesmo com a aplicação do questionário original em país cuja língua nativa é o inglês, os autores optaram por recategorizar os 30 itens, talvez em face de diferenças culturais entre EUA e Inglaterra.

Paim (2001) aplicou o PMQ, chamando-o de “Inventário dos Fatores Motivacionais (IFM)”, a 32 alunos de ambos os sexos na faixa etária de 10 a 16 anos, todos matriculados na Escolinha de Futebol da ADUFMS, Santa Maria/RS. Adotou as seis categorias motivacionais propostas por Passer (1981): afiliação, desenvolvimento de habilidades (técnicas), emoção e desafios, sucesso e status, aptidão (condicionamento físico) e liberação de energia. Excluiu 5 itens dos 30 originais: “viajar”, “ter alegria”, “ter algo para fazer”, “gostar dos técnicos” e “gostar de usar espaços e aparelhos esportivos”. Nos quatro grupos em que dividiu os participantes, encontrou como principais fatores motivacionais: emoção e desafio (84% das meninas entre 10 e 12 anos); afiliação (81% entre meninos de 10 a 12 anos), aperfeiçoamento técnico (79% tanto para meninos quanto meninas entre 13 e 16 anos). Note-se que uma importante variação nesse estudo é a utilização de percentagem na apresentação de resultados, contribuindo para que se dificulte a comparação entre pesquisas similares que empregaram o mesmo instrumento – no caso, o PMQ.

Moruisi (2002) comparou os motivos de prática de 180 atletas escolares do ensino médio dos EUA (90) e Botswana (90). Utilizou uma versão adaptada do PMQ (WHITE; DUDA, 1994), e encontrou as seguintes diferenças significativas ($p \leq 0,05$): o fator de prática “atividade em grupo” dos africanos é significativamente superior ao dos americanos; a “liberação de energia” dos africanos é superior à das africanas; na mesma categoria, as americanas apresentaram-se superiores aos americanos e às atletas de Botswana; as americanas se mostraram mais motivadas que os americanos no quesito “afiliação”; como um todo, os atletas do Botswana apresentaram valores superiores de “aperfeiçoamento técnico” aos de suas contrapartes americanas.

Magno et al. (2003) empregaram versão adaptada do PMQ para verificar os fatores motivacionais que levam idosos à prática da caminhada. Nessa versão, há cinco fatores motivacionais: estética e performance, saúde física, diversão, ambiente e status, e auto-estima.

A escala Likert foi graduada em 5 pontos, de 1=Isto me motiva pouquíssimo a 5=Isso me motiva muitíssimo, e os 40 homens e 50 mulheres na faixa etária de 60 a 80 anos afirmaram que seus principais motivos para a prática de caminhada são: saúde (25%), diversão (24%), estética e performance (19%), ambiente e status (18%) e auto-estima (14%). Note-se que as cinco categorias motivacionais empregadas, a exemplo do QMAD de Serpa (1992), parecem ter sido formadas exclusivamente com base na estatística (análise fatorial) em detrimento do conteúdo conceitual, agregando em uma mesma dimensão conceitos distintos como ambiente e status, por exemplo.

Park (2003) investigou se havia diferenças significativas entre os motivos de prática esportiva de 487 universitários: 275 coreanos e 212 americanos. Seguiu as normas de Bracken e Barona (1991) para tradução e adaptação transcultural do PMQ, que envolvem os seguintes passos: a) tradução direta; b) translação bilingual; c) exame por comissão de especialistas; d) teste em grupo focal; e) tradução reversa (*back translation*). Manteve os 30 itens e 8 categorias originais propostos por Gill et al. (1983), mas adotou a escala Likert crescente com 5 pontos sugerida por Dwyer (1992). Concluiu que os universitários americanos apresentam maior motivação em todas as 8 categorias, inferindo que a diversidade cultural foi um fator crítico para determinar essa diferença. Observe-se aqui que o protocolo de tradução e adaptação transcultural utilizado é similar ao que se pretende empregar no presente estudo, mas difere no momento em que realiza a análise por comissão examinadora e a tradução reversa.

Barcelona e Sanfelice (2004) aplicaram o PMQ em 27 atletas argentinos de voleibol, todos homens entre 16 e 32 anos. Os autores mantiveram os 30 itens originais, mas utilizaram escala Likert crescente de 3 pontos e adotaram as seis categorias de motivação propostas por Passer (1981). Compararam 17 jogadores de voleibol participativo, cujo maior fator motivacional de prática foi “desenvolver habilidades” (técnicas) com média 2,76, com 10

atletas de rendimento que apresentaram média 2,90 para a categoria “aptidão” (condicionamento físico). Nota-se, mais uma vez, que as alterações adotadas dificultam bastante a comparação entre os resultados de pesquisadores distintos com objetivos similares, ou seja, determinar motivos mais importantes de prática esportiva.

Chadha e Kolt (2004) realizaram uma tentativa inicial de compreender os motivos de participação em atividade física de 123 idosos indianos, 76 homens e 47 mulheres. Empregaram o PMQ adaptado para idosos e destacam 9 dos 30 itens, entre eles “estar com amigos” (72,6%), “aspectos sociais” (68,5%), “eu gosto da companhia” (58,9%) e “participar de um grupo (50,8%). Note-se que existem itens que não constam na versão original de Gill et al. (1983), como “aspectos sociais” e “eu gosto de companhia”, e os pesquisadores apresentam resultados em termos de itens e não fatores motivacionais.

Na Grécia, Doulias et al. (2005) pesquisaram os motivos de 134 adolescentes participarem dos grupos de danças folclóricas de seu país. Atestaram que os maiores fatores motivacionais são diversão (média 4,08) e atividade em grupo (4,02), seguidos de afiliação (3,95), contexto (3,86), desafios (3,70), liberação de energia (3,64), aperfeiçoamento técnico (3,49) e status (2,54). Segundo os autores, aplicou-se uma versão do PMQ estruturada para danças folclóricas, e houve diferença significativa ($p < 0,5$) entre meninos e meninas nas categorias “aperfeiçoamento técnico” ($t=2,38$; meninas com média 3,60 e meninos com 3,34) e “afiliação” ($t=2,25$; meninos com média 4,10 e meninas com 3,86). Doulias et al. (2005) afirmam não terem encontrado diferença significativa em nenhuma categoria entre os adolescentes de menor idade no grupo. É possível observar que o estudo apresenta oito categorias motivacionais como o de Gill et al. (1983), e apenas uma difere das originais: “desafios” aparece no lugar de “condicionamento físico”. Também é possível observar que a pesquisa grega se vale de uma escala Likert crescente com 5 pontos, a exemplo da versão empregada na análise confirmatória de Dwyer (1992).

Os chineses Hu e Wei (2005) aplicaram o PMQ em conjunto ao TEOSQ (*Task and Ego Orientation in Sports Questionnaire*) para determinar o efeito dos motivos de participação e metas de realização (tarefa ou ego) entre 412 universitários que freqüentam aulas de Educação Física ou treinam regularmente alguma modalidade. A análise indicou forte relação entre motivos de prática e metas de orientação, sendo que os primeiros intensificam as últimas. É importante observar que não é raro encontrar a aplicação associada dos instrumentos PMQ e TEOSQ, como neste caso e no anteriormente citado Zahariadis e Biddle (2000), sendo que a tendência é que os resultados confirmem a literatura, por exemplo, associando orientação para o ego, motivação extrínseca e motivos de prática por status.

Giles et al. (2005) investigaram os motivos e barreiras de participação em atividade física para 1.100 imigrantes idosos indianos nos EUA. Empregaram uma versão adaptada do PMQ para idosos, encontrando entre os principais motivos as recomendações médicas e a manutenção da saúde. A partir dos dados encontrados, sugeriram o desenvolvimento de intervenções para encorajar a prática de atividade física entre a população estudada.

Thiborg (2005) examinou traços de personalidade, motivos de prática esportiva e ética esportiva entre 150 futebolistas suecos, 67 homens e 83 mulheres. Empregaram a tradução sueca do PMQ, constatando que atletas de elite consideram o aperfeiçoamento de habilidades o fator motivacional de prática mais importante, fato que não ocorre com iniciantes e amadores, e as mulheres são mais motivadas pela afiliação que os homens, corroborando a literatura (WEINBERG; GOULD, 2001).

Jones et al. (2006) verificaram os motivos de prática entre artistas marciais de West Midlands, Inglaterra. Utilizaram uma versão adaptada com 28 itens do PMQ e administraram a 75 praticantes de tai chi chuan, caratê, kung-fu, aikidô, jeet kune dô, luta livre inglesa, tae kwon-do e jiu-jitsu. Pela ordem de importância, os motivos se distribuíram em 7 categorias encontradas após a análise de componentes principais: atividade em grupo, afiliação,

condicionamento físico, status, competitividade, situacional e aperfeiçoamento técnico. Os dados levantados sugeriram que, embora haja uma discrepância no nível de participação conforme o gênero, uma vez envolvidas, as mulheres apresentam a mesma assiduidade semanal que os homens; o estilo do instrutor é de importância fundamental para a motivação do aluno. Nota-se que, mais uma vez, o PMQ foi adaptado em um local onde a língua pátria é o inglês.

Rosolen et al. (2006) aplicaram o PMQ com tradução própria em 80 atletas universitárias na faixa etária de 18 a 29 anos, todas praticantes de Futsal presentes na Copa Unisinos de 2005 em São Leopoldo/RS. Alteraram a escala de Likert original de 3 para 4 pontos: 4=Extremamente importante, 3=Bastante importante, 2=Pouco importante e 1=Nada importante, mas mantiveram as 8 dimensões originais. Os fatores motivacionais mais importantes para as respondentes foram “atividade em grupo” (média 3,55), “diversão” (3,51), “aperfeiçoamento de habilidades” (3,37), “condicionamento físico” (3,33), “liberação de energia” (3,13), “status” (2,75), “situacionais” (2,54) e “afiliação” (1,51).

Güburz et al. (2007) objetivaram determinar os motivos de prática de 304 futebolistas entre 9 e 15 anos de idade do sexo masculino na Turquia. Após a aplicação do PMQ, descobriram que o motivo de prática mais importante – e, portanto, com a menor média conforme a escala Likert decrescente de 3 pontos proposta originalmente por Gill et al. (1983) – foi o item “eu quero melhorar minha técnica”, com valor 1,04. Encontraram diferença significativa no fator motivacional “afiliação” entre crianças com experiência entre 1 e 4 anos e as que praticavam há mais de 5 anos. Observe-se que este é um dos raros estudos encontrados que segue fielmente a versão original do instrumento, mas sua apresentação e discussão de dados, inclusive em termos de tabelas, conferem mais relevância aos 30 itens do que às oito categorias motivacionais, limitando a possibilidade de comparação com pesquisas similares.

Analisando os estudos com o PMQ apresentados até o momento, nota-se que há uma grande quantidade de adaptações conforme a faixa etária, bem como contextos culturais e lingüísticos. A diversidade de países onde o instrumento foi e é aplicado aponta para seu reconhecimento científico pelo uso, mas a falta de uniformidade no momento de apresentar dados limita a possibilidade de comparações para os pesquisadores sobre motivos de prática esportiva.

2.4. TRÊS CASOS DE ADAPTAÇÃO DO PMQ: PORTUGAL, ITÁLIA E BRASIL

A seguir, apresentam-se brevemente os processos de adaptação do *Participation Motivation Questionnaire* em três países, inclusive o Brasil. Note-se que, apesar das diferenças no resultado final, os três casos se valeram dos mesmos recursos estatísticos que Gill et al. (1983) empregaram para determinar validade de construto e consistência interna: análise fatorial e teste α de Cronbach.

2.4.1. O Questionário de Motivação de Actividades Desportivas (QMAD).

Dentre as diversas versões regionais do PMQ, o QMAD, de Serpa e Frias (SERPA, 1990; 1992), está entre as que mantiveram a intenção e a quantidade dos itens originais propostos por Gill et al.(1983). Os autores, no entanto, optaram por substituir a escala Likert decrescente de 3 pontos por outra crescente, com 5 pontos, variando de 1=Nada Importante a 5=Totalmente Importante.

Serpa (1992) trabalhou com uma amostra constituída por 85 meninos e 90 meninas entre 10 e 15 anos, praticantes de diversas modalidades do esporte escolar na área do Grande Porto, Portugal. No tratamento estatístico, a exemplo do estudo de Gill et al.(1983), desenvolveu análise fatorial com rotação varimax, realizando também estudo descritivo dos itens a partir das respostas dos participantes. Segundo o autor, estimaram-se todas as correlações para cada dimensão, constatando-se que os itens se relacionaram mais acentuadamente com as categorias que deveriam pertencer. Na primeira e sexta dimensão, seus respectivos itens 26 (ultrapassar desafios) e 4 (descarregar energias) “foram invertidos nos valores da escala por terem correlação negativa” (p.94).

As sete categorias motivacionais encontradas foram: 1) Status (realização-estatuto), 2) Diversão (divertimento), 3) Atividade em grupo, 4) Contextual, 5) Aptidão física, 6) Aperfeiçoamento técnico e 7) Influência de familiares e amigos. Nota-se, então, a ausência dos fatores “afiliação” e “liberar energia”, e a presença de uma nova categoria, “influência de familiares e amigos”. Os 30 itens (ANEXO 3) foram redistribuídos da seguinte forma:

1) Realização-estatuto, explicando 25,4% da variância e consistência interna (α de Cronbach) 0,68: 3, 14, 20, 21, 23, 25, 26 e 28. Passa de 6 itens no PMQ para 8 no QMAD. A exemplo do instrumento original, Serpa (1992) também pede para que se inverta o valor da questão 26, anteriormente inclusa no item afiliação. No caso, os valores assinalados pelos respondentes passam a ser invertidos na tabulação de resultados: 1 passa a ser 5, 2 passa a ser 4 e assim sucessivamente. Cabe aqui questionar por que este item relacionado à coesão pela tarefa (competir e superar desafios), que anteriormente teve os valores de seus resultados invertidos por se agruparem com questões ligadas à coesão social e afiliação (estar com amigos e fazer novas amizades) também foi invertido quando agrupado com outros itens de coesão pela tarefa: vencer, ganhar prêmios, sentir-se importante etc. O item 20 (competir), que se invertia no PMQ de Gill et. al (1983), aparece diretamente somado sem inversão.

2) Divertimento (representando 9,15% da variância explicada e com $\alpha=0,65$): 2, 5, 11, 12, 13 e 29. Nota-se que esta categoria, que anteriormente englobava apenas 3 itens passa a reunir 6 – mas apenas um deles, o 29, pertencia ao agrupamento original. Na versão portuguesa, o fator divertimento recebeu dois itens originariamente pertencentes à afiliação (2 e 11), dois de liberação de energia (5 e 13) e um de status (12), tendo transferida sua questão 7 para a categoria contextual e a 17 para atividade em grupo.

3) Atividade em grupo (10,28% da variância explicada e $\alpha=0,68$): 8, 18, 10, 16, 17 e 22. É mais um fator que possuía três itens no PMQ e passou a ter seis no QMAD. Além de manter 8, 18 e 22, passou a comportar o já mencionado 17, o item 10 (aprender novas habilidades, antes presente na categoria desenvolvimento de habilidades) e a questão 16 (ter algo para fazer, antes abrigada em liberação de energia).

4) Contextual (7,37% da variância explicada e $\alpha=0,66$): 7, 27 e 30. Manteve a mesma quantidade de itens que no PMQ, mas, no lugar do item 9 (influência de pais e amigos), passou a incluir a questão 7, ter emoções fortes.

5) Aptidão física (2,68% da variância explicada e $\alpha=0,61$): 6, 15, 19 e 24. Originalmente com três itens no questionário americano, passou a englobar também a questão 19 (sair de casa), antes presente na categoria liberação de energia.

6) Aperfeiçoamento técnico (2,28% da variância explicada e $\alpha= - 0,24$): 1 e 4. Dos três itens originais, passou a ter apenas dois, tendo transferido as questões 10 (aprender novas técnicas) para atividade em grupo e 23 (superar limites) para status, passando a incluir o item 4 (liberar energia, antes presente na categoria de mesmo nome). Ao contrário de Gill et al. (1983), os autores pedem para que os valores da questão 4 sejam invertidos – o que muito provavelmente explica seu índice de consistência interna negativo.

7) Influência de amigos e familiares (não foi apresentado valor de variância): 9. Fator motivacional inexistente no PMQ, esse item possui o mesmo nome que sua categoria. Como é

composto por um único item, impossibilita-se o cálculo estatístico de sua consistência interna. Os dados estatísticos sobre o QMAD podem ser melhor visualizados na tabela 2 do Anexo 6.

Serpa (1992) observa que, apesar de considerar pequena a quantidade de participantes em seu estudo, confirmou-se a multidimensionalidade da motivação para a prática esportiva, mantendo-se, na essência, as categorias encontradas em estudos anteriores. Na verdade, o QMAD elimina os fatores “afiliação” e “liberação de energia” presentes no PMQ, acrescentando “influência de família e amigos”. O autor chama atenção para o fato de que a correlação mínima fator-item em seu estudo foi de 0,50 – contra 0,33 de Gill (a comparação entre quantidade e tipos de categorias entre PMQ e QMAD pode ser vista na tabela 3 do Anexo 6). Por fim, conclui que o QMAD se confirma como instrumento psicométrico válido para avaliação da motivação para prática esportiva.

Contudo, além das limitações observadas pelo próprio autor, o QMAD apresenta mais algumas, analisadas por dois estudiosos portugueses. Fonseca e Maia (2001), após administrarem o instrumento a 1048 atletas entre 10 e 17 anos, examinaram a estrutura fatorial proposta por Serpa (1992) utilizando o programa LISREL 8 e, após realização de análise fatorial confirmatória, descobriram “a existência de alguns problemas de ajuste do modelo de medida analisado”, sugerindo a questionabilidade do modelo proposto (p.63-64). Ainda segundo os dois autores, na busca de melhor adequar itens e categorias, é comum, na literatura específica, propor-se reespecificação – que não ocorreu muito provavelmente porque não existiam, em 1992, modelos na literatura de motivação decorrentes de estruturas conceituais sólidas como alternativa para o QMAD. Assim, os critérios conceituais cederam à força dos números – opção final de Serpa (1992) ao categorizar os itens de seu instrumento. Fonseca e Maia (2001) concluem afirmando que a necessidade de investigações adicionais não invalida a estrutura fatorial do QMAD, mas que os resultados por eles encontrados indicam “alguma inadequação do modelo de medida proposto” (p.64).

Levando em consideração os dados colhidos após aplicação do QMAD junto a 100 atletas universitários brasileiros, vislumbrou-se a possibilidade de analisar estrutural e estatisticamente a adaptação portuguesa para verificar sua adequação para medir a motivação de prática esportiva em adultos brasileiros, e conseqüente necessidade de validar o PMQ para esse público no Brasil – principalmente ao se levar em conta as diferenças geográficas e culturais mencionadas por pesquisadores como Buonamano et al. (1995) e Brandão et al. (2004), por exemplo.

2.4.1.1. Aplicações do QMAD em Portugal e no Brasil

Após sua elaboração por Serpa e Frias (SERPA, 1990; 1992), o Questionário de Motivação de Actividades Desportivas aumentou consideravelmente os estudos sobre motivação em geral e motivos de prática esportiva em particular em Portugal (FONSECA, 2001). No Brasil, o fenômeno se repetiu, embora ainda haja pesquisadores que optem pela utilização de versões próprias do PMQ, conforme visto no item 2.3.1.

Há todo um livro editado por Fonseca (2001) centrado no conteúdo motivação, reunindo diversos estudos portugueses sobre o assunto. Das 55 pesquisas publicadas, 23 utilizam o QMAD, uma amplia sua quantidade de itens (FONSECA et al., 2001), duas analisam sua estrutura interna (FONSECA, 2001; FONSECA; MAIA., 2001) e pelo menos uma alega não empregar o instrumento devido ao seu excesso de uso em Portugal (MOTA et al., 2001). Abaixo, apresentam-se artigos portugueses e brasileiros que utilizam o QMAD como instrumento.

Castro (1999) buscou identificar e conhecer as razões que levam os indivíduos a optarem pela prática de danças tradicionais portuguesas. Aplicou uma versão adaptada do QMAD, com 34 itens, a 225 pessoas com idades entre 10 e 75 anos, sendo 119 do sexo

feminino e 106 do masculino, pertencentes a 9 grupos etnográficos e folclóricos. Redistribuiu os itens em 8 categorias motivacionais após realizar análise fatorial com rotação varimax, encontrando: folclore, amizade/diversão, bem-estar, status, dança, canto, outros e influências. Os fatores “folclore”, “outros” e “amizade/diversão” foram os mais influentes, e “status”, o de menor importância para os respondentes. Segundo a autora, as mulheres valorizam mais os motivos relacionados à dança enquanto os homens dão preferência à afiliação. Os mais jovens são mais motivados por “amizade/diversão”, e os mais idosos, “folclore”. Note-se que, pelos resultados de Castro, houve não apenas inclusão de 4 novos itens no QMAD, mas considerável substituição entre as 30 questões originais, possibilitando o surgimento de 4 novas categorias motivacionais: “folclore”, “bem-estar”, “dança” e “canto”.

Em Portugal, Cid (2002) investigou as razões que levam à prática de atividade física entre 110 estudantes do ensino médio na faixa de 15 a 20 anos. Após aplicar o QMAD, descobriu que os motivos mais importantes são “manter a forma”, “estar em boa condição física” e “diversão”. Os menos importantes em seu estudo foram “pretexto para sair de casa”, “influência dos treinadores” e “sensação de ser mais importante”. Encontrou diferença significativa entre os alunos do 12º. ano e os do 10º. em termos de “liberar a tensão”, e entre os participantes do 10º. ano e os do 11º. no que se refere à “diversão” Concluiu que os sujeitos estudados atribuíram mais importância aos motivos intrínsecos do que extrínsecos, algo que permanece inalterável ao longo dos três últimos anos escolares.

Estriga e Cunha (2003) investigaram os motivos de escolha e prática de handebol junto a 70 jogadoras na faixa de 14 a 16 anos, integrantes das seleções regionais da Associação de Andebol do Porto. Após aplicação do QMAD, encontraram-se os seguintes fatores motivacionais: competição (média $3,80 \pm 0,71$), competência ($3,75 \pm 0,75$), afiliação ($3,75 \pm 0,69$), atividade em grupo ($3,59 \pm 0,60$), condicionamento físico ($3,33 \pm 0,79$), diversão ($3,03 \pm 0,85$), emoções ($2,88 \pm 0,82$) e status ($2,45 \pm 0,64$). Note-se que os 30 itens

do QMAD foram redistribuídos nas 8 categorias propostas após a análise fatorial confirmatória realizada por Fonseca e Maia (2001), e não a sugerida por Serpa (1992) no estudo que adaptou o questionário para Portugal.

Melo e López (2003) investigaram os motivos de participação nas atividades de educação física em uma enfermaria ortopédica de Brasília. Trinta pacientes deram opinião sobre que atividades gostariam de realizar, e as respostas foram analisadas conforme as dimensões motivacionais do QMAD. Os motivos mais importantes se relacionaram à condição física, com 32,3% de indicações, seguido de “ter algo para fazer” diferente do habitual (25%) e motivos relacionados à diversão (24,3%). Apesar de não ser um estudo com aplicação direta do questionário adaptado por Serpa (1992), levou em consideração os sete fatores levantados por ele ao distribuir os motivos levantados pelos pacientes. Por se tratar de uma enfermaria, a conclusão dos autores é pertinente: verifica-se maior motivação para o condicionamento físico devido ao fato de que os sujeitos estão preocupados com a melhora de seu bem-estar físico.

Em Santa Maria/RS, Paim (2003) aplicou o QMAD em 75 meninas na faixa etária de 14 a 16 anos, inscritas em escolinhas de voleibol particulares e estaduais, visando averiguar os motivos de prática esportiva. A exemplo de seu estudo com o PMQ analisado no item 2.3.1, a autora classificou os 30 itens do questionário conforme as seis categorias propostas por Passer (1981) e excluiu 5 itens do tratamento de dados. Apurou que, para suas participantes, os fatores motivacionais mais importantes são: excitação e desafios, com 77% da preferência; afiliação (69%); aperfeiçoamento técnico (65%); status (45%); aptidão física (40%) e liberar tensão (30%). Dos itens excluídos, observa que “ter alegria” foi citado por todas as adolescentes, fato que corrobora a literatura específica (GILL et al., 1983; SAMULSKI, 2002).

Em Blumenau, Barroso et al. (2007) aplicaram o QMAD com o intuito de verificar os motivos de prática de esportes coletivos entre 100 universitários (51 homens, 49 mulheres) de uma instituição pública que treinaram para os Jogos Universitários Catarinenses (JUCs). O fator motivacional de maior destaque foi o aperfeiçoamento técnico, com $3,7 \pm 0,67$ pontos, seguido de diversão ($3,5 \pm 0,53$); afiliação ($3,3 \pm 0,61$); aptidão física ($3,2 \pm 0,60$); contexto ($2,7 \pm 0,76$); status ($2,6 \pm 0,44$) e influência de família e amigos ($2,5 \pm 0,17$) – seqüência bastante distinta de estudos similares realizados dentro e fora do Brasil. Houve diferença significativa entre os naipes masculinos e femininos nos quesitos status e afiliação, sendo que também houve diferença significativa entre os resultados das quatro equipes femininas pesquisadas. Na conclusão, recomendou-se a ampliação do público participante, bem como a aplicação do questionário junto a universitários de instituições particulares a fim de averiguar possíveis diferenças motivacionais. Foi durante essa pesquisa que se notou a necessidade de validar uma versão do PMQ adaptada especificamente para adolescentes e adultos brasileiros.

Morouço (2007) buscou descobrir os motivos de prática de natação entre 30 crianças portuguesas em Leiria, 16 meninas e 14 meninos, com idade média $10,9 \pm 0,80$ anos e experiência média de $1,9 \pm 0,78$ anos. Aplicou o QMAD com 32 itens e distribuiu-os conforme as 8 categorias motivacionais propostas por Fonseca (2001). Pela ordem, os fatores mais destacados pelos nadadores foram desenvolvimento de competências (média $4,42 \pm 0,86$ pontos), competição ($4,25 \pm 0,82$ pontos), afiliação ($4,06 \pm 1,06$ pontos), condicionamento físico ($3,81 \pm 1,23$ pontos), diversão ($3,60 \pm 1,47$ pontos), afiliação específica ou atividade em grupo ($3,29 \pm 1,56$ pontos), emoções ($3,02 \pm 1,37$ pontos) e status ($2,76 \pm 1,40$ pontos). Na conclusão, os autores afirmam que é perfeitamente natural que jovens praticantes de esporte integrados a clubes e regularmente envolvidos em competições apresentem destacadamente motivos relacionados à técnica e competitividade.

2.4.2. A Versão Italiana do PMQ

Em 1995, Roberto Buonamano e Alberto Cei, da Scuola dello Sport, e Antonio Mussino, da Università La Sapienza, investigaram a motivação de participação em 2.598 italianos entre 9 e 18 anos, envolvidos em diferentes esportes individuais e coletivos como atletismo, basquete, ginástica, judô, futebol, natação, tênis e voleibol. A amostra contava com 54,5% de meninos e 45,5% de meninas, que completaram a versão modificada do PMQ para a Itália na pesquisa cujo intuito foi verificar se há diferença nos motivos de prática entre atletas de origem latina e saxônica.

Buonamano et al. (1995) empregaram o PMQ modificado por Klint e Weiss (1987), que conta com 32 itens, mas alteraram a escala Likert, que passou a ter 7 pontos, de 1=Nada Importante a 7=Extremamente Importante. Antes da aplicação final de sua adaptação do PMQ, os pesquisadores fizeram um estudo-piloto com 45 crianças de 9 a 14 anos para testar a clareza da versão italiana, e solicitaram a quatro especialistas que revisassem as 32 questões e validassem seu conteúdo. Complementarmente, colheram dados pessoais sobre os participantes, levantando informações sobre região geográfica de residência, sexo, nível socioeconômico, nível educacional dos pais e quantidade de irmãos.

Em seguida, a exemplo de Gill et al. (1983), os autores realizaram análise fatorial com rotação varimax e encontraram seis fatores motivacionais: sucesso/status, agrupando 9 itens e explicando 28,2% da variância de resultados; condicionamento/técnica, com 6 itens e explicando 9,1% da variância; recompensas extrínsecas, com 4 itens e explicando 5,6% da variância; atividades em grupo, com 3 itens e explicando 4,5% da variância; afiliação, com 5 itens e explicando 4,3% da variância; e liberação de energia, com 4 itens e explicando 3,5% da variância. Não são apresentados os valores de consistência interna.

Buonamano et al. (1995) concluíram que seria possível categorizar os 2.598 participantes de sua pesquisa em cinco perfis motivacionais: a) entusiastas, extremamente motivados, pouco críticos com relação ao esporte e voltados para a fama e sucesso; b) sociáveis, envolvidos com esportes coletivos e ansiosos por fazer novos amigos; c) competidores, determinados a buscar a vitória como forma de auto-realização, mas despreocupados com o status social; d) individualistas, interessados em melhorar a forma, adquirir habilidades e liberar energia; e) não-competidores: pouco motivados e dependentes de reforços extrínsecos. Esses últimos participantes pertenciam, em sua maioria, a famílias de elevado nível educacional. Do ponto de vista transcultural, os resultados encontrados são consistentes com os de países de língua inglesa, mas a relevância de cada dimensão motivacional varia geográfica e culturalmente.

No estudo italiano, é importante observar uma tendência que se repete não somente no QMAD como nas diversas adaptações do PMQ ao redor do mundo, em sua maioria em face das anteriormente citadas referências geográficas e culturais: a) a alteração da quantidade e conteúdo de itens; b) a realização de análise fatorial com rotação varimax para recategorizar as questões propostas por Gill et al. (1983); c) o aumento de pontos na escala Likert em busca de maior sensibilidade estatística. Concluindo a série de análise das adaptações do PMQ no mundo, a seguir apresenta-se uma versão brasileira, o Inventário de Motivação para a Prática Desportiva (IMPD).

2.4.3. O Inventário de Motivação para a Prática Desportiva (IMPD)

Com base no PMQ e no QMAD, Gaya e Cardoso desenvolveram um instrumento de medida de motivação na participação esportiva após realizar pesquisa com 918 crianças entre 7 e 14 anos, sendo 547 meninos e 371 meninas em diferentes níveis de prática esportiva no

Rio Grande do Sul. Após revisão bibliográfica, os autores buscaram identificar os possíveis efeitos das variáveis sexo, idade e níveis de prática esportiva em 3 fatores motivacionais: competência desportiva, amizade & lazer, e saúde.

Para determinar as dimensões motivacionais de seu instrumento, Gaya e Cardoso (1998) realizaram estudo-piloto com abordagem exploratória junto a 110 crianças e adolescentes, entre 10 e 15 anos, convidando-os a descrever os cinco principais motivos que os levavam à prática esportiva. A partir de respostas livres, os pesquisadores elaboraram um questionário com 19 questões respondidas mediante assinalação em uma escala Likert crescente de 3 pontos, de 1=Nada Importante a 3=Muito importante. Em um espaço de 14 dias, os autores mediram a estabilidade do instrumento aplicando-o a 64 estudantes em teste e reteste, obtendo correlação intraclassa de 0,94. Conforme Gill et al. (1983) e as demais adaptações do PMQ anteriormente vistas, Gaya e Cardoso (1998) também distribuíram os itens de seu instrumento em categorias após análise fatorial com rotação varimax, encontrando os seguintes fatores:

1) Competência esportiva, com 8 itens e consistência interna (α de Cronbach) de 0,61: “para vencer” (questão 1), “para ser o(a) melhor no esporte” (4), “porque eu gosto” (6), “para competir” (8), “para ser um atleta” (9), “para desenvolver novas habilidades” (15), “para aprender novos esportes” (16) e “para ser jogador quando crescer” (17). Note-se, já na primeira dimensão motivacional, que o questionário é claramente indicado para faixas etárias mais baixas, com seus itens apresentando afirmações claramente voltadas para crianças e jovens. Neste primeiro fator, agrupam-se tanto novos itens propostos pelos autores brasileiros quanto itens alocados nas categorias “status” e “aperfeiçoamento técnico” no questionário de Gill et al. (1983).

2) Amizade e lazer, com 5 itens e $\alpha=0,64$: “para brincar” (3), “para encontrar os amigos” (7), “para me divertir” (12), “para fazer novos amigos” (13) e “para não ficar em

casa” (19). Neste fator, agrupa-se a nova questão “para brincar” com itens classificados como “afiliação” e “diversão” no PMQ e QMAD.

3) Saúde, com 6 itens e $\alpha=0,64$: “para exercitar-se” (2), “para manter a saúde” (5), “para desenvolver a musculatura” (10), “para ter bom aspecto” (11), “para manter o corpo em forma” (14) e “para emagrecer” (18). Nesta dimensão motivacional, encontra-se a maior quantidade de itens inseridos por Gaya e Cardoso (1998) que não estão presentes na versão original do PMQ. Neste terceiro fator motivacional, constam itens que se classificariam como condicionamento físico e liberação de energia no questionário original.

Entre os resultados, os pesquisadores afirmam haver aumento nos níveis de motivação masculina para a competência desportiva quando se transita da faixa etária 7 a 10 anos para 11 a 14 – aumento esse acompanhado de um pequeno decréscimo na motivação feminina dentro do mesmo fator. Os níveis de amizade e lazer caem conforme a elevação da faixa etária, não importando o nível de prática esportiva. No quesito saúde, os praticantes do desporto federado apresentaram motivação significativamente baixa com relação a seus colegas na Educação Física escolar e no esporte não-federado.

A exemplo de Buonamano et al. (1995), Gaya e Cardoso (1998) também detectaram diferenças culturais na resposta a seu inventário, principalmente no que se refere aos sexos masculino e feminino. Segundo os autores brasileiros, as meninas recebem menos estímulos para a prática esportiva do que os meninos. Os pesquisadores também encontraram indícios de que o desporto não-federado é mais voltado à amizade e lazer, enquanto atletas federados se motivam mais pela competência esportiva, ficando a saúde como preocupação maior para os alunos de Educação Física escolar.

Concluída a revisão de literatura sobre o IMPD, observa-se mais um ponto em comum do PMQ original com suas adaptações apresentadas até o momento: as pesquisas que os originaram têm como participantes crianças e jovens com idade mínima de 7 anos e máxima

de 18. Assim sendo, fica evidente a ausência de um instrumento específico para adultos brasileiros, adaptado segundo o contexto da cultura nacional e da língua portuguesa falada no país.

2.4.3.1. Aplicações do IMPD no Brasil

Entre os primeiros a divulgar pesquisas envolvendo o Inventário de Motivação para a Prática Desportiva estão os próprios criadores, no estudo de Siqueira et al. (2000; 2003) com 47 atletas juvenis de futsal masculino do Rio Grande do Sul, todos na faixa entre 15 e 17 anos de idade. Para o grupo pesquisado, os fatores motivacionais mais importantes estavam relacionados à competência esportiva (média $2,73 \pm 0,28$), objetivando principalmente a realização pessoal, auto-afirmação no grupo, auto-estima e desafio. Em seguida, destacaram-se os fatores relacionados à saúde ($2,58 \pm 0,41$), inferindo-se que o fato esteja relacionado ao discurso de pais, técnicos e professores de Educação Física, referenciado no conceito de atividade física e saúde, além da própria influência da mídia. Por fim, os motivos relacionados à amizade e lazer encontraram menor respaldo entre os participantes ($2,33 \pm 0,45$), consistente com o aspecto competitivo e de busca de status social por parte dos jogadores, corroborando a literatura sobre a busca de ascensão social através do esporte (RUBIO, 2002).

Em 2001, Paim verificou quais motivos levam 100 adolescentes a praticar futebol, aplicando o IMPD a 70 meninos e 30 meninas, na faixa de 12 a 17 anos, em Santa Maria e Camobi/RS, aferindo também suas condições socioeconômicas. A categoria motivacional de maior destaque foi a competência desportiva, considerada muito importante por 72% dos participantes, seguida da saúde (70%) e amizade/lazer (67%). Contudo, o grupo masculino atribuiu mais importância à competência desportiva, e o feminino, à saúde. A autora inferiu que as meninas estão mais preocupadas com a auto-imagem e estética, vendo na prática

desportiva um meio para atingir esses fins. Como Gaya e Cardoso (1998) no estudo original, Paim (2001) afirma que a diferença entre meninos e meninas pode ser atribuída a aspectos culturais, faltando estímulo para que o sexo feminino pratique esporte regularmente. Concluindo, a autora entende como natural que os participantes de condições econômicas mais desfavoráveis busquem a competência esportiva (87,0%) como forma de ascensão social, enquanto os pertencentes a classes sociais mais privilegiadas confirmam mais ênfase à amizade e lazer (79%).

Em 2002, Belmonte divulgou estudo pertencente ao Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR), pesquisando o perfil motivacional de meninos e meninas entre 9 e 15 anos na rede pública de ensino de Parobé/RS. Após aplicar o IMPD a 830 participantes (406 do sexo masculino e 424 do sexo feminino), encontrou a tendência de que os meninos (média $3,6 \pm 0,79$) valorizem mais a competência esportiva do que as meninas (média $3,2 \pm 0,77$). O mesmo ocorreu nos aspectos relacionados à saúde, mas sem diferença significativa (meninos, $3,7 \pm 0,80$ e meninas, $3,6 \pm 0,80$), e ambos os sexos apresentaram características semelhantes no se refere à amizade e lazer: média $3,6 \pm 0,75$. Note-se que a autora empregou escala Likert crescente de 1 a 4, e não com apenas 3 pontos conforme o inventário original.

Em 2004, Paim e Pereira verificaram os fatores motivacionais que levam adolescentes a praticarem capoeira em escolas públicas de Santa Maria/RS. Após aplicar o IMPD a 18 meninos de 11 a 14 anos, detectaram que o fator motivacional mais importante para eles era a saúde, com 55,56% de assinalações no ponto 3 da escala Likert, “muito importante”. Em seguida, os motivos de prática de maior destaque se relacionaram à amizade e lazer (54,83%) e competência desportiva (51,58%). Os autores também atribuem o destaque da saúde à escola e à mídia, grandes difusoras de informação sobre o assunto, e concluem relevando a grande importância de se oportunizar aos alunos o maior número de modalidades esportivas possível, não se restringindo às práticas tradicionalmente encontradas na Educação Física.

Em 2005, Paim e Pereira voltaram a realizar pesquisas com o IMPD, mas desta vez com participantes exclusivamente do sexo feminino e praticantes de jazz. Responderam ao inventário 68 meninas entre 11 e 14 anos de escolas públicas e particulares de Santa Maria/RS, sendo que o instrumento foi adaptado para ser aplicado em população feminina. Segundo os dados levantados, as estudantes de escolas públicas apresentam maior motivação relacionada à competência desportiva, visando vencer através do esporte e ascender socialmente – o que corrobora a literatura sobre o assunto (BUONAMANO et al., 1995; RUBIO, 2002). No aspecto saúde, itens que obtiveram grande destaque foram “para manter a saúde” (assinalado por 100% das participantes), “para exercitar-se” (93,3%) e “para desenvolver a musculatura” (80%), tendo menor importância “para emagrecer” (63,6%). Segundo os autores, essa menor relevância muito provavelmente se deve ao fato de que meninas com sobrepeso não procuram a dança por fatores sociais. A categoria mais relevante para alunas de escolas particulares foi amizade e lazer, destacando-se o aspecto da diversão. No âmbito geral, a saúde foi o fator motivacional com maior relevância neste estudo, seguida de competência desportiva e amizade/lazer. Os autores sugerem que se amplie a investigação sobre motivos de prática esportiva dentro e fora do contexto da Educação Física escolar, evitando, assim, o abandono por parte dos envolvidos.

Apesar de haver menor quantidade de estudos envolvendo o Inventário de Motivação para a Prática Desportiva, foi importante apresentá-lo para realçar a faixa etária junto à qual vem sendo aplicado e suas características específicas que o diferenciam do PMQ e QMAD. Esta revisão de literatura também comprova a importância de se adaptar um questionário especificamente para atletas brasileiros adultos, com 18 anos ou mais, pois, da forma que o IMPD foi elaborado, não atende a essa população.

2.5. AS DIMENSÕES MOTIVACIONAIS NO PMQ E SUAS VERSÕES

Grande parte das variações entre as versões do *Participation Motivation Questionnaire* no mundo se deve ao agrupamento dos itens em categorias, geralmente após a realização de análise fatorial. Neste item, pretende-se analisar brevemente as dimensões motivacionais presentes no PMQ e suas versões regionais.

A primeira categoria proposta por Gill et al. (1983), status/realização, engloba os aspectos extrínsecos da aprovação social por comparação direta e os intrínsecos do ego, superação pessoal. Esta dimensão pode ser localizada no topo da pirâmide (ou hierarquia) de motivos de Maslow, chamados pelo autor de motivos de auto-realização. Das três categorias apresentadas por Winterstein (2002) e Pisani et al.(1990), os motivos desta dimensão se classificariam como sociais, relacionados à busca por prestígio – fator este, aliás, considerado por Skinner (1968) o reforço máximo: desfrutar de privilégios e conviver com outras pessoas de destaque. A motivação por status costuma aumentar conforme a idade e o acúmulo de responsabilidades, e geralmente está mais presente em homens do que mulheres (BOURNE; EKSTRAND, 1982; DAVIDOFF, 1983; ROBERTS et al., 1986; PISANI et al., 1990; RUBIO, 2002; WINTERSTEIN, 2002; SIQUEIRA et al., 2003; HERNANDEZ et al., 2004).

O segundo fator do PMQ, atividade em grupo, também pode ser considerado uma motivação social, relacionada à afiliação, que, por sua vez, enquadra-se entre os motivos por aprovação social (ROBERTS et al., 1986; PISANI et al., 1990). Essa dimensão se encaixa no terceiro nível da pirâmide de Maslow, sendo mais presente nas faixas estárias inferiores e decrescendo em importância conforme o passar dos anos (BOURNE; EKSTRAND, 1982; GAYA; CARDOSO, 1998).

O terceiro fator encontrado por Gill et al.(1983) foi condicionamento físico, motivação intrínseca voltada ao ego, relacionando-se tanto com a base da pirâmide de Maslow (motivos

de ordem fisiológica) quanto com seu quarto nível (auto-estima). O condicionamento físico está estreitamente ligado ao desempenho atlético, o que explica a grande importância que encontra tanto entre crianças quanto jovens e adultos envolvidos com atividade física, sendo, por exemplo, o motivo de prática mais importante encontrado por Cid (2002) entre 110 escolares de 15 a 20 anos de idade (BOURNE; EKSTRAND, 1982; ROBERTS et al., 1986; DANTAS, 2003).

A quarta dimensão do PMQ é a liberação de energia, motivo intrínseco relacionado ao ego. Para Dorsch et al. (2001), essa energia liberada é o potencial de desempenho e realização do indivíduo, o propelente dos processos de movimento, ou seja, aquilo que nos leva a fazer algo como, por exemplo, praticar esportes. Ainda segundo os autores, em sentido psicológico, essa energia é o impulso da vontade, ou seja, a motivação. Considerando que a motivação é uma das manifestações da ativação, uma energia psicofísica, a prática esportiva se apresenta como contexto adequado para que, uma vez em excesso, a energia de ativação seja liberada de forma socialmente aceitável (ROBERTS et al., 1986; WEINBERG; GOULD, 2001; SAMULSKI, 2002)

O fator motivacional contexto no PMQ está associado ao que Bronfenbrenner (1996) caracteriza como microssistema: dimensão que possibilita a interação face-a-face entre a pessoa em desenvolvimento focalizada, os outros (também em desenvolvimento), símbolos e objetos. Refere-se ao espaço de interação de diferentes personalidades, que convivem com diversos valores e crenças. – no caso dos itens do PMQ, a casa do atleta e o ambiente de treino podem ser esse espaço, conforme se infere de itens relacionados à influência de pais e amigos, influência de técnicos e local de prática esportiva. Vieira (1999) parece corroborar essa noção, e observa que a motivação é afetada pelo suporte familiar, além de considerar fundamental a qualidade do professor ou técnico na motivação dos talentos esportivos. Na

pirâmide de Maslow, o contexto estaria relacionado tanto aos motivos de segurança quanto sociais – amor e afiliação (BOURNE; EKSTRAND, 1982).

O aperfeiçoamento técnico pode ser definido como motivo intrínseco voltado ao ego, encaixando-se também no topo da pirâmide de motivos de Maslow, nível denominado auto-realização (BOURNE; EKSTRAND, 1982). Na classificação de Winterstein (2002) e Pisani et al.(1990), os itens deste sexto fator do PMQ seriam considerados motivos relacionados à competência. É a categoria de maior destaque nos estudos de Barcelona e Sanfelice (2004), Güburz et al.(2007) e Morouço (2007).

O sétimo fator encontrado por Gill et al.(1983), afiliação ou necessidade de pertencer a um grupo, é considerado um motivo social tanto na pirâmide de Maslow (BOURNE; EKSTRAND, 1982) quanto nas classificações relacionadas por Winterstein (2002) e Pisani et al. (1990). Para Roberts et al.(1986), trata-se de um motivo extrínseco de aprovação social, de extrema importância para crianças e adolescentes (GAYA; CARDOSO, 1998; PAIM, 2001; 2003) e de menor valor para adultos (DWYER, 1992).

O oitavo e último fator originalmente destacado no PMQ é a diversão, motivo intrínseco relacionado à tarefa (ROBERTS et al., 1986). Independente da faixa etária, sexo ou cultura, a diversão é uma categoria motivacional de grande destaque desde os estudos originais de Gill et al. (1983) aos de Cid (2002), Doulias et al.(2005), Rosolen et al.(2006) e Barroso et al. (2007).

Uma dimensão motivacional não relacionada por Gill et al.(1983) na categorização do PMQ é a saúde, presente no Inventário de Motivação para a Prática Desportiva (GAYA; CARDOSO, 1998), bem como nos estudos de Magno et al.(2003) e Giles et al. (2005). Em estudo recente para a construção de um questionário de motivação para atividades esportivas na Espanha, Cecchini et al. (2002) entrevistaram 4.606 escolares entre 8 e 18 anos, e afirmaram se surpreender com o fato de que a saúde, representada por itens como “razões de

higiene pessoal”, “evitar doenças” e “manter a saúde”, foi o fator motivacional a que seus participantes atribuíram maior importância. Os itens pertencentes ao fator saúde podem ser considerados de ordem intrínseca, voltados para o ego, e classificados como motivos de sobrevivência por Pisani et al. (1990) e Winterstein (2002). A saúde está entre os motivos de ordem fisiológica na base da pirâmide de Maslow: segundo essa hierarquia, somente quando este é satisfeito o indivíduo passa a se preocupar com os demais (BOURNE; EKSTRAND, 1982; ROBERTS et al., 1986).

2.6. A PSICOMETRIA E A VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS

Com o passar dos anos, a necessidade de medir e avaliar atletas desenvolveu-se no mesmo ritmo que as ciências do esporte e exercício. Paralelamente a esse processo, ampliou-se também o interesse por não apenas medir e avaliar em âmbito local, mas estabelecer padrões regionais e nacionais a fim de possibilitar a comparação da população pesquisada com a de estudos prévios. Para atender essa demanda, pesquisadores vêm adaptando e validando instrumentos de grande reconhecimento científico a fim de que as comparações de resultados sejam as mais precisas e diretas possíveis (GUILLEMIN et al., 1993; BEATON et al., 2002; WINSTON; McGEE, 2003; ACQUADRO et al., 2004)

As medidas psicológicas estão cada vez mais presentes no dia-a-dia, no esporte e atividade física, cujos profissionais recorrem a testes e questionários de aptidão, interesse, personalidade e atitudes. Uma das áreas com grande demanda de validação de instrumentos é a Psicometria, abordagem científica que mensura características ou atributos psicológicos mediante uso de escalas, testes e questionários padronizados sob condições controladas, valendo-se de símbolos matemáticos (os números) no estudo científico de fenômenos naturais. Quanto mais axiomas do número (identidade, ordem, aditividade) as medidas

respeitarem, melhor esse número representará o fenômeno. Em situações experimentais, busca-se mensurar determinado comportamento ou construto psicológico (no caso do presente estudo, a motivação), visando conhecer as principais características de determinada população para melhor compreendê-la e, se possível, prever comportamentos futuros (MEDEIROS, 1999; PASQUALI, 2003; ROHLFS, 2005).

A maioria dos questionários empregados na Educação Física, Psicologia e demais ciências é originalmente elaborada em inglês, mas, mesmo em seus países de origem, os estudiosos têm de levar em conta as populações imigrantes a fim de que a aplicação de seu instrumento não seja incompatível junto às mesmas. Quando a intenção é validar determinado instrumento em um país cuja língua e cultura são distintas das do pesquisador original, faz-se necessário utilizar uma tecnologia única a fim de obter equivalência entre a fonte original e a população-alvo do instrumento em validação (BEATON et al., 2002; ACQUADRO, 2004).

Embora haja diversas metodologias para adaptar instrumentos para uma população com língua e cultura distintas da participante no estudo original, todas se iniciam com a tradução lingüística desse instrumento. Somente depois é possível iniciar os processos de adaptação transcultural e validação (BEATON et al., 2002; STAHL et al., 2003; ACQUADRO et al., 2004)

2.6.1. Tradução e Adaptação Transcultural

A língua que falamos não é algo inato, mas adquirido. Trata-se de um componente da cultura que define e é definido pela sociedade que a emprega. A tradução é um ato de comunicação bilíngüe, apenas em parte dependente da correlação direta entre palavras conforme se encontra em dicionários. Seu maior desafio é encontrar soluções que representem legitimamente o conteúdo expresso na língua original, garantindo que ele permaneça

inalterado apesar das variações nos níveis de expressão. A tradução envolve aspectos subjetivos e objetivos, sendo que o primeiro representa a comunicação entre autor original, tradutor e usuário final do texto em questão. Já os aspectos objetivos envolvem a comunicação em si, o contexto da situação em seu sentido mais amplo (GUILLEMIN et al., 1993; BEATON et al., 2002; ACQUADRO et al., 2004).

Os instrumentos escritos de pesquisa utilizam a linguagem para coletar dados junto a determinado grupo étnico ou cultural. Conforme já dito anteriormente, a maioria dos instrumentos é desenvolvida em inglês, mas, para que sejam aplicados em estudos em outros países, faz-se necessário que a tradução mantenha os mesmos conceitos originais para que se permita a comparação de resultados entre diversos países. A interpretação e análise consistentes dos resultados só são possíveis se os dados vierem do que se pode considerar, essencialmente, o mesmo instrumento – não importando a língua em que se encontre (ACQUADRO et al., 2004).

Para que a comunidade científica aplique o mesmo instrumento em diversas línguas, principalmente se for um questionário como o do presente estudo, é preciso que haja uma adaptação transcultural que obtenha não apenas a equivalência semântica com relação ao conteúdo original, mas também idiomática, cultural e conceitual. Esse processo de adaptação baseado no conteúdo sugere que outras propriedades estatísticas, tais como validade e fidedignidade, se mantenham na versão final – embora isso nem sempre aconteça e seja necessário testar estatisticamente o instrumento adaptado para confirmar a manutenção de suas propriedades psicométricas, o que também será feito no presente estudo. O próprio prof. Sidónio Serpa, autor da validação portuguesa do PMQ, sugeriu, em correio eletrônico (ANEXO 5), que, caso o questionário fosse empregado no Brasil, seria necessária uma nova adequação fatorial para verificar se a compreensão brasileira dos 30 itens seria a mesma que a portuguesa (BEATON et al., 2002; ACQUADRO et al., 2004; LUFT et al., 2007).

2.6.2. Validade

A comunidade científica exige a presença de uma série de parâmetros mínimos na medida psicométrica para que o instrumento em questão seja legítimo e válido. Os mais básicos referem-se à validade e fidedignidade, temas centrais da Psicometria (ACQUADRO, 2004).

De modo geral, define-se a validade como o grau de concordância entre o que o instrumento mede e o que se propõe a medir. Historicamente, a psicometria se valeu de três tipos de validade: a) de conteúdo, segundo a qual os testes são válidos se os itens especificados no instrumento representam a adequação do domínio expresso nesse instrumento; b) de critério, que determina que os testes são válidos se prevêm com precisão comportamentos futuros; c) de construto, que vem englobando as validades de conteúdo e critério como seus aspectos, sendo considerada a forma mais fundamental de validade de instrumentos psicológicos, pois verifica diretamente a legitimidade da representação comportamental em questão – no caso, a motivação (WALTZ; STRICKLAND; LENZ, 1991; PASQUALI, 2003).

Muitos questionários já foram traduzidos para países e culturas distintos do contexto do pesquisador e dos participantes de seu estudo, levando a comunidade científica a se preocupar com sua validade de medida. Para se coletar dados adequadamente e depois compará-los, faz-se necessário que o instrumento original passe por um processo que o valide psicometricamente, garantindo as equivalências anteriormente mencionadas e visando não apenas a tradução mas adaptação transcultural. A validade de um teste pode variar conforme o grupo ou região onde é aplicado (MEDEIROS, 1999; BEATON et al., 2002; ACQUADRO et al., 2004).

2.6.3. Fidedignidade

Ao lado da validade, a fidedignidade é apontada como elemento essencial para avaliar a qualidade de qualquer instrumento de mensuração. Ambas se referem à eficiência do instrumento de medida. Para muitos estudiosos, a fidedignidade está diretamente associada ao rigor e precisão daquilo que se pretende medir, sendo que o nível de fidedignidade de um instrumento é fundamental para que ele seja válido. Desses dois quesitos, derivam a necessidade de confirmar a estabilidade e confiabilidade do instrumento em questão (KERLINGER, 1979; VIANNA, 1982; MEDEIROS, 1999).

Normalmente, a confiabilidade é determinada mediante aplicação do teste de consistência interna (α de Cronbach), verificando a congruência de cada item com relação aos demais. O coeficiente alfa varia de 0 a 1, sendo que o 0 indica a ausência total de consistência interna e o 1, presença de 100% de consistência. A estabilidade é confirmada mediante aplicação de teste e reteste do questionário adaptado, permitindo o cálculo de correlação intraclassa entre as duas aplicações. Não basta que os dois testes, aplicados ao mesmo grupo de indivíduos, estejam relacionados, mas os seus resultados devem ser o mais próximo de idênticos possível, sendo que um coeficiente de correlação abaixo de 0,75 é considerado fraco. É importante observar que raramente se obtém correlação com valor 1, pois é difícil definir o intervalo ideal entre a aplicação do teste e sua reaplicação: se este for muito pequeno, os resultados podem ser afetados pelo efeito memória, ou seja, o participante pode se lembrar do que assinalou no teste anterior e simplesmente reproduzir os resultados sem pensar; se o intervalo for muito grande, pode ocorrer uma série de eventos na vida do sujeito que alterem significativamente suas características psicológicas (KERLINGER, 1979; VIANNA, 1982; MEDEIROS, 1999; PASQUALI, 2003, COOLICAN, 2004).

3. MÉTODO

3.1. CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO

O presente estudo visou verificar a validade e fidedignidade da versão brasileira do *Participation Motivation Questionnaire*, de Gill et. al (1983), adaptada para determinar os motivos de prática esportiva de adultos. Ele se dividiu nas seguintes fases: a) tradução e adaptação transcultural do instrumento conforme o protocolo de Beaton et al. (2002); b) junto a grupo-alvo: validação de clareza do instrumento; aplicação da Escala de Motivos para Prática Esportiva em duas versões: com escala Likert de 5 pontos (1 a 5, codificado como EMPE-5, e EMPE-11, com escala intervalar de 11 pontos – de 0 a 10); escolha da escala a ser utilizada com base na estatística, tempo de preenchimento e opiniões dos 32 participantes desse grupo; c) validação de conteúdo por juízes especializados; d) administração do instrumento adaptado a universitários em duas etapas, teste e reteste, para determinar sua estabilidade; e) análise fatorial para determinação da validade de construto e detecção de categoriais motivacionais para a população-alvo; f) reagrupamento de itens após análise fatorial conforme referencial teórico; g) análise de consistência interna das categoriais motivacionais reformuladas mediante teste α de Cronbach.

3.2. OBJETO DE VALIDAÇÃO

É importante salientar que, antes de iniciar o processo de validação brasileiro, foi obtida autorização da autora Diane L. Gill (ANEXO 1). Em seguida, o *Participation Motivation Questionnaire* (GILL et al., 1983) foi submetido ao processo de tradução, adaptação transcultural e validação para determinar motivos de prática esportiva entre atletas adultos brasileiros.

O PMQ é constituído por 30 itens que, em sua versão original, se distribuem em oito categorias: status, atividade em grupo, condicionamento físico, liberação de energia, contextual/outros, aperfeiçoamento técnico, afiliação e diversão. Nele, os respondentes atribuem valores em uma escala Likert decrescente formada por 3 pontos: 1 = muito importante, 2 = importante e 3 = nada importante. O PMQ, bem como sua versão para o português feita por Serpa (1992) em Portugal, demoram entre 5 e 10 minutos para serem preenchidos. Cinco das oito categorias ou fatores do instrumento de Gill et al.(1983) contêm três itens. As exceções ocorrem nas dimensões status (6 itens), liberação de energia (5) e afiliação (4). Os resultados de cada fator são obtidos mediante o cálculo da média de seus itens.

3.3. TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DO PMQ

Para a tradução e adaptação do instrumento original em inglês, foram seguidas as recomendações de Beaton et al. (2002), empregadas por grande número de pesquisadores na área da saúde no Brasil e exterior. Esse protocolo é recomendado pela Academia Americana

de Cirurgiões Ortopédicos (AAOS) e encontra grande similaridade com o do Instituto de Pesquisa Mapi, sediado na França e dedicado à tradução e adaptação transcultural de instrumentos relacionados à qualidade de vida e saúde em 65 países.

3.3.1. Elaboração de Versão Brasileira do PMQ

O instrumento adaptado proposto, intitulado Escala de Motivos para Prática Esportiva (EMPE), obedeceu as cinco etapas sugeridas por Beaton et al. (2002): tradução inicial, síntese, tradução reversa (*back-translation*), revisão por comissão de especialistas para validação de conteúdo, e pré-teste junto a grupo-alvo para teste de aceitabilidade do instrumento e validação de clareza. Foram obedecidos os seguintes estágios apresentados pelos autores para traduzir e adaptar um instrumento para um país com língua e cultura distintas:

a) No primeiro estágio (tradução inicial), o PMQ foi vertido por dois tradutores com formação e experiência na área da saúde, cuja língua pátria é o Português, originando duas versões diferentes do questionário: T1 e T2.

b) Em seguida, o pesquisador se encontrou com eles para produzir a síntese em Português, intitulada T1+2.

c) A T1+2 foi entregue a um terceiro tradutor, cuja língua pátria é o Inglês (EUA, país de origem de Gill), com fluência na língua portuguesa e desconhecimento do questionário original. Seguindo proposta de Beaton et al. (2002), esse tradutor não possuía conhecimento ou formação na área da saúde, destacando-se, assim, as imperfeições da versão-síntese. Nesse terceiro estágio, a versão T1+2 do instrumento foi então revertida para o Inglês (*back-translation* ou tradução reversa, batizada de TR). O pesquisador encontrou-se com o terceiro

tradutor e, após comparar o PMQ original, a T1+2 e TR, ambos chegaram a um consenso quanto às discrepâncias, produzindo a versão pré-final em Português, a T3.

As versões TR (em inglês) e T3 (em português) foram enviadas à autora do questionário original para análise, com o intuito de manter a originalidade do instrumento, sendo aprovadas (ANEXO 7). Após a aceitação de T3, foi necessário realizar o teste de clareza, compreensão e aceitabilidade junto a 32 indivíduos, selecionados aleatoriamente entre a população-alvo.

O grupo-alvo preencheu o instrumento em processo de validação em duas ocasiões distintas, recebendo versões com duas escalas intervalares a fim de avaliá-las: com 5 e 11 pontos de gradação. Metade recebeu o modelo com 5 pontos e a outra metade, com 11. Na segunda aplicação do questionário, os respondentes receberam a versão diferente da que preencheu no primeiro momento, indicando qual das duas preferiam. É importante observar que o presente estudo visou aumentar a gradação da escala intervalar para aumentar a sensibilidade estatística do instrumento, permitindo maior gama de análises, comparações e correlações dentro de uma mesma coleta.

Na abordagem, esclareceram-se os objetivos da pesquisa e a forma de se preencher corretamente o novo questionário. Os respondentes foram instruídos a não conversar entre si para evitar influência nas respostas e a anotar o tempo de preenchimento após a conclusão do mesmo. Em seguida, foram orientados a preencher o verso da folha com a versão T3, e avaliar seus 30 itens com notas de 0 a 10, fazendo críticas, sugestões e propostas de alterações quando não compreenderam algum item ou o consideraram confuso. Também foram orientados a sugerir motivos de prática esportiva que não considerassem presentes entre os 30 itens originais do instrumento de Gill et al. (1983).

A pontuação média de cada um dos 30 itens determinou o próximo passo de adaptação cultural e seguindo os parâmetros propostos por Melo (1994) para validade de clareza: 1) Questão confusa (nota 0 a 4) = o respondente não entendeu **nada** do que está escrito. Caso

houvesse questões ou termos assim avaliados pela média do grupo-alvo, estes seriam eliminados da versão definitiva da EMPE e substituídos por outros de igual teor. Para tanto, o participante deveria indicar, no questionário de clareza, qual foi o motivo de sua não-compreensão e, se possível, sugerir soluções para alteração; 2) Questão pouco clara (nota 5 a 7) = o respondente assim indicaria sua incerteza quanto à compreensão, possivelmente interpretando o item de duas ou mais formas diferentes. Caso houvessem questões assim avaliadas pela média do grupo, precisariam ser revisadas considerando os comentários escritos e verbais dos participantes. 3) Questão clara (nota 8 a 10) = compreensão completa. Esses itens foram mantidos. Junto ao questionário, foram coletados dados individuais, como idade, sexo, modalidade esportiva praticada e tempo de preenchimento dos 30 itens.

Após ler as avaliações e comentários dos participantes, o pesquisador reuniu-se com eles para buscar uma versão consensual, a T4. Neste momento, objetivou estabelecer a equivalência cultural conforme Beaton et al. (2002), ou seja, obter coerência entre os termos utilizados e as experiências vividas pela população à qual se destina.

d) No quarto estágio, conforme protocolo de Beaton et al. (2002), a versão T4 foi encaminhada a uma comissão composta por especialistas em Educação Física e Psicologia do Esporte a fim de analisar o referencial teórico e também determinar a equivalência entre o instrumento original em outros três aspectos presentes no mesmo protocolo: a) equivalência semântica, avaliando correspondências gramaticais e de vocabulário; b) equivalência idiomática, verificando se as expressões em Inglês que não podem ser vertidas literalmente para o Português foram substituídas por expressões correspondentes no Brasil; c) equivalência conceitual, para evitar a presença de termos que possuam equivalência semântica sem representar os conceitos diferentes em contextos específicos. Nesse estágio, foi preciso não somente avaliar os 30 itens, mas também as instruções da escala e informações sobre

pontuação. Essa comissão aprovou a versão pré-final (T5), determinando sua validade de conteúdo.

Em seguida, um segundo grupo de participantes, composto por 132 atletas universitários, recebeu a versão pré-final do instrumento (BEATON et al., 2002). Esse grupo contou com a participação de 64 homens e 68 mulheres entre 18 e 25 anos (média $21,86 \pm 2,13$ anos), distintos dos 30 participantes do grupo-alvo, em amostra formada por julgamento, e distribuídos entre 11 modalidades – atletismo, basquetebol, capoeira, futsal, handebol, hóquei na grama, judô, natação, pólo aquático, tênis e voleibol. A seleção se deu por conveniência. A forma de abordagem foi igual à do grupo-alvo, e a escala também foi aplicada em dois momentos com intervalo mínimo de 7 e máximo 21 dias (média $9,76 \pm 4,30$ dias) para determinação de fidedignidade mediante o critério de estabilidade (teste e reteste – correlação intraclasse).

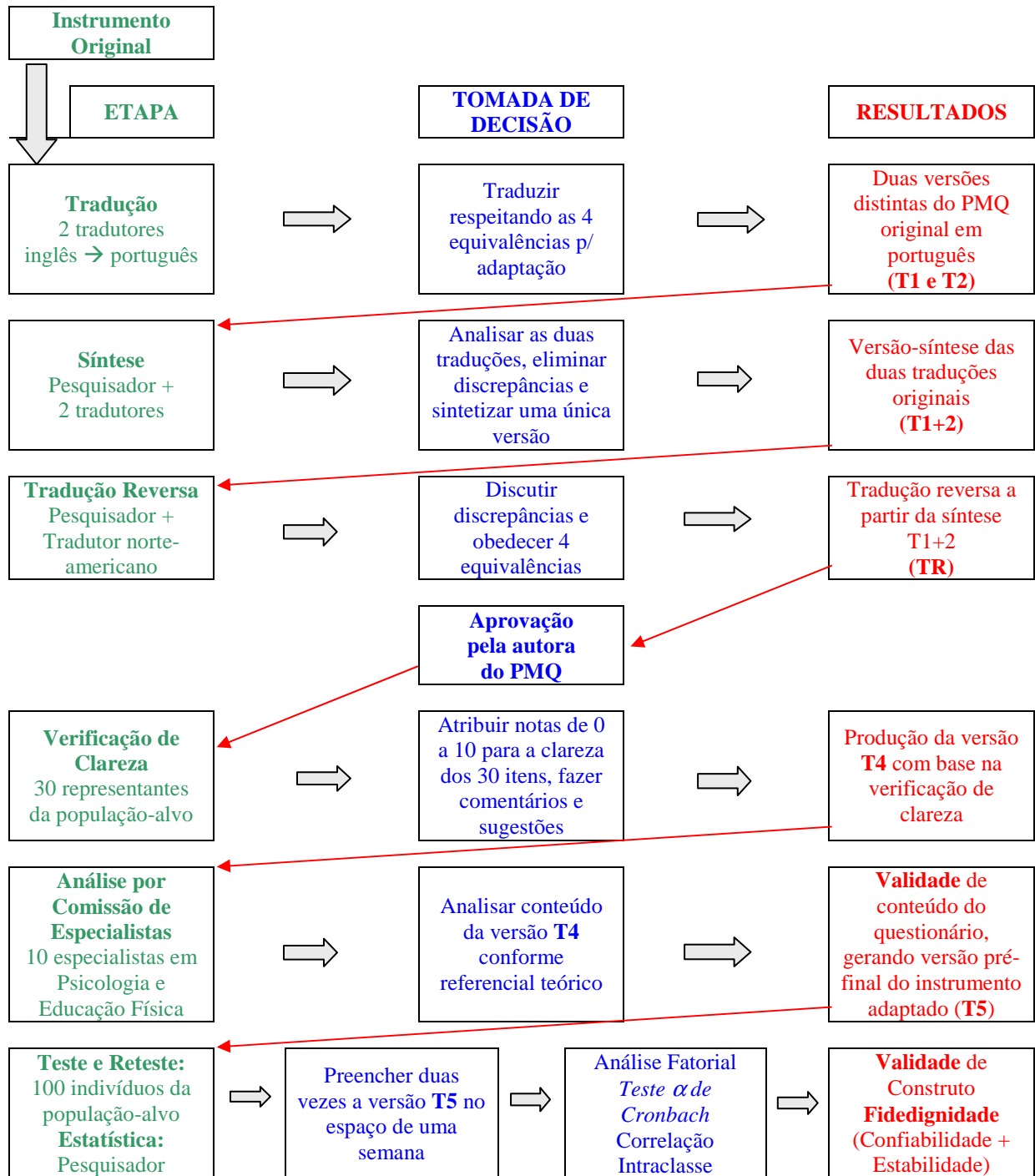
3.3.2. Tratamento Estatístico

Foram obedecidos os seguintes procedimentos estatísticos: a) estatística descritiva, com cálculo de média e desvios-padrão de sexo, idade e tempo de prática a fim de traçar o perfil do grupo-alvo; b) a validade de clareza de cada item em particular e do instrumento como um todo resultou da média das notas atribuídas pelos 30 componentes do grupo-alvo que preencheram e discutiram a versão pré-final. O índice mínimo de aprovação foi de 0,8 obedecendo os critérios de Melo (1994); c) a apuração da menor média do tempo de preenchimento foi um dos quatro fatores que determinaram a escolha da escala a ser trabalhada, d) realizou-se análise do coeficiente α de Cronbach para avaliar se há diferença no grau de confiabilidade entre os dois questionários propostos.

Na comissão examinadora, empregou-se cálculo de média das notas de 0 a 10 atribuídas pelos especialistas à versão T4 do questionário adaptado, considerando as questões aprovadas ao atingir valores $\geq 0,8$ conforme Melo (1994). No grupo de validação: a) utilizou-se estatística descritiva com os mesmos objetivos do grupo-alvo; b) realizou-se análise fatorial exploratória com método de extração dos componentes principais e rotação varimax com normalização Kaiser para verificar validade de construto do instrumento – a exemplo de Gill et al. (1983) e Serpa (1992); c) empregou-se teste estatístico α de Cronbach para verificar consistência interna de cada categoria do novo instrumento. O índice mínimo aceito em cada fator dimensional foi 0,60 conforme Dancey e Reidy (2006); d) calculou-se o coeficiente de correlação intraclasse para testar a fidedignidade do questionário após teste e reteste, tendo como índice mínimo aceitável o valor 0,75 conforme Coolican (2004).

3.3.3. Fluxograma do Processo de Adaptação e Validação

A seguir, no quadro 1, apresenta-se o fluxograma que resume todo o processo descrito neste capítulo, incluindo estágios, participantes, tomada de decisão e resultados esperados. O modelo utilizado é uma adaptação de Beaton et al. (2002) e Acquadro et al.(2004).

Quadro 1: Fluxograma do Processo de Adaptação e Validação*

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo, apresentam-se os resultados do processo de tradução e adaptação cultural conforme Beaton et al.(2002) e o tratamento estatístico dos dados, cumprindo-se, assim, os objetivos geral e específicos do presente estudo. Como resultado final, obtêm-se as validades de conteúdo e construto da Escala de Motivos para Prática Esportiva (EMPE), além de verificar a estabilidade e consistências internas que garantem a fidedignidade do instrumento.

4.1. TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL E CLAREZA

Este item comporta uma série de processos interligados, diretamente responsáveis pela versão final da Escala de Motivos para Prática Esportiva (EMPE) e, portanto, incompletos se apresentados separadamente. Eles correspondem ao primeiro objetivo específico do presente estudo. Serão apresentados apenas os itens que sofreram modificação entre o momento em que foram traduzidos (T1 e T2) e a validação de conteúdo por parte da comissão examinadora (T5). No quadro 2, apresentam-se os resultados da validação de clareza conforme os critérios de Melo (1994). O índice mínimo de aprovação de cada item foi 0,80.

Quadro 2 – Validação de Clareza da EMPE pelo Grupo-Alvo

Questões	Índice	Questões	Índice
1. Eu quero melhorar minhas habilidades	0,81	16. Eu gosto de ter algo para fazer	0,89
2. Eu quero estar com meus amigos	0,95	17. Eu gosto de “adrenalina”	0,89
3. Eu gosto de vencer	0,94	18. Eu tenho espírito de equipe	0,90
4. Eu quero liberar energia	0,92	19. Eu gosto de sair de casa	0,85
5. Eu gosto de viajar	0,95	20. Eu gosto de competir	0,96
6. Eu quero ficar em forma	0,94	21. Eu gosto de me sentir importante	0,94
7. Eu gosto de emoções fortes	0,86	22. Eu gosto de fazer parte de uma equipe	0,91
8. Eu gosto de trabalhar em equipe	0,95	23. Eu quero superar meus limites	0,93
9. Meus pais e/ou amigos querem que eu jogue	0,93	24. Eu quero estar em forma	0,93
10. Eu quero aprender novas habilidades	0,82	25. Eu quero ser conhecido	0,82
11. Eu gosto de fazer novas amizades	0,97	26. Eu gosto de desafios	0,95
12. Eu prefiro fazer algo em que sou bom	0,91	27. Eu gosto dos técnicos e / ou professores	0,95
13. Eu preciso liberar tensão	0,97	28. Eu quero ganhar status ou ser reconhecido	0,90
14. Eu gosto de ganhar prêmios	0,97	29. Eu gosto de me divertir	0,96
15. Eu gosto de fazer exercícios	0,98	30. Eu gosto de usar instalações e equipamentos esportivos	0,84

Obs: média geral do instrumento = $0,92 \pm 0,05$.

Conforme o critério adotado, todos os 30 itens da versão síntese do PMQ (T1+2) poderiam ter sua clareza validada na forma em que estavam, sendo que o índice geral foi de $0,92 \pm 0,05$. Contudo, em discussão com o grupo-alvo, houve solicitação para que se trocasse a palavra “habilidade” nos itens 1 e 10 por “técnica”, mais utilizada entre os atletas. No item 7, foi consenso do grupo pedir a troca do termo “emoções fortes” por “adrenalina”, que se encontrava na questão 17. Por sua vez, no item 17, a palavra “adrenalina” foi substituída por “agito”. A pedido da autora Diane L. Gill (ANEXO 7), após análise da tradução reversa (TR), a expressão “Eu tenho espírito de equipe” (item 19) foi substituída por “Eu gosto do espírito de equipe”, mais próximo do PMQ original. Diante das interpretações divergentes do grupo-alvo quanto à expressão “Eu quero ser conhecido”, o item 25 foi substituído por “Eu quero me destacar socialmente”.

Feitas as alterações solicitadas, foi perguntado aos 32 integrantes do grupo-alvo se eles sentiram falta de algo que os motiva a praticar esportes. Mais da metade (18) mencionou a ausência de itens específicos relacionados à saúde. Solicitou-se à autora Diane L. Gill autorização para incluir mais 3 itens na adaptação brasileira de seu instrumento, sendo estes

enviados por correio eletrônico para sua aprovação. Gill (ANEXO 8) aprovou os novos itens 11 (“Eu quero manter a saúde”) e 32 (“Eu quero melhorar ainda mais minha saúde”), mas rejeitou a questão 22 (“Eu gosto de manter a saúde me divertindo”), pois esta pertencia a duas dimensões motivacionais, e não apenas uma: saúde e diversão. O item foi reformulado e reapresentado como “Eu quero adquirir hábitos saudáveis”, sendo deferido pela autora, representando a aprovação da adaptação brasileira como um todo (ANEXO 9).

4.2. PERFIL DO GRUPO-ALVO

O grupo-alvo que participou da validação de clareza da EMPE foi composto por 32 atletas universitários entre 18 e 29 anos (média $21,61 \pm 2,86$ anos), sendo 18 homens e 14 mulheres, selecionados aleatoriamente da seguinte forma: a) sorteou-se o dia da semana em que seria feita a coleta – no caso, terça-feira; b) dentre as modalidades que treinam nesse dia (handebol masculino e feminino; voleibol masculino e feminino), sortearam-se 10 homens e 10 mulheres de cada grupo, totalizando 40 participantes. Houve perda de 2 homens e 6 mulheres por estarem ausentes na semana seguinte para a segunda etapa do processo.

Metade do grupo preencheu o instrumento com escala Likert de 5 pontos (de 1=nada importante a 5=totalmente importante) e metade, com escala de 11 pontos (de 0=nada importante a 10=totalmente importante). Na semana seguinte, o primeiro grupo respondeu o instrumento com escala de 11 pontos (EMPE-11), e o segundo, com escala de 5 pontos (EMPE-5). O tempo médio de preenchimento dos 32 participantes com a EMPE-5 foi de $4,43 \pm 3,25$ minutos, e, com a EMPE-11, foi menor: $3,80 \pm 2,67$ minutos.

No processo de tabulação de dados, verificou-se a consistência interna (α de Cronbach) dos fatores motivacionais na EMPE-5 e EMPE-11. A intenção foi verificar, mesmo com categorias que só vieram a ser definidas posteriormente à coleta de dados junto

ao grupo de validação, se houve uma versão da escala que prevaleceu em consistência sobre a outra. Os resultados são apresentados na tabela 1.

Tabela 1 – Comparação entre consistências internas da EMPE-5 e EMPE-11

Fator Motivacional	EMPE-5*	EMPE-11*
Status	0,90	0,90
Contexto	0,89	0,83
Condicionamento Físico	0,81	0,82
Afiliação	0,79	0,87
Liberção de Energia	0,91	0,75
Aperfeiçoamento Técnico	0,79	0,80

(*) Alfa de Cronbach.

Conforme a tabela 1, os valores apresentados são muito próximos e, apesar de a EMPE-11 apresentar 3 consistências internas mais elevadas que a EMPE-5 (que, por sua vez, apresenta dois índices mais elevados que a EMPE-11), acredita-se não haver dados suficientes nessa comparação para se decidir entre uma versão e outra. Considerando-se que, na época da tabulação desses dados ainda não havia categorias definidas para o instrumento, os motivos que levaram à opção pela EMPE-11 foram os seguintes:

- a) O tempo de preenchimento é menor; conseqüentemente sua operacionalidade é melhor;
- b) Dos 32 participantes, 21 alegaram preferir a escala intervalar de 0 a 10;
- c) A escala com gradação de 11 pontos possibilita maior quantidade de testes estatísticos por item do questionário;
- d) Culturalmente, o brasileiro está mais acostumado a pensar, raciocinar e atribuir valores de 0 a 10. A escala de 1 a 5 pode gerar alguns problemas de compreensão e/ou maior demora para preenchimento;

4.3. VALIDADE DE CONTEÚDO

Validada a clareza, a nova versão do instrumento (T4) foi entregue a dez especialistas, todos com domínio da língua inglesa e distribuídos da seguinte forma: dois educadores físicos especialistas em Psicologia do Esporte (codificados como E1 e E10); duas educadoras físicas especialistas em atividade física e saúde (E2 e E3); três psicólogos do esporte (E4, E5 e E6); dois educadores físicos especialistas em metodologia científica (E7 e E8); um psicólogo especialista em Psicometria (E9). Com exceção de E4 e E5, que são mestres com grande experiência prática em Psicologia do Esporte, todos os examinadores convidados são doutores. Os examinadores E8 e E9 não conseguiram entregar suas avaliações a tempo. As notas de seus 8 colegas para os 33 itens do questionário estão no quadro 3.

Quadro 3 – Notas da Comissão Examinadora para a Validação de Conteúdo dos 33 Itens da EMPE.

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E10	Índice
1	10	10	5	8	10	10	10	8	0,88
2	10	10	9	10	10	10	6	10	0,94
3	10	10	9	10	10	10	10	10	0,99
4	10	10	9	9	10	10	10	9	0,96
5	10	10	9	10	10	10	10	10	0,99
6	10	10	9	10	10	10	6	10	0,94
7	7	8	5	9	5	10	6	10	0,75
8	10	10	9	9	10	10	10	9	0,96
9	8	10	9	10	10	10	6	9	0,90
10	10	8	5	8	10	10	6	8	0,81
11	10	-	-	10	10	-	10	4	0,88
12	10	10	9	10	9	10	6	8	0,90
13	10	10	10	9	10	10	6	8	0,91
14	10	10	9	10	7	10	10	9	0,94
15	10	10	5	10	7	10	10	9	0,89
16	10	10	9	10	10	10	6	10	0,94
17	7	10	9	10	10	10	6	10	0,90
18	7	10	5	10	5	10	6	4	0,71
19	10	8	5	9	10	10	10	8	0,87
20	10	10	9	10	10	10	10	10	0,99
21	10	10	9	10	10	10	10	10	0,99
22	10	-	-	10	10	-	6	8	0,88
23	10	10	9	10	10	10	10	10	0,99
24	10	10	9	10	10	10	10	10	0,99
25	10	10	5	10	10	10	10	6	0,89
26	10	10	5	10	10	10	10	6	0,89
27	10	5	5	10	5	10	10	7	0,77
28	10	10	9	9	10	10	10	10	0,98
29	10	10	9	10	10	10	10	10	0,99
30	10	8	9	10	10	10	10	6	0,91
31	10	10	9	10	10	10	6	10	0,94
32	10	-	-	10	5	-	10	10	0,90
33	10	10	9	10	9	10	10	10	0,98
								Média	0,91

Obs: na vertical, as questões 1 a 33. Na horizontal, as notas dos examinadores (E).

Conforme o critério de Melo (1994), apenas as questões com índices inferiores a 0,80 precisam ser obrigatoriamente alteradas, mas isso não impede que o pesquisador leve em consideração as sugestões dos especialistas mesmo quando os itens são aprovados. No caso da EMPE em validação, três questões precisariam ser alteradas: 7, 18 e 27.

A questão 7, “Eu gosto de adrenalina”, sugerida pelo grupo-alvo na fase de validação de clareza, sofrendo as seguintes críticas: “Não se deve inserir termos entre aspas, cujas validades semântica e conceitual são alteradas, em instrumentos científicos” (E1) e “Nem sempre toda

emoção é seguida de adrenalina e a frase original fala especificamente de emoção no esporte, o que tem muita diferença” (E5). A especialista E3 sugeriu a alteração para “Eu gosto de sentir emoções”, e a E6, “Eu gosto de situações que geram a liberação de adrenalina”, mas, conforme o profissional responsável pela tradução reversa (codificado aqui como BT), o termo “*excitement*” não é qualquer emoção, mais sim emoções fortes. Assim sendo, em princípio, a grafia deste item fica “Eu gosto de sentir emoções fortes”.

O item 18, “Eu gosto do agito”, recebeu as seguintes críticas: “Não se usa expressões populares que cairão em desuso brevemente em instrumentos científicos” (E1); “O artigo original fala em ação, o que difere de agito. É possível estar agitado sem estar necessariamente em ação. Faz-se necessário tomar cuidado com estas diferenças, pois elas podem e modificam completamente a frase” (E5). A examinadora E3 sugeriu “Eu gosto de agitação”; E6, “Eu gosto do ambiente competitivo”; E10 propôs “Eu gosto de ação”. Optou-se, então, por adaptar para o português, a alteração que Klint e Weiss (1987) fizeram neste mesmo item do PMQ original, “*I want to be physically active*” – “Eu gosto de estar fisicamente ativo”.

A questão 27, “Eu quero me destacar socialmente”, é uma tentativa de adaptar a expressão “*I want to be popular*” do instrumento original de Gill et al., proposta pelo tradutor BT e aceita em consenso pelo pesquisador e pelos dois tradutores brasileiros. “Eu quero ser popular”, tradução *ipsis literis* do original em inglês, possui uma conotação sensivelmente diferente em português, e a sugestão da examinadora E3, “Eu quero ser um destaque no esporte”, não atinge todo o âmbito do item original, que expressa destaque não somente no esporte, mas no contexto social do atleta. Somando-se isso ao fato de que o índice desta questão esteve bem próximo da aprovação (0,77), optou-se por mantê-la na sua atual forma.

4.4. PERFIL DO GRUPO DE VALIDAÇÃO

O grupo que preencheu os instrumentos para validação de construto, análise de consistência interna e estabilidade da EMPE foi composto por 132 atletas universitários entre 18 e 25 anos (média $21,86 \pm 2,13$ anos), sendo 64 homens e 68 mulheres, selecionados por conveniência junto aos técnicos de suas modalidades. Esse tipo de seleção permitiu contato mais próximo com os atletas a fim de tirar dúvidas sobre preenchimento da escala, verificar posteriormente o que assinalariam nas questões que esqueceram em branco e ouvir comentários e sugestões sobre o instrumento em si.

Os participantes pertenciam a 5 modalidades individuais (64 atletas) e 6 coletivas (68 atletas), distribuídos da seguinte forma: atletismo – 10 homens e 7 mulheres; basquetebol – 5 homens e 8 mulheres; capoeira – 5 homens e 6 mulheres; futsal – 5 homens e 7 mulheres; handebol – 5 homens e 5 mulheres; hóquei na grama – 6 homens e 6 mulheres; judô – 5 homens e 5 mulheres; natação – 8 homens e 7 mulheres; pólo aquático – 5 homens e 5 mulheres; tênis – 6 homens e 5 mulheres; e voleibol – 5 homens e 6 mulheres. Atingiu-se o objetivo inicial de coletar, no mínimo, 5 representantes masculinos e femininos de cada modalidade, além de obter equilíbrio de amostras entre esportes coletivos e individuais, buscando desenvolver um instrumento que realmente atenda ao maior número possível de situações e contextos esportivos.

O tempo de experiência desses atletas variou de 2 meses a 20 anos, com média de $7,54 \pm 5,00$ anos. O tempo médio de preenchimento do teste – e o que deve ser incluído no protocolo do instrumento, visto que foi a primeira vez em que os atletas tiveram contato com a escala – foi de $4,48 \pm 2,04$ minutos (mínimo de 2, máximo de 15 minutos), próximo dos 5 minutos constantes nos protocolos do PMQ de Gill et al. (1983) e do QMAD de Serpa (1992). A tabela 2 apresenta as médias e desvios-padrão de cada um dos 33 itens da EMPE.

Tabela 2 – Médias e desvios-padrão das pontuações dos itens da EMPE

Itens da EMPE	Mínimo*	Máximo*	Média	DP
1) Melhorar Técnica	2	10	8,25	2,03
2) Estar com Amigos	0	10	7,58	2,36
3) Vencer	0	10	6,58	2,62
4) Energia	0	10	7,14	2,33
5) Viajar	0	10	6,05	2,90
6) Ficar em Forma	0	10	7,20	2,49
7) Emoções Fortes	0	10	6,68	2,52
8) Trabalhar em Equipe	0	10	7,10	2,42
9) Pais e Amigos	0	10	2,50	3,09
10) Novas Técnicas	0	10	7,35	2,65
11) Manter Saúde	0	10	8,28	2,15
12) Novas Amizades	1	10	7,23	2,29
13) Sou Bom	0	10	5,73	2,60
14) Liberar Tensão	0	10	6,37	2,69
15) Prêmios	0	10	4,52	3,07
16) Fazer Exercícios	0	10	8,36	1,82
17) Algo para Fazer	0	10	6,67	2,85
18) Fisicamente Ativo	0	10	5,67	2,56
19) Espírito Equipe	0	10	7,06	2,56
20) Sair de Casa	0	10	5,75	2,91
21) Competir	0	10	6,92	2,68
22) Adquirir Hábitos	0	10	7,82	2,20
23) Ser Importante	0	10	4,91	3,12
24) Parte da Equipe	0	10	7,34	2,20
25) Superar Limites	1	10	8,09	1,86
26) Estar em Forma	0	10	7,65	2,31
27) Destacar Socialmente	0	10	4,55	2,98
28) Desafios	0	10	7,56	2,04
29) Técnicos	0	10	6,83	2,63
30) Status	0	10	3,95	2,85
31) Divertir	4	10	8,76	1,53
32) Melhor Saúde	0	10	8,01	2,10
33) Instalações	0	10	5,99	2,98

(*) Valores assinalados pelos participantes na EMPE.

Pode-se perceber que, dos 33 itens, apenas quatro (1, 12, 25 e 31) não apresentam assinalações que preencham toda a gradação da escala. Os itens com maior índice de motivação são, em seqüência decrescente, o 31) “Eu quero me divertir”, 16) “Eu quero fazer exercícios” e 11) “Eu quero manter a saúde”, corroborando os dados levantados por Gill et al. (1983) na construção do PMQ, bem como os resultados obtidos por Dwyer (1992), Magno et al. (2003), Giles et al. (2005) e Rosolen et al. (2006).

A grande quantidade de resultados superiores a valor médio 5,0 (28 itens) parece apontar para uma distribuição não-normal, o que visualmente se apresentaria como uma curva inclinada para a direita do gráfico de distribuição de resultados. Esses dados parecem refletir o fato de que indivíduos que se submetem voluntariamente ao treinamento regular tendem a possuir motivação acima da média, mas seria preciso coletar dados junto a praticantes esporádicos de esportes para confirmar essa inferência.

4.5. VALIDADE DE CONSTRUTO

Para validar o construto, utilizou-se análise fatorial com rotação Varimax e normalização Kaiser. Mediante extração dos componentes principais, foi possível dar o primeiro passo no sentido de determinar as categorias motivacionais da EMPE. Os resultados indicaram a presença de 7 fatores com *eigenvalues* iniciais acima de 1,0, respondendo por 69,01% da variância total dos resultados do questionário (tabela 2). As cargas fatoriais dos 33 itens e suas respectivas categorias iniciais podem ser observadas na tabela 4.

Tabela 3 – Extração de fatores mediante análise dos componentes principais

Eigenvalues Iniciais		
Fatores	Total	% da Variância
1	10,505	31,83
2	3,649	11,06
3	2,632	7,97
4	2,122	6,43
5	1,526	4,62
6	1,236	3,75
7	1,105	3,35
Total da variância explicada		69,01

Tabela 4 – Agrupamento de itens por categoria após análise fatorial

Itens do Questionário	Categorias Encontradas						
	1	2	3	4	5	6	7
3) Vencer	,813						
9) Pais e Amigos	,570						,514
13) Sou Bom	,633						
15) Prêmios	,854						
21) Competir	,645						
23) Importante	,629			,425			
27) Destacar Social	,669						
30) Status	,759						
6) Ficar em Forma		,704					
11) Manter Saúde		,811					
22) Adquirir Hábitos		,647					
26) Estar em Forma		,798					
32) Melhor Saúde		,816					
2) Estar com Amigos			,695				
8) Trabalhar Equipe			,856				
12) Novas Amizades			,580				,410
19) Espírito de Equipe			,826				
24) Parte da Equipe			,642				
17) Algo p/ Fazer				,702			
18) Fisicamente Ativo				,799			
20) Sair de Casa				,714			
1) Melhorar Técnica					,733		
10) Novas Técnicas					,673		
25) Superar Limites					,481		
29) Técnicos					,605		
33) Instalações	,413				,574		
4) Energia						,776	
7) Emoções Fortes						,460	
14) Liberar Tensão						,775	
16) Fazer Exercícios		,459				,526	
5) Viajar	,512						,514
28) Desafios	,369				,354		,396
31) Divertir							,653

Obs: foram suprimidas cargas fatoriais $\leq 0,35$.

Conforme pode se observar na tabela 4, a análise fatorial dos 33 itens da EMPE apresentou alguns problemas para a determinação das categorias motivacionais do instrumento: a) agrupamento de grande quantidade de itens no fator 1, mesclando aqueles relacionados a status com os relacionados a contexto; b) carregamento disperso de alguns itens por mais de uma categoria; c) agrupamento estatístico de uma dimensão (7^a.) composta por itens que poderiam ser classificados tanto como diversão quanto como liberação de

energia, mas, muito provavelmente em face a essa ambigüidade, apresentam menor consistência interna (α de Cronbach = 0,64): 5) “Eu gosto de viajar”; 28) “Eu gosto de desafios” e 31) “Eu gosto de me divertir”. Para solucionar esse problema, seguiu-se a proposta de Duncan e Stoolmiller (1993) para categorização de itens de instrumentos dotados de dimensões como o PMQ, e, mais especificamente, a sugestão de Fonseca e Maia (2001) para reespecificar (ou recategorizar) os itens de acordo com o referencial teórico – sem, no entanto, se desprender da estatística. Assim sendo, surgiram as sete dimensões motivacionais da EMPE, descritas a seguir.

A primeira dimensão, status, teve subtraído um item que, conforme o referencial teórico, pertencem à categoria contexto: 9) “Meus pais e amigos querem que eu jogue”. Assim sendo, respeitando a análise fatorial, agruparam-se os itens 3) “Eu gosto de vencer”, 13) “Eu prefiro fazer algo em que sou bom”, 15) “Eu gosto de ganhar prêmios”, 21) “Eu gosto de competir”, 23) “Eu gosto de me sentir importante”, 27) “Eu quero me destacar socialmente” e 30) “Eu quero ter status ou ser reconhecido”. Com a retirada do item relacionado a contexto, a consistência interna (α de Cronbach) da categoria subiu de 0,86 para 0,88. É interessante observar que, além de existir em praticamente todas as versões encontradas do PMQ, este fator também apresentou grande quantidade de itens em Portugal (SERPA, 1992), Itália (BUONAMANO et al., 1995) e Taiwan (SHANG, 1997), por exemplo. Uma das críticas de Fonseca e Maia (2001) ao QMAD e demais versões do PMQ é justamente a distribuição desigual de itens por categoria. Contudo, nesse mesmo estudo, os autores propõem uma solução fatorial para a versão portuguesa do PMQ e, apesar de respeitar o referencial teórico, não conseguem distribuir igualmente os itens conforme as categorias. A própria dimensão status de Fonseca e Maia (2001) abriga 8 itens. Na verdade, a origem desse fato está no *Participation Motivation Questionnaire*, que apresenta categorias com distribuição desigual desde sua inepção por Gill et al. em 1983.

Ao analisar o artigo original de Gill et al. (1983), percebe-se que seus 30 itens surgiram de uma lista muito maior feita junto a mais de 1.000 participantes de sua população-alvo, mediante entrevistas e menções voluntárias a motivos de prática esportiva. É possível inferir que, se já em sua origem a categoria status comporta uma quantidade maior de itens, talvez esse fato se deva justamente à proporcionalidade de motivos existentes relacionados a cada categoria, e a equiparação da quantidade de itens por categoria poderia levar à supressão de importantes (e distintos) itens das categorias com maior quantidade, ou inclusão de itens quase idênticos aos presentes nas dimensões que contam com menos itens.

Na segunda categoria motivacional da EMPE, contexto, agrupou-se o item já mencionado extraído do primeiro fator indicado pela análise fatorial (9) a outros quatro que ali deveriam se agrupar conforme o referencial teórico: 5) “Eu gosto de viajar” (fator 7); 20) “Eu gosto de sair de casa” (fator 4); 29) “Eu gosto dos técnicos e/ou professores” e 33) “Eu gosto de usar instalações e equipamentos esportivos” (ambos fator 5). A dimensão contexto nem sempre aparece nas versões regionais do PMQ (DWYER, 1992; KOIVULA, 1999), tendo seus itens excluídos, agrupados em outras dimensões ou simplesmente utilizados como questões-placebo, ou seja, sem efeito nos resultados finais da coleta de dados. A consistência interna deste fator foi de 0,74.

A terceira e quarta categorias da EMPE resultam de uma divisão conforme referencial teórico dos cinco itens agrupados pelo tratamento estatístico no segundo fator: 6) “Eu quero ficar em forma” e 26) “Eu quero estar em forma”, agrupados ao reespecificado item 16) “Eu gosto de fazer exercícios” (conforme referencial teórico – GILL et al., 1983; ROBERTS et al., 1986; DWYER, 1992), compõem a categoria “condicionamento físico”, com consistência interna de 0,78, apenas 0,01 ponto abaixo do PMQ original. Já as questões propostas pelo pesquisador para atender sugestão do grupo-alvo, 11) “Eu quero manter a saúde”, 22) “Eu quero adquirir hábitos saudáveis” e 32) “Eu quero melhorar ainda mais minha saúde”,

compuseram a dimensão “saúde”, com α de Cronbach = 0,86 – estando, portanto, acima do índice considerado ideal pela Psicometria (PASQUALI, 2003; COOLICAN, 2004). Apesar de poderem ser agrupados sob um único fator de nomenclatura, por exemplo, “atividade física & saúde”, os resultados encontrados por Feistauer (2007) utilizando a EMPE ainda em versão experimental na sua coleta junto a 77 atletas de handebol nos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC), sugerem o contrário: naquela população, a motivação por condicionamento físico atingiu a expressiva média 7,5, enquanto saúde chegou a apenas 5,5. Mantendo esses fatores separados, acredita-se que seja possível diferenciar melhor as motivações específicas das populações estudadas.

A quinta dimensão motivacional da EMPE resulta da reunião de itens que compunham originalmente duas categorias no PMQ: afiliação e atividade em grupo, que Fonseca e Maia (2001) descrevem melhor como, respectivamente, “afiliação geral” e “afiliação por equipe”:

- 2) “Eu quero estar com meus amigos”,
- 8) “Eu gosto de trabalhar em equipe”,
- 12) “Eu gosto de fazer novas amizades”,
- 19) “Eu gosto do espírito de equipe” e
- 24) “Eu gosto de fazer parte de uma equipe”.

Note-se que, conforme a tabela 4, esse agrupamento foi totalmente sugerido pela análise fatorial e todos os seus itens respeitam o referencial teórico de afiliação. Somando-se ao fato de que, separados, os itens apresentam consistência menor do que a obtida em conjunto ($\alpha=0,86$), e que esse índice é quase o triplo do que o encontrado originalmente por Gill et al. (1983), acredita-se que esta foi a decisão mais acertada.

O fator motivacional “liberação de energia” da EMPE é o segundo em quantidade de itens, comportando 6 deles: 4) “Eu preciso liberar energia”, 7) “Eu gosto de emoções fortes”, 14) “Eu preciso liberar tensão”, 17) “Eu gosto de ter algo para fazer”, 18) “Eu gosto de estar fisicamente ativo” e 31) “Eu gosto de me divertir”, categorizados pelo tratamento estatístico nos fatores 4, 6 e 7 (ver tabela 4). Note-se que, ao contrário do procedimento de Serpa (1992) ao deixar um único item (no caso, “influência de pais e amigos”) representar uma categoria, o

presente estudo seguiu a proposta de Duncan e Stoolmiller (1993) e nele se optou por agrupar a questão 31 a outras que, por referencial teórico, estão relacionadas à liberação de energia. Por fim, deste agrupamento estatístico saiu o já mencionado item 16) “Eu gosto de fazer exercícios”, agrupado ao fator “condicionamento físico”, colaborando na elevação da consistência interna tanto desta categoria (0,76 – também maior que sua correspondente no PMQ) quanto da dimensão “condicionamento físico”.

A sétima e última categoria presente na EMPE é o “aperfeiçoamento técnico”, com consistência interna 0,78, consideravelmente superior ao encontrado por Gill et al. (1983) e Serpa (1992) na construção de seus instrumentos. Possui quatro itens: 1) “Eu quero melhorar minha técnica”, 10) “Eu quero aprender novas técnicas” e 25) “Eu quero superar meus limites”, além do 28) “Eu gosto de desafios”, que apresentou-se disperso estatisticamente entre esta e outras duas categorias. Apesar de apresentar menor carga em “aperfeiçoamento técnico” do que em “status” e uma possível categoria “diversão”, esse item foi mantido aqui em consideração ao referencial teórico sobre motivação com orientação para o ego (ROBERTS et al., 1986; DUDA; NEWTON, 1993) e à elevação de consistência interna promovida (de $\alpha=0,74$ a 0,78). Note-se também que, na tabela 4, os itens 29 (“Eu gosto dos técnicos e/ou professores”) e 33 (“Eu gosto de usar instalações e equipamentos esportivos”) haviam sido fatorizados nesta dimensão, mas, ao se considerar o referencial teórico, foram transferidos para a categoria contexto. Vieira (1999), por exemplo, considera a qualidade do professor ou técnico de fundamental importância na motivação de seus comandados no contexto de treinamento esportivo, e Weinberg e Gould (2001) mencionam a importância de fatores ambientais como as instalações para adesão e permanência na prática de atividades físicas diversas.

Realizada a adaptação do instrumento com base na análise fatorial e no referencial teórico, considera-se cumprido o objetivo de validar seu construto no presente estudo. A partir

das dimensões motivacionais anteriormente apresentadas, foi possível calcular os índices de consistência interna do instrumento e, portanto, começar a verificar sua fidedignidade.

4.6. CONFIABILIDADE DO INSTRUMENTO

As categorias de instrumentos como o PMQ e seus derivados precisam ser suficientemente consistentes para que estes sejam considerados fidedignos. A técnica de Alfa de Cronbach adotada no presente estudo é frequentemente utilizada por pesquisadores da Psicologia, inclusive em estudos recentes como, por exemplo, os de Fioravanti et al.(2006), Guerra e Gouveia (2007), Nunes e Hutz (2007), e Veiga e Silva (2007). A tabela 5 apresenta os índices de consistência interna de cada fator motivacional da EMPE, e também mostra os valores encontrados por Gill et al. (1983) para efeitos de comparação.

Tabela 5 – Índices de consistência interna da EMPE reespecificado e do PMQ original.

EMPE			PMQ		
Categorias	Nº. de Itens	Consistência*	Categorias	Nº. de Itens	Consistência*
Status	7	0,88	Status	6	0,76
-	-	-	Ativ. Grupo	3	0,78
Cond. Físico	3	0,78	Cond. Físico	3	0,79
Energia	6	0,76	Energia	5	0,69
Contexto	5	0,74	Contexto	3	0,49
Técnica	4	0,78	Técnica	3	0,44
Afiliação	5	0,86	Afiliação	4	0,30
-	-	-	Diversão	3	0,55
Saúde	3	0,86	-	-	-

(*) Alfa de Cronbach.

É possível notar que, ao reduzir as 8 categorias do PMQ para 7, mesmo com a inclusão de uma nova dimensão (“saúde”), foi possível atender em parte a sugestão de Fonseca e Maia (2001) no sentido de distribuir mais equilibradamente os itens do questionário. Além de, com exceção do fator “condicionamento físico”, as categorias da EMPE apresentarem valores de α

de Cronbach superiores aos do instrumento original, a diferença entre seu índice mais alto (0,88) e o mais baixo (0,74) é menor que a do PMQ (0,79 e 0,30), indicando mais equilíbrio entre os fatores do instrumento que se pretende validar no Brasil. Como 3 categorias da EMPE se encontram acima do índice de consistência interna considerado ideal em Psicometria (DANCEY; REIDEY, 2006), e 4 delas estão mais próximas do ideal do que do índice mínimo estabelecido como aceitável (0,60), pode-se considerar que este quesito relacionado à fidedignidade da EMPE foi contemplado.

4.7. ESTABILIDADE DO INSTRUMENTO

A estabilidade da Escala de Motivos para Prática Esportiva foi verificada mediante o cálculo da correlação intraclasse de 68 dos 132 participantes do grupo de validação do instrumento. Não foi possível coletar o reteste dos demais 64 atletas em tempo hábil, mas, mesmo assim, pode-se verificar na tabela 5 que, apesar da quantidade considerada elevada de pontos na escala intervalar proposta, a correlação encontrada pode ser considerada alta para um mesmo questionário psicológico aplicado duas vezes, com diferença de $9,75 \pm 4,30$ dias entre os dois preenchimentos (intervalo mínimo de 7 dias, máximo de 21).

Tabela 6 – Correlação intraclasse dos 33 itens da EMPE

Itens da EMPE	r	Intervalo de Confiança (95%)
1) Melhorar Técnica	0,83	0,72 - 0,90
2) Estar com Amigos	0,84	0,73 - 0,90
3) Vencer	0,85	0,75 - 0,91
4) Energia	0,88	0,81 - 0,93
5) Viajar	0,87	0,78 - 0,92
6) Ficar em Forma	0,77	0,63 - 0,86
7) Emoções fortes	0,64	0,42 - 0,78
8) Trabalhar em Equipe	0,79	0,65 - 0,87
9) Pais e Amigos	0,88	0,81 - 0,93
10) Novas Técnicas	0,81	0,70 - 0,89
11) Manter Saúde	0,70	0,52 - 0,82
12) Novas Amizades	0,83	0,72 - 0,89
13) Sou Bom	0,84	0,75 - 0,90
14) Liberar Tensão	0,77	0,63 - 0,86
15) Prêmios	0,83	0,73 - 0,90
16) Fazer Exercícios	0,83	0,73 - 0,90
17) Algo para Fazer	0,84	0,75 - 0,90
18) Fisicamente Ativo	0,75	0,59 - 0,84
19) Espírito Equipe	0,58	0,33 - 0,74
20) Sair de Casa	0,81	0,70 - 0,89
21) Competir	0,80	0,67 - 0,87
22) Adquirir Hábitos	0,83	0,73 - 0,90
23) Ser Importante	0,86	0,77 - 0,91
24) Parte da Equipe	0,76	0,61 - 0,85
25) Superar Limites	0,83	0,72 - 0,90
26) Estar em Forma	0,88	0,81 - 0,93
27) Destacar Socialmente	0,80	0,67 - 0,87
28) Desafios	0,84	0,74 - 0,90
29) Técnicos	0,86	0,77 - 0,91
30) Status	0,85	0,76 - 0,91
31) Divertir	0,78	0,64 - 0,87
32) Melhor Saúde	0,79	0,67 - 0,87
33) Instalações	0,88	0,80 - 0,92
Média	0,81	

Os valores de correlação intraclasse apontam para a confirmação de estabilidade do instrumento. Apenas três itens (7, 11 e 19) encontram-se abaixo do índice mínimo aceitável conforme Coolican (2004), mas, agrupadas, as 33 questões apresentam correlação intraclasse média de 0,81 – portanto, aceitáveis conforme o autor. Chama-se atenção para o fato de que, sem a ação do efeito memória após uma semana ou mais de intervalo entre o teste e o reteste de cada sujeito, seria de se esperar mais valores abaixo do índice ideal em face à escala da

EMPE possuir mais pontos de gradação do que, por exemplo, o PMQ, QMAD e IMPD. Confirmada a estabilidade do questionário, cumpre-se o último objetivo específico e adquire-se mais dados que apontem para sua fidedignidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conclusão do processo de tradução e adaptação transcultural do *Participation Motivation Questionnaire*, acredita-se que sua versão brasileira, adaptada para adultos jovens, esteja pronta para utilização após realizar as alterações propostas pela comissão de especialistas e pela banca examinadora do presente estudo. A proposta de reespecificação de itens após a análise fatorial, respeitando o referencial teórico, parece ter gerado um instrumento mais consistente, pelo menos em termos estatísticos, que o QMAD e o próprio PMQ, questionários bastante utilizados no Brasil para detecção de motivos de prática esportiva. Os testes estatísticos aplicados também apontam para a estabilidade do instrumento, o que, conjuntamente à elevada consistência interna (α de Cronbach) de suas categorias, parece indicar sua fidedignidade.

Espera-se, após a validação da Escala de Motivos para Prática Esportiva, contribuir não somente para futuras pesquisas e estudos acadêmicos, mas também colaborar no planejamento de técnicos e gestores esportivos. Com sua divulgação, espera-se que pesquisadores não mais precisem recorrer a instrumentos similares validados para outras culturas e faixas etárias.

O processo de validação pode ainda contar com nova validação de conteúdo por parte de especialistas, desta vez informados sobre as dimensões motivacionais da EMPE,

verificando se cada um dos 33 itens, além de medir o que se pretende, estão alocados na dimensão correta conforme o referencial teórico.

Propõe-se também realizar análise fatorial confirmatória com o programa estatístico LISREL 8, a exemplo do que Fonseca e Maia (2001) fizeram com o QMAD, para confirmar a validação de construto da EMPE. Isso será possível com o tratamento estatístico dos dados de 271 atletas dos estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul colhidos durante a XX Copa Unisinos, realizada de 12 a 15/10/2007 na cidade de São Leopoldo.

Sugere-se também a validação do instrumento junto a outras populações, como, por exemplo, praticantes de esporte que não se submetem a treinamento regular como os 32 participantes do grupo-alvo e os 132 do grupo de validação; para-atletas; atletas de alto rendimento não-universitários; adultos em faixa superior à do presente estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACQUADRO, Catherine et al. **Linguistic Validation Manual for Patient-Reported Outcomes (PRO) Instruments**. Lyon (França): MAPI Research Trust, 2004.

AGORA. **Parapan: a emoção de Adriano, o chorão**. Disponível em: <<http://www.agoraesportes.com.br/html/noticia.asp?not=15448>>. Acesso em: 15 de ago. de 2007.

ALLPORT, Gordon W. **Psicología de la personalidad**. Tradução de Miguel Murmis. Buenos Aires: Paidós, 1974.

ALVAREZ, Eduardo et al. Dropout reasons in young Spanish athletes: relationship to gender, type of sport and level of competition. **Journal of Sport Behavior**, v.29, p.255-270, 2006.

AMES, C. Classrooms: goals, structures, and student motivation. **Journal of Education Psychology**, v.84, n.3, p.261-271, 1992.

BANDURA, Albert. **Psychological modeling: conflicting theories**. Chicago, IL (EUA): Aldine-Atherton, 1971.

BARCELONA, Esteban M.; SANFELICE, Gustavo R. Motivos de atletas “riocuartenses” para jogar voleibol. **Revista Digital EF y Deportes**, v.10, n.78, 2004.

BARROSO, Mario L.C. et al. Motivos de prática de esportes coletivos universitários em Santa Catarina. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE ESPORTES, n.6, 2007. Florianópolis. **Anais do Fórum Internacional de Esportes, n. 6**. Florianópolis: FESPORTE, 2007. Disponível em CD-ROM.

BEATON, Dorcas; BOMBARDIER, Claire; GUILLEMIN, Francis; FERRAZ, Marcos Bosi. **Recommendations for the cross-cultural adaptation of health status measures**. Institute of Work & Health, American Academy of Orthopaedic Surgeons (AAOS), 2002.

BECKER JR., Benno. **Manual de psicologia do esporte & exercício**. Porto Alegre: Novaprova, 2000.

BELMONTE, Carla C. Fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o gênero sexual. **Anais do Salão de Iniciação Científica 2002**, Ciências da Saúde, p.508. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

BOURNE, Lyle E.; EKSTRAND, Bruce R. **Psychology: its principles and meanings**. Nova York: Holt, Rinehart and Wintson, 1982.

BRANDÃO, Maria R.F. et al. (2004). Futebol, esporte internacional e identidade nacional. Estudo 1: uma comparação entre Brasil & Japão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.12, n.1, p.57-62, 2004.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

BUENO, JOSÉ M.H. et al. Investigação das propriedades psicométricas de uma escala de metas de realização. **Estudos de Psicologia**, v.24, n.1, p.79-97, 2007.

BUONAMANO, Roberto; CEI, Alberto; MUSSINO, Antonio. Participation motivation in Italian youth sport. **The Sport Psychologist**, v.9, p.265-291, 1995.

CASTRO, Sara I.S. **As danças tradicionais portuguesas como actividade de recreação e lazer: motivação para a prática dos Grupos de Etnografia e Folclore do Douro Litoral**. 1999. Tese (Mestrado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

CBB. **Entrevista com Marcus Vinicius Vieira de Sousa**. Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/entrevista/entrevista.asp?entrevista=213>>. Acesso em: 20 de ago. de 2007.

CECCHINI, José A.; MENDEZ, Antonio; MUÑIZ, José. Motives for practicing sport in Spanish schoolchildren. **Psicothema**, v.14, n.3, p.523-531, 2002.

CHADHA, Narender K.; KOLT, Gregory S. Intergenerational relationship building through participation in physical activity. **Indian Journal of Gerontology**, v.18, n.3, p.318-347, 2004.

CHAMBERS, Sam T. Factors affecting elementary school students' participation in sports. **The Elementary School Journal**, v.91, n.5, p. 413-419, 1991.

CID, Luís F. Alteração dos motivos para a prática desportiva das crianças e jovens. **Revista Digital EF y Deportes**, v.8, n.55, dezembro de 2002.

CILLO, Eduardo N.P. Análise de jogo como fonte de dados para a intervenção em psicologia do esporte. In: Kátia Rubio (org.) **Psicologia do Esporte Aplicada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CO-RIO, Assessoria de imprensa. **Atleta canadense nomeada embaixadora dos Jogos Parapan-americanos**. Disponível em: <<http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=11918&codtipo=1&subcat=42&canal=esporte>>. Acesso em: 16 de ago. de 2007.

COMER, Ronald J. **Abnormal Psychology**, 5th ed. Nova York: Worth Publishers, 2004.

COOLICAN, Hugh. **Research Methods and Statistics in Psychology**, 4th ed. Londres: Hodder Arnold, 2004.

CRATTY, Bryant J. **Psicologia do esporte**. Tradução de Olívia Lustosa Bergier. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1984.

CRESPO, Raphael. **Musa do vôlei supera trauma olímpico e lesão para brilhar no Grand Prix**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/0,,AA1000374-4435,00.html>>. Acesso em: 16 de ago. 2007.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. **Estatística sem matemática para Psicologia: usando SPSS para Windows**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DANTAS, Estélio H.M. **A prática da preparação física**. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

DIONIGI, Rylee. Competitive sport as leisure in later life: negotiations, discourse and aging. **Leisure Sciences**, v.28, n.2, p.181-196, 2006.

DORSCH, Friedrich; HÄCKER, Hartmut; STAPF, Kurt-Hermann. **Dicionário de psicologia Dorsch**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão e equipe. Petrópolis: Vozes, 2001.

DOULIAS, Emmanuel et al. Examination of Participation Motives in Folk Dance Groups. **Inquiries in Sport & Physical Education**, v.3, n.2, p.107-112, 2005.

DUDA, Joan L. Goals: a social-cognitive approach to the study of achievement motivation in sport. In: SINGER, Robert N.; MURPHEY, M.; TENNANT, L.K. **Handbook of research on Sport Psychology**. New York: Macmillan, p. 421-436, 1993.

DUDA, Joan L.; NEWTON, Maria. The relationship of task and ego orientation to performance-cognitive content, affect, and attributions in Bowling. **Journal of Sport Behavior**, v.16, 1993.

DUDA, Joan L., & NICHOLLS, John G. Dimensions of achievement motivation in schoolwork and sport. **Journal of Education Psychology**, n.84, p.290-299, 1992.

DUNCAN, Terry E.; STOOLMILLER, Michael. Modeling social and psychological determinants of exercise behaviors via structural equation systems. **Research Quarterly for Sports and Exercise**, n.64, p.207-226, 1993.

DWYER, John J. Internal structure of participation motivation questionnaire completed by undergraduates. **Psychological Reports**, v.70, n.1, p.283-290, 1992.

ESTRIGA, Maria L.; CUNHA, António. Motivação para a prática do andebol: motivos de escolha e de prática de andebol por jovens atletas do sexo feminino. **Agir para a Mudança**. Porto: FCDEF, p.33, 2003.

FAMA Assessoria. **Robson Careca participará do Para-Pan**. Disponível em <http://www.woohoo.com.br/woohoonews/woohoonews.asp?id_news=866>. Acesso em: 10 de ago. 2007.

FEISTAUER, Ricardo H.G. **Aspectos motivacionais do handebol competitivo de Santa Catarina**. 2007. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FELIU, Jaume C. **Psicología del Deporte: personalidad, evaluación y tratamiento psicológico**. Madrid: Síntesis, 1997.

FERNANDES, Helder; LÁZARO, João P.; RAPOSO, José V. Características psicométricas do inquérito de motivações para a ausência de actividade desportiva em adultos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.4, n.2, p.143.

FIGUEIREDO, Sâmia H. Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento. In: RUBIO, Kátia (Org.). **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FIGURELLI, José O. **Psicologia para administradores: integrando teoria e prática**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.

FISK, Susan T.; TAYLOR, Shelley E. **Social cognition**, 2nd ed. New York: McGraw-Hill, 1991.

FIORAVANTI, Ana C. M. et al.. Avaliação da estrutura fatorial da escala de ansiedade-traço do IDATE. **Avaliação Psicológica**, v.5, n.2, p.217-224, 2006.

FONSECA, António M. Estudo preliminar da estrutura factorial da versão portuguesa do *Participation Motivation Questionnaire*. In: FONSECA, António M. (Ed.). **A FCDEF-UP e a Psicologia do Desporto: estudos sobre motivação**. Porto: FCDEF-UP, p.39, 2001.

FONSECA, António M. Da motivação para a prática desportiva juvenil ao seu abandono... ou... das perspectivas e influências dos realizadores aos comportamentos dos actores... **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.4, n.2 (supl.) p.15–22, 2004.

FONSECA, António M.; BRITO, António P. **A FCDEF-UP e a Psicologia do Desporto: as atribuições causais**. Porto: FCDEF, Universidade do Porto, 2001.

FONSECA, António M.; MAIA, José A. Análise fatorial confirmatória à versão portuguesa do *Participation Motivation Questionnaire*. In: FONSECA, António M. (Ed.). **A FCDEF-UP e a Psicologia do Desporto: estudos sobre motivação**. Porto: FCDEF-UP, 2001.

FONSECA, António M.; MONTEIRO, Adriano; CUNHA, António. Que motivos levam os jovens a praticar andebol de competição? In: FONSECA, António M. (Ed.). **A FCDEF-UP e a Psicologia do Desporto: estudos sobre motivação**. Porto: FCDEF-UP, p.15-18, 2001.

FRANCO, Gisela S. **Psicologia no Esporte e na Atividade Física: uma coletânea sobre a prática com qualidade**. São Paulo: Manole, 2000.

FREITAS, Clara M.S.M.; SANTIAGO, Marcela S.; VIANA, Ana T.; LEÃO, Ana C.; FREYRE, Carmen. Aspectos motivacionais que influenciam a adesão e manutenção de idosos a programas de exercícios físicos. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**. Florianópolis: NuCiDH/CDS/UFSC, v.9, n.1, p.92-100, 2007.

GAYA, Adroaldo; CARDOSO, Marcelo. Os fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho desportivo. **Revista Perfil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v.2, n.2, p.40-51, 1998.

GILES, L.C. et al. Physical activity in older Asian Indians living in the United States: barriers and motives. **Activities, Adaptation & Aging**, v.29, n.1, p.47-67, 2005.

GILL, Diane L.; DEETER, Thomas E. Development of the Sport Orientation Questionnaire. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v.59, n.3, p. 191-202, September, 1988.

GILL, Diane L.; GROSS, John B.; HUDDLESTON, Sharon. Participation motivation in youth sports. **International Journal of Sports Psychology**, n.14, p.1-14, 1983.

GLOBO. **Mexicano dá aula de perseverança**. Disponível em: <<http://pan2007.globo.com/PAN/Noticias/0,,MUL88213-9329,00.html>>. Acesso em: 15 de ago. de 2007.

GLOBOESPORTE.COM. **Flávio Canto organiza projeto social do judô**. Disponível em: <<http://pe360graus.globo.com/esportes360/matLer.asp?newsId=77784>>. Acesso em: 17 de ago. de 2007.

GOULD, Daniel, FELTZ, Deborah L., HORN, Thelma S., & WEISS, Maureen R. Reasons for attrition in competitive youth swimming. **Journal of Sport Behavior**, v.3, p.155-165, 1982.

GUERRA, Valeschka M.; GOUVEIA, Valdinei V. Liberalismo / conservadorismo sexual: proposta de uma medida multifatorial. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, v.20, n.1, p.43-53, 2007.

GUILLEMIN, Francis; BOMBARDIER, Claire; BEATON, Dorcas. Cross-cultural adaptation of health-related quality of life measures: literature review and proposed guidelines. **Journal of Clinical Epidemiology**, v.46, n.12, p. 1417-1432, 1993.

GÜRBÜZ, Bülent; ALTÝNTAS, Atahan; ASCI, F. Hülya Ascı. Participation motives of 9-15 years old Turkish soccer players. **Journal of Sports Science and Medicine**, suppl.10 , p.88 – 91, February 2007.

HERNANDEZ, José A.E.; VOSER, Rogério C.; LYKAWKA, Maria G.A. Motivação no esporte de elite: comparação de categorias no futsal e futebol. **Revista Digital EF y Deportes**, v.10, n.77, 2004.

HOLT, Nicholas L.; MANDIGO, James L. How Cognitive Evaluation Theory can help us motivate children in physical activity environments. **JOPERD – The Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v.71, n.1, p.44-49, 2000.

HU, Wang-Yang; WEI, Yi-yi. Effects on goal orientations and participation motives to university students' Physical Education and sport. **Zhejiang Sport Science**, v.4, 2005.

JAMES, Carl E. Schooling, basketball and US scholarship aspirations of Canadian student athletes. **Race, Ethnicity and Education**, v.6, n.2, p.123-144, 2003.

JONES, Gareth W.; MACKAY, Ken S.; PETERS, Derek M. Participation motivation in martial artists in the West Midlands region of England. **Journal of Sports Science and Medicine**, v.5, p.28-34, 2006.

KERLINGER, Frederick N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EDUSP, 1979.

KOIVULA, Nathalie. Sport participation: differences in motivation and actual participation due to gender typing. **Journal of Sport Behavior**, v.22, n.3, p.1-13, 1999.

LUFT, Caroline D.B. et al. Versão brasileira da Escala de Estresse Percebido: tradução e validação para idosos. **Revista de Saúde Pública**, v.41, n.4, p.606-615, 2007.

MAGNO, João et al. Adesão à prática da caminhada na terceira idade. **Corpo em movimento: revista de ciências do movimento humano e do desporto**, v.1, n.1, p.72-73. Canoas: Editora da Ulbra, 2003.

MARTENS, Rainer. Turning kids on to physical activity for a lifetime. **Quest** v.48, n.3, 1996.

MARTINS, Elisa; LEAL, Roberta. O novo herói das piscinas. **Revista Época**, n. 470, 21 de maio de 2007, p.84-86.

MAYER, Richard E. (2003). **Learning and Instruction**. Upper Saddle River, NJ (EUA): Pearson Education.

McAULEY, Edward; DUNCAN, Terry E.; TAMMEN, Vance V. Psychometric properties of the Intrinsic Motivation Inventory in a competitive sport setting: a confirmatory factor analysis. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v.60, n.1, p. 48-58, 1989.

MEDEIROS, Ethel B. **Medidas psico & lógicas: introdução à psicometria**. Rio de Janeiro: Edipro, 1999.

MELO, Sebastião I.L. **Coefficiente de atrito: um sistema de avaliação**. 1994. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – Centro de Educação Física e Desporto, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS.

MELO, Ana C.R.; LÓPEZ, Ramón F.A. Motivação para participação nas atividades de educação física em enfermaria ortopédica. **Revista Alvorada de Atividade Física**, v.1, n.1, 2003.

MORIYA, Tokico M.; GIR, Elucir; HAYASHIDA, Miyeko. Escala de atitude frente à aids: uma análise psicométrica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 2, n. 2, p. 37-53, 1994.

MOROUÇO, Pedro. Avaliação dos factores psicológicos inerentes ao rendimento: estudo realizado em nadadores cadetes do Distrito de Leiria. **Psicologia.com.pt: o portal dos psicólogos**, p.1-20. Disponível em <[www.http//psicologia.com.pt](http://psicologia.com.pt)>. Acesso em 15 de jul. de 2007.

MORUISI, Moses S. A cross-cultural investigation of participation motivation of high school student-athletes. **Health, Physical Education and Recreation**, v.15, n.1, p.12, 2002.

MOTA, Fernando; SILVA, Eduardo; FONSECA, António M. Estudo exploratório acerca dos motivos para a prática do caratê-dô. In: FONSECA, António M. (Ed.). **A FCDEF-UP e a Psicologia do Desporto: estudos sobre motivação**. Porto: FCDEF-UP, p.25-27, 2001.

MURCIA, Juan A.M.; GONZÁLEZ-CUTRE, David C. A permanência de praticantes em programas aquáticos baseada na Teoria da Autodeterminação. **Fitness & Performance Journal**, v.5, n.1, p. 5-9, 2006.

NICHOLLS, John G. Achievement motivation: conceptions of ability, subjective experience, task choice, and performance. **Psychological Review**, v.91, n.3, p.328-346, 1984.

NUNES, Carlos H. S. S. ; HUTZ, Cláudio S. Construção e validação da Escala Fatorial de Socialização no modelo dos cinco grandes fatores de personalidade. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, v.20, n.1, 553-558, 2007.

ORY, John C.; POGGIO, John P. The empirical development of a measure of achievement motivation. **Journal of Educational Measurement**, v.13, n.2, p.157-159, 1976.

PAIM, Maria C.C. Fatores motivacionais e desempenho no futebol. **Revista da Educação Física/UEM**, v.12, n.2, p.73-79, 2001.

PAIM, Maria C.C. Voleibol, que fatores motivacionais levam à sua prática? **Lecturas en EF y Deportes**, v.9, n.61, 2003.

PAIM, Maria C.C.; PEREIRA, Érico F. Fatores motivacionais dos adolescentes para a prática de capoeira na escola. **Motriz**, v.10, n.3, p.159-166, 2004.

PAIM, Maria C.C.; PEREIRA, Érico F. Fatores motivacionais em adolescentes para prática de jazz. **Revista da Educação Física/UEM**, v.16, n.1, p.59-66, 2005.

PARK, S.R. A cross-cultural study of the motivational factors affecting individuals' decisions about participating in action sports between Korean college students and their American counterparts. **Saint Leo University**, 2003. Disponível em: <<http://www.isdy.net/pdf/eng/3.pdf?PHPSESSID=d3904c634e26eb6a9fc652f61e703cac%20->>. Acessado em: 23 de ago. de 2007.

PASQUALI, Luiz. **Psicometria: teoria dos testes na Psicologia e na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PASSER, Michael W. Children in sport: Participation motives and psychological stress. **Quest**, v.33, n.2, p.143-231, 1981.

PINTRICH, P. R.; SCHUNK, D. H. **Motivation in education: theory research and applications**. New Jersey: Pearson Education, 2002.

PISANI et al. **Psicologia geral**. 11ª ed. Porto Alegre: Vozes, 1990.

PROCHASKA, J.O.; DiCLEMENTE, C.C.; NORCROSS, J.C. In search of how people change. **American Psychologist**, v.47, n.9, p.1102-1114, 1992.

RECASCINO, Christina M. F.; SMITH, Hana S. Competition and intrinsic motivation in physical activity: a comparison of two groups. **Journal of Sport Behavior**, v.26, n.3, p. 240-254, 2003.

REVELLE, William. Motivation and achievement. **The American Journal of Psychology**, v. 88, n. 1, p. 140-148, 1975.

ROBERTS, Glyn C.; SPINK, Kevin S.; PEMBERTON, Cynthia L. **Learning experiences in Sport Psychology**. Champaign, IL (EUA): Human Kinetics, 1986.

ROESCH, Scott C.; AMIRKHAM, J. H. Boundary conditions for self-serving attributions: Another look at the sports pages. **Journal of Applied Social Psychology**, v.27, n.3, p.245-261, 1997.

ROHLFS, Isabel C.P.M. et al. The Brunel mood scale (BRUMS): instrument for detection of modified mood states in adolescent and adult athletes and non-athletes. **Fiep Bulletin**, v.75, p.281-284, 2005.

ROSOLEN, Marta; VOSER, Rogério C.; HERNANDEZ, José A. E. A motivação para o esporte em atletas universitárias de futsal feminino. **Futsal Brasil: O Portal do Futsal Mundial**, 2006. Disponível em <http://www.futsalbrasil.com.br/artigos/artigo.php?cd_artigo=143>. Acesso em 15 de ago. de 2007.

RUBIO, Katia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova**, v.6, n.119, 2002.

RUBIO, Katia. Entre a psicologia e o esporte: as matrizes teóricas da psicologia e sua aplicação ao esporte. **Temas em Psicologia da SBP**, v. 12, n. 2, p.93-104, 2004.

RUMMEL, Amy; FEINBERG, Richard A. Cognitive Evaluation Theory: a meta-analytic review of the literature. **Social Behavior and Personality: an International Journal**, v.16, n.2, p.147-164, 1988.

SAGE, George H. **Introduction to motor behavior: a neuropsychological approach**. 2nd ed. Reading, MA (EUA): Addison-Wesley, 1977.

SAMULSKI, Dietmar M. **Psicologia do esporte: manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia** São Paulo: Manole, 2002.

SAMULSKI, Dietmar M. Avaliação e preparação psicológica dos atletas paraolímpicos brasileiros rumo a Atenas 2004. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.4, n.2 (supl.), p. 42-44, 2004.

SERPA, Sidónio. Motivação para a prática desportiva. In: F. SOBRAL; A. MARQUES (Coordenadores) **FACDEX: Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa**, v.1, p. 101-105, 1990.

SERPA, Sidónio. Motivação para a prática desportiva: validação preliminar do questionário de motivação para as actividades desportivas (QMAD). In F. SOBRAL; A. MARQUES (Coordenadores) **FACDEX: Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa**, v.2, p. 89-97, 1992.

SHANG, Chih M. A study on the motivation of middle school students in participating in track and field competitions. **Chinese Electronic Periodical Service**, v.22, n.1, p.375-386, 1997.

SHAPIRO, Deborah K.; YUN, Jonkoo. Sport Motivation Questionnaire for persons with mental retardation. **Therapeutic Recreational Journal**, 4th quarter, 2003.

SHORT, Judith-Ann C.; SORRENTINO, Richard M. Achievement, affiliation and group incentives: a test of the overmotivation hypothesis. **Motivation and Emotion**, v.10, n.2, p.115-131, 1986.

SILVEIRA, Lucinéia D.; DUARTE, Maria F.S. Níveis de depressão, hábitos e aderência a programas de atividades físicas de pessoas diagnosticadas com transtorno depressivo. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Nucidh/CDS/UFSC, v.6, n.2, p. 36-44, 2004.

SINGER, Robert N. **Sustaining motivation in sport**. Tallahassee, Flórida (EUA): Sport Consultants International, 1984.

SIQUEIRA, Osvaldo D. et al. Perfil de variáveis de prestação desportiva em atletas da modalidade futsal. In: ESEF/UFRGS: **Anais do Fórum Olímpico 2000: O Movimento Olímpico em Face do Novo Milênio**, v.1, n.1, p.40-52, 2000.

SIQUEIRA, Osvaldo D. et al. Estrutura da performance desportiva: um estudo referenciado ao futsal na categoria juvenil. **Corpo em Movimento**, v.1, n.1, p.5-14. Canoas: Editora da ULBRA, 2003.

SKINNER, Burrhus F. **The technology of teaching**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1968.

STAHL, E. et al. Health-related quality of life in asthma studies. Can we combine data from different countries? **Pulmonar Pharmacology Therapeutics**, v.16, n.1, p.53-59, 2003.

SULLIVAN, Thomas J. Achievement Motivation and Attribution Theory. **Contemporary Sociology**, v.4, n.4, p. 425-427, 1975.

THIBORG, Jesper P.N. **Fotbollsspelares personlighet, motiv och moral i idrotten** Sektionen Lek, Fritid och Hälsa: Högskolan i Malmö, p.41-60, 2005.

TREASURE, Darren C.; ROBERTS, Glyn C. Relationship between female adolescents' achievement goal orientations, perceptions of the motivational climate, belief about success and sources of satisfaction in basketball. **International Journal of Sport Psychology**, v.29, p. 211-230, 1998.

UNIVERSIA. **Tudo começou por causa de bronquite...** Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=8007>>. Acesso em: 16 de ago. de 2007.

VEIGA, Heila M. S.; SILVA, Narla I. A. Construção de escala para avaliar sofrimento psíquico-social de trabalhadores desempregados. **Avaliação Psicológica**, v.6, n.1, p.13-20, 2007.

VIANNA, H.M. **Testes em educação**. São Paulo: IBRASA, 1982.

VIEIRA, Lenamar F. **O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do atletismo: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos**. 1999. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

VIEIRA, Lenamar F. ; BOTTI, Marise ; VIEIRA, José L.L. Ginástica rítmica: uma análise dos fatores competitivos motivadores e estressantes da Seleção Brasileira Juvenil. **Acta Scientiarum** (UEM), Maringá, v. 27, n. 02, p. 207-215, 2005.

WALTZ, Carolyn F.; STRICKLAND, Ora L.; LENZ, Elizabeth R. **Measurement in nursing research**. Filadélfia (EUA): F.A.Davis, 1991.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do exercício**, 2ª.ed. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WEISS, M.R.; CHAUMETON, N. Motivational orientations in sport. In: HORN, T.S.(Ed.) **Advances in sport psychology**. Champaign, IL (EUA): Human Kinetics, 1992, p.61-99.

WINSTON, Harold M.B.; McGEE, Rosemary. Introdução. In: TRITSCHLER, Kathleen A. **Medida e avaliação em educação física e esportes de Barrow & McGee**. Tradução de Márcia Gregual. 1ª.ed. Barueri: Manole, 2003.

WINTERSTEIN, Pedro. A motivação para a atividade física e para o esporte. In: DE ROSE JR., Dante et cols. (orgs.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002. Cap. 6, p.77-87.

WONG, Eugene H.; BRIDGES, Lisa J. A model of motivational orientation for youth sport: some preliminary work. **Adolescence**, summer, 1995.

ZAHARIADIS, Panagiotis N.; BIDDLE, Stuart J.H. Goal orientations and participation motives in Physical Education and sport: their relationships in English schoolchildren. **Athletic Insight: the online journal of Sport Psychology**, v.2, n.1, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1 – Autorização da Autora do Questionário PMQ

----- Original Message -----

From: [Diane L. Gill DLGILL](#)

To: [Mario Luiz](#)

Sent: Wednesday, August 08, 2007 8:40 AM

Subject: Re: Validation of PMQ in Brazil

Mario,

I'll attach a copy of the PMQ (which is not included in the original article). I've also included the measure and some information in my 2000 text, Psychological dynamics of sport. That text is being revised and is now in press - I'll also attach a copy of the measure as it will be included there, along with another reference by Dwyer. I don't have the original article on file, but could send it via FAX if you give me a number to send it to. Good luck with your work. Let me know if you need anything else.

Diane L. Gill
Professor, Department of Exercise & Sport Science
University of North Carolina at Greensboro
P.O. Box 26170
Greensboro, NC 27402-6170

Phone: 336-334-4683
FAX: 336-334-3238
E-mail: dlgill@uncg.edu
webpage: <http://www.uncg.edu/ess/faculty/dianegill.html>

Good Morning, dr.Gill!

It's very nice to have the opportunity to make contact with you. I hope this e-mail finds you well.

My name is Mario Luiz C. Barroso, and I am a Physical Education professor doing my second (and last) year at the master degree course at Santa Catarina State University (UDESC) in Brazil. My adviser is prof. Ruy Jornada Krebs (whose adviser was dr.Gallahue in Indiana State University), PhD. Dr.Krebs is responsible for the Sports Psychology classes at UDESC, and I've been assisting him in these classes since the beginning of 2006.

I am writing you in order to ask your authorization to validate your Participation Motivation Questionnaire (PMQ) here in Brazil. I know that it has already been validated in Portugal by Serpa & Frias in 1990, but Brazil and Portugal have some important cultural and language differences that justify a Brazilian validation.

The validating PMQ for Brazil would be my master degree thesis, the most important academic work I will have done here at UDESC – and, hopefully, I will help many P.E. teachers and students in their sports participation motivation researches.

I would be committed to informing you about my progress and, of course, taking into account every suggestion you may have for me. Since now, I'm interested in knowing, in your opinion, which were the most important researches done with PMQ, in order to read and insert them into my literature review. I also would like to know if it is possible for you to send me your original research / article alongside professors Gross & Huddleston (1983), since I am having a bit of a trouble to get hold of it.

Of course, I am at your disposal to answer any questions you deem necessary. If can even phone you at your university to make myself clearer.

Thank you for your kind attention,

Mario Luiz C. Barroso
CEFID / UDESC
55-48-9973-7817
mario@m17.com.br
marioluiz17@terra.com.br

ANEXO 2 – Questionário Original de Gill et al. (1983)

PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE

Below are some reasons that people give for participating in sports. Read each item carefully and decide if that item describes a reason why you participate in your sport. Mark an "X" to indicate if that reason is Very Important, Somewhat Important, or Not at all Important for you.

	Very Important	Somewhat Important	Not at all Important
1. I want to improve my skills	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. I want to be with my friends	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. I like to win	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. I want to get rid of energy	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. I like to travel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. I want to stay in shape	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. I like the excitement	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. I like the teamwork	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. My parents or close friends want me to play	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. I want to learn new skills	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. I like to meet new friends	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. I like to do something I'm good at	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. I want to release tension	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. I like the rewards	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. I like to get exercise	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. I like to have something to do	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. I like the action	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. I like the team spirit	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. I like to get out of the house	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. I like to compete	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. I like to feel important	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. I like being on a team	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. I want to go on to a higher level	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. I want to be physically fit	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. I want to be popular	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. I like the challenge	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. I like the coaches or instructors	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. I want to gain status or recognition	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. I like to have fun	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. I like to use the equipment or facilities	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ANEXO 3 – QMAD original enviado por Serpa

Questionário de Motivação para as Actividades Desportivas

D. Gill: J. Gross & s. Huddleston

Adaptação Sidónio Serpa & Jorge Frias (FMH - Laboratório de Psicologia do Desporto)

Indica-se a seguir um conjunto de motivos que podem levar as pessoas à prática da actividade desportiva. Leia-os com atenção e assinale na escala o nível de importância que cada um deles tem para si. Não há respostas certas ou erradas. Responda a todas as questões mesmo que hesite em certos casos.

	Nada Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Totalmente Importante
1. Melhorar as capacidades técnicas	1	2	3	4	5
2. Estar com os amigos	1	2	3	4	5
3. Ganhar	1	2	3	4	5
4. Descarregar energias	1	2	3	4	5
5. Viajar	1	2	3	4	5
6. Manter a forma	1	2	3	4	5
7. Ter emoções fortes	1	2	3	4	5
8. Trabalhar em equipa	1	2	3	4	5
9. Influência da família ou de amigos	1	2	3	4	5
10. Aprender novas técnicas	1	2	3	4	5
11. Fazer novas amizades	1	2	3	4	5
12. Fazer alguma coisa em que se é bom	1	2	3	4	5
13. Libertar a tensão	1	2	3	4	5
14. Receber prémios	1	2	3	4	5
15. Fazer exercício	1	2	3	4	5
16. Ter alguma coisa para fazer	1	2	3	4	5
17. Ter acção	1	2	3	4	5
18. Espírito da Equipa	1	2	3	4	5
19. Pretexto para sair de casa	1	2	3	4	5
20. Entrar em competição	1	2	3	4	5
21. Ter a sensação de ser importante	1	2	3	4	5
22. Pertencer a um grupo	1	2	3	4	5
23. Atingir um nível desportivo mais elevado	1	2	3	4	5
24. Estar em boa condição física	1	2	3	4	5
25. Ser conhecido	1	2	3	4	5
26. Ultrapassar de desafios	1	2	3	4	5
27. Influência dos treinadores	1	2	3	4	5
28. Ser reconhecido e ter prestígio	1	2	3	4	5
29. Divertimento	1	2	3	4	5
30. Prazer na utilização das instalações e material desportivo	1	2	3	4	5

ANEXO 4 – Comentários de Gill sobre diferentes versões do PMQ e escala Likert

----- Original Message -----

From: [Diane L. Gill DLGILL](#)

To: [Mario Luiz](#)

Sent: Saturday, September 15, 2007 10:54 AM

Subject: Re: Validation of PMQ in Brazil - Part 2

Mario,

It sounds like your work is going well. I'm not surprised that you found many versions of the questionnaire. Also, it's not surprising that items do not all fit your population very well. The PMQ was developed for a youth sport population and fits that group best. I never did any continuing psychometrics or follow up research with the measure as I have with others, so work is sporadic.

Also, it's about 25 years old. If you're working with adult exercisers or sport participants, you would likely have different motives/reasons. The original scale used 3-points and that worked fine with youth. Whether a 5-point scale is more discriminating or valid is an open question. Also, the number of factors and structure is certainly not settled, and would need more sampling and psychometric analyses. You may need to adapt the measure to fit your population and purposes, but it sounds like you're taking the right steps.

Diane L. Gill
 Professor, Department of Exercise & Sport Science
 University of North Carolina at Greensboro
 P.O. Box 26170
 Greensboro, NC 27402-6170
 Phone: 336-334-4683
 FAX: 336-334-3238
 E-mail: dlgill@uncg.edu
 webpage: <http://www.uncg.edu/ess/faculty/dianegill.html>

Hello, dr.Gill!

How are you? I hope this e-mail finds you well.

As promised, I am keeping you posted about my work in the Brazilian validation of PMQ. Thank you again for all the help you have given until now!

Let's see some steps that have been taken:

1) I am following the Beaton et al. (2002) translation & transcultural adaptation protocol, adopted by AAOS (American Association of Orthopaedic Surgeons), mostly in use in the health sciences area here in Brazil.

2) Two translators have already translated your original PMQ questionnaire into Portuguese, and we have met and chosen the best option for each one of the 30 items.

3) An American English teacher, who has been here in Brazil for more than 5 years is now doing the back-translation. Soon, we will send it to your approval.

Now, I have some doubts, I hope you can help me with:

1) I only have found the abstract from the Dwyer (1992) article. Until now, I know that he opted for a 5 points Likert scale and six motivational factors. Is this "six factors" version PMQ that you would recommend applying nowadays?

2) Some items, when applied to intercollegiate athletes in a "test drive", have very low scoring, showing that things like parents influence (item 9, "My parents or close friends want me to play") and context (item 30, "I like to use the equipment or facilities") aren't important to this population, probably due to the age difference from your original research in 1983. Would you oppose to replacing such items for health issues ones?

Thank you again for your kind attention, and, as I have promised before, I will keep you posted as my work progress.

Have a nice weekend,
 Mario

ANEXO 5 – E-mail do prof. Sidónio Serpa sugerindo a análise fatorial (e, conseqüentemente, recategorização de itens) caso o QMAD seja aplicado no Brasil

----- Original Message -----

From: [Gustavo Mazzi](#)
To: [Mario Luiz Couto Barroso](#)
Sent: Monday, October 01, 2007 6:12 PM
Subject: Fwd: informações sobre o QMAD

Mario, esse é o email que o prof Sidonio me mandou a respeito do QMAD, espero que ajude

Abraço

----- Forwarded message -----

From: **Sidonio Serpa** <sserpa@fmh.utl.pt>
Date: Oct 1, 2007 10:15 AM
Subject: Re: informações sobre o QMAD
To: Gustavo Mazzi <gustavomazzi@gmail.com>

Caro Gustavo,

Aqui vai o processo de tradução e adaptação do QMAD que na época utilizámos. Desconheço a factorização do Prof. Fonseca, mas sugiro que seja feita nova análise fatorial, até porque se aplicar à população brasileira, os resultados deverão ser confirmados.

Um abraço

Sidónio Serpa

----- Original Message -----

From: [Gustavo Mazzi](#)
To: [Sidonio Serpa](#)
Sent: Thursday, September 27, 2007 7:15 PM
Subject: informações sobre o QMAD

Bom Dia prof Sidonio

Gostaria de saber, sobre o instrumento QMAD, duas coisas:

1) Quais questões contam com a pontuação invertida no QMAD: 20 e 26 ou 4 e 26?

2) Hoje, o senhor recomenda a divisão dos 30 itens em 7 categorias motivacionais conforme a pesquisa original de 1992, ou sugere que os aplicadores do questionário usem a divisão proposta pelo prof. Fonseca em 2001?

Agradeço a atenção e aguardo resposta

Com os melhores cumprimentos

Gustavo Cusumano Mazzi

ANEXO 6 – Tabelas com dados estatísticos sobre PMQ e QMAD

Tabela 1: Dados estatísticos sobre o estudo original do PMQ.

Categorias	Itens	Variância	Consistência (*)
Status	6	19,4%	0,76
Atividade em Grupo	3	16,4%	0,78
Condicionamento Físico	3	12,7%	0,75
Liberação de Energia	5	11,7%	0,65
Outros	3	10,3%	0,49
Desenv. de Habilidades	3	10,2%	0,44
Afiliação	4	10,0%	0,30
Diversão	3	9,2%	0,55

(*) α de Cronbach

Tabela 2: Dados estatísticos sobre o estudo original do QMAD.

Categorias	Itens	Variância	Consistência (*)
Realização-estatuto	8	25,4%	0,68
Divertimento	6	9,15%	0,65
Actividade em grupo	6	10,3%	0,68
Contextual	3	7,73%	0,66
Aptidão Física	4	2,68%	0,61
Aperfeiçoamento Técnico	2	2,28%	- 0,24
Influência da família	1	-	-

(*) α de Cronbach

Tabela 3: Número de itens nos questionários e respectivos cálculos de consistência interna

Gill et al. (1983)			Serpa e Frias (1990)		
Categorias PMQ	Quantidade Itens	Consistência (α de Crombach)	Categorias QMAD	Quantidade De Itens	Consistência (α de Crombach)
1- Status	6	0,76	1- Status	8*	0,68
2- Grupo	3	0,78	2- Diversão	6	0,65
3- Aptidão	3	0,79	3- Grupo	6	0,68
4- Energia	5	0,69	4- Contexto	3	0,66
5- Contexto	3	0,49	5- Aptidão	4	0,61
6- Técnica	3	0,44	6- Técnica	2*	- 0,24
7- Afiliação	4*	0,30	7- Influência	1	-
8- Diversão	3	0,55	.	.	.

(*) Um ou mais itens destas questões têm seus valores somados invertidos.

ANEXO 7 – Tradução reversa do QMPE para a autora Diane L. Gill

PMQ – Backtranslation from the Brazilian version:

PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE

1. I want to improve my technique
2. I want to hang out with my friends
3. I like to win
4. I need to release energy
5. I like to travel
6. I want to stay in shape
7. I like the “adrenalin”
8. I like teamwork
9. My parents and / or friends want me to play
10. I want to learn new skills
11. I like to make friends
12. I like doing things that I'm good at
13. I need to release tension
14. I like to win awards
15. I like to work out
16. I like having something to do
17. I like the movement
18. I have team spirit
19. I like getting out of the house
20. I like competing
21. I like to feel important
22. I like to be part of a team
23. I want to go beyond my own limits
24. I want to be in shape
25. I want to be popular
26. I like challenges
27. I like the coaches and / or teachers
28. I want to have status or to be recognized
29. I like to have fun
30. I like to go to the gym and to use the sporting equipment

I would like to include 3 more questions:

- I want to stay (keep) healthy
- I want to get healthier
- I want to acquire healthy habits

ANEXO 8 – Comentários de Diane L. Gill sobre a tradução reversa

Mario,

I apologize for the delay. I was out of town for a conference last week, and this week has been busy as I've been preparing to leave again.

I did look through the items and most like fine.

On #28 - to keep the wording consistent - I would change it to: I like the team spirit (rather than I have the team spirit).

Your first 2 added questions look fine, but the 3rd added on (I like to keep healthy while having a good time) is NOT a good item - it actually is 2 items. The first part - I like to keep healthy - same as the first added questions. the second part - I like having a good time - could be an item.

I'm not sure what else you might want to get at with this item that isn't already covered in the first 2.

Diane L. Gill

Professor, Department of Exercise & Sport Science

University of North Carolina at Greensboro

P.O. Box 26170

Greensboro, NC 27402-6170

Phone: 336-334-4683

FAX: 336-334-3238

E-mail: dlgill@uncg.edu

webpage: <http://www.uncg.edu/ess/faculty/dianegill.html>

Hello, dr.Gill!

I hope this e-mail finds you well.

It has been a week since I have sent you this very same e-mail, the "part 3". Since you have always answered so promptly, I thought about two possibilities: a) You have traveled for a congress and didn't have time to check your e-mails; b) Since it was the first e-mail that I have sent with an attachment, my e-mail got trapped in some anti-spam filter and didn't get to your "in box".

Fearing the second case, I am sending you the backtranslation e-mail again, now without attachment, hoping that it finds its proper way to you. If it is the first case scenario... sorry for bothering you again with the same thing. Anyway, I am in a very important part of process, one that needs your approval for going on.

That's it. I hope to reading from you soon, and thank you again for your kind attention.

The lines below are a "reprise" from one week ago.

Best regards,

Mario

PS: if it is possible, I can send you again the backtranslation attached, and also the Brazilian Portuguese version if you wish. I also have a flow chart form the protocol I am using, and I can send it to you too!

In this e-mail I am sending you the backtranslation from the Brazilian version of PMQ in validation process. According to the protocol I am following, I have to send this backtranslation for your approval. As I have written in my last e-mail, it has been done by an American teacher who lives here in Brazil for more than 5 years.

I am sending his backtranslation attached AND copied below in this very same e-mail. I have also included my suggestion of three health-related itens, since my intended population is composed by intercollegiate athletes and, in the "test-drive", part of the participants mentioned health reasons to be in sports. The 3 questions are also for your approval.

I have no intention of excluding any of your original 30 items, so the Brazilian version would have 33 items.

Thank you again for your kind attention,

Mario

PMQ – Backtranslation from the Brazilian version:

PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE

1. I want to improve my technique
2. I want to hang out with my friends
3. I like to win
4. I need to release energy
5. I like to travel
6. I want to stay in shape
7. I like the “adrenalin”
8. I like teamwork
9. My parents and / or friends want me to play
10. I want to learn new skills
11. I like to make friends
12. I like doing things that I'm good at
13. I need to release tension
14. I like to win awards
15. I like to work out
16. I like having something to do
17. I like the movement
18. I have team spirit
19. I like getting out of the house
20. I like competing
21. I like to feel important
22. I like to be part of a team
23. I want to go beyond my own limits
24. I want to be in shape
25. I want to be popular
26. I like challenges
27. I like the coaches and / or teachers
28. I want to have status or to be recognized
29. I like to have fun
30. I like to go to the gym and to use the sporting equipment

I would like to include 3 more questions:

- I want to stay (keep) healthy
- I want to get healthier
- I like to keep healthy while having a good time

ANEXO 9 – Aprovação de Diane L. Gill da versão brasileira oficial do PMQ

Mario,
All looks fine to me. Good luck with the rest of your work.

Diane L. Gill
Professor, Department of Exercise & Sport Science
University of North Carolina at Greensboro
P.O. Box 26170
Greensboro, NC 27402-6170

Hello again, dr.Gill!

I've talked to my adviser and he came up with a good solution for the problematic third added item. I hope that with the new alternative and the wording correction of number 18 item the Brazilian PMQ is apt for your approval! Here is the new version:

PMQ – Backtranslation from the Brazilian version:

PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE

1. I want to improve my technique
2. I want to hang out with my friends
3. I like to win
4. I need to release energy
5. I like to travel
6. I want to stay in shape
7. I like the “adrenalin”
8. I like teamwork
9. My parents and / or friends want me to play
10. I want to learn new skills
11. I like to make friends
12. I like doing things that I'm good at
13. I need to release tension
14. I like to win awards
15. I like to work out
16. I like having something to do
17. I like the movement
- 18. I like the team spirit**
19. I like getting out of the house
20. I like competing
21. I like to feel important
22. I like to be part of a team
23. I want to go beyond my own limits
24. I want to be in shape
25. I want to be popular
26. I like challenges
27. I like the coaches and / or teachers
28. I want to have status or to be recognized
29. I like to have fun
30. I like to go to the gym and to use the sporting equipment

I would like to include 3 more questions:

- I want to stay (keep) healthy
- I want to get healthier
- **I want to acquire healthy habits**

Best regards,
Mario

ESCALA DE MOTIVOS PARA PRÁTICA ESPORTIVA (EMPE)
“Participation Motivation Questionnaire (PMQ)”
D. GILL; J. GROSS & S. HUDDLESTON
Validada no Brasil por Mario Luiz C. Barroso & Ruy Jornada Krebs (2007)
(CEFID/UDESC - Laboratório de Desenvolvimento e Aprendizagem Motora)

PROTOCOLO DE UTILIZAÇÃO

Caro profissional: o instrumento que você tem em mãos foi desenvolvido nos EUA por Diane L. Gill, John B. Gross e Sharon Huddlestone em 1983 sob o título de *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ), e vem sendo usado por pesquisadores, técnicos e gestores esportivos no mundo inteiro, inclusive no Brasil, onde a versão adaptada em Portugal por Sidónio Serpa e Jorge Frias (QMAD, 1992) encontrou bastante espaço. Considerando as diferenças culturais e de faixa etária com relação a esses dois instrumentos, desenvolveu-se a presente versão para adultos jovens brasileiros.

FORMA DE APLICAÇÃO

- Peça ao respondente que assinale o quanto cada um dos 33 itens do instrumento é importante numa escala de 0 a 10;
- Oriente-o a preencher todos os itens sem exceção;
- Quando aplicar em grupo, peça para os participantes evitarem conversar ou observar as marcações do colega para que não haja influência de resultados;
- Ao recolher, verifique se o respondente não esqueceu de assinalar algum item ou marcou duas vezes a mesma questão;
- Procure recolher também os seguintes dados: sexo, idade, modalidade praticada e tempo de prática na modalidade;
- O tempo médio de preenchimento é de 5 minutos.

CALCULANDO RESULTADOS

A EMPE visa determinar os motivos de prática esportiva de quem a preencher, sendo que esses motivos, apresentados em 33 itens, são agrupados posteriormente nos 7 **fatores motivacionais** discriminados a seguir. Para determinar a importância de cada fator motivacional para o respondente, calcule sua média, somando os valores assinalados nas questões a ele pertencentes e dividindo pelo número de questões. Portanto, se um fator abriga

4 itens, basta somar os valores assinalados em cada um deles e dividir por 4. As médias obtidas podem ser classificadas das seguintes formas: **fator motivacional nada importante** (valores entre 0,0 e 0,99); **pouco importante** (entre 1,0 e 3,99); **importante** (entre 4 e 6,99); **muito importante** (entre 7 e 9,99) e **totalmente importante** (10).

Fatores/Categorias Motivacionais

Fator 1 (**status**): 3, 13, 15, 21, 23, 27 e 30.
 Fator 2 (**condicionamento físico**): 6, 16 e 26
 Fator 3 (**energia**): 4, 7, 14, 17, 18 e 31
 Fator 4 (**contexto**): 5, 9, 20, 29 e 33
 Fator 5 (**técnica**): 1, 10, 25 e 28
 Fator 6 (**afiliação**): 2, 8, 12, 19 e 24
 Fator 7 (**saúde**): 11, 22 e 32

CONFIABILIDADE DO INSTRUMENTO

A EMPE foi validada para o Brasil com autorização da autora Diane L. Gill. Para sua tranquilidade, abaixo segue a tabela comparativa de consistência interna do instrumento, superior ao PMQ original em quase todas as categorias.

Tabela 1 – Índices de consistência interna da EMPE e do PMQ original.

EMPE			PMQ		
Categorias	Nº. de Itens	Consistência*	Categorias	Nº. de Itens	Consistência*
Status	7	0,88	Status	6	0,76
-	-	-	Ativ. Grupo	3	0,78
Cond. Físico	3	0,78	Cond. Físico	3	0,79
Energia	6	0,76	Energia	5	0,69
Contexto	5	0,74	Contexto	3	0,49
Técnica	4	0,78	Técnica	3	0,44
Afiliação	5	0,86	Afiliação	4	0,30
-	-	-	Diversão	3	0,55
Saúde	3	0,86	-	-	-

(*) Alfa de Cronbach.

Se você tiver alguma dúvida quanto à Escala de Motivos para Prática Esportiva, consulte Barroso (2007) para ter acesso a todo o processo de validação ou entre em contato direto com o autor: mario@m17.com.br .

BARROSO, Mario Luiz C. **Validação do *Participation Motivation Questionnaire* Adaptado para Determinar Motivos de Prática Esportiva de Adultos Jovens Brasileiros.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis/SC.

ESCALA SOBRE MOTIVOS PARA PRÁTICA ESPORTIVA (EMPE)

“Participation Motivation Questionnaire (PMQ)”

D. GILL; J. GROSS & S. HUDDLESTON

Validada no Brasil por Mario Luiz C. Barroso & Ruy Jornada Krebs (2007)
(CEFID/UDESC - Laboratório de Desenvolvimento e Aprendizagem Motora)

Abaixo temos alguns motivos que fazem com que as pessoas pratiquem esportes. Leia cada item com atenção e, por favor, marque com um “X” o quanto cada um deles é importante para **você** praticar sua modalidade **HOJE**.

	Nada importante	Pouco importante			Importante			Muito importante			Totalmente importante
1. Eu quero melhorar minha técnica	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2. Eu quero estar com meus amigos	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3. Eu gosto de vencer	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4. Eu preciso liberar energia	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5. Eu gosto de viajar	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6. Eu quero ficar em forma	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
7. Eu gosto de sentir emoções fortes	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
8. Eu gosto de trabalhar em equipe	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
9. Meus pais e/ou amigos querem que eu jogue	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
10. Eu quero aprender novas técnicas	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11. Eu quero manter a saúde	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
12. Eu gosto de fazer novas amizades	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
13. Eu prefiro fazer algo em que sou bom	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
14. Eu preciso liberar tensão	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
15. Eu gosto de ganhar prêmios	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
16. Eu gosto de fazer exercícios	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
17. Eu gosto de ter algo para fazer	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
18. Eu gosto de estar fisicamente ativo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
19. Eu gosto do espírito de equipe	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
20. Eu gosto de sair de casa	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
21. Eu gosto de competir	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
22. Eu quero adquirir hábitos saudáveis	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
23. Eu gosto de me sentir importante	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
24. Eu gosto de fazer parte de uma equipe	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
25. Eu quero superar meus limites	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
26. Eu quero estar em forma	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
27. Eu quero me destacar socialmente	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
28. Eu gosto de desafios	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
29. Eu gosto dos técnicos e/ou professores	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
30. Eu quero ganhar status ou ser reconhecido	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
31. Eu gosto de me divertir	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
32. Eu quero melhorar ainda mais minha saúde	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
33. Eu gosto de usar instalações e equipamentos esportivos	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10